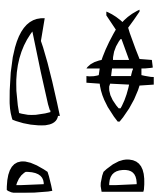


EPÍSTOLAS
THELÊMICAS

Frater Gehenayad 155





A.:A.:
Publicação em Classe C.
Imprimatur:
N. Fra. A.:A.:

Copyright © 2006 Instituto Aleister Crowley.
Copyright © 2006 Editora Coph Nia Ltda.

Revisão

Johann Klaus Schneider

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do Editor (Lei n. 9.610, de 19.02.98).

Editora Coph Nia Ltda.
Rua João Negrão 731 SL 1212 – Centro
CEP: 80010-200 – Curitiba – PR
Caixa Postal: 11502 – CEP: 80430-980
Fone/Fax: (41) 3027-0736
Site: www.cophnia.com.br
E-mail: editora@cophnia.com.br

Capítulo 1

05/10/2006 - 07:00

Probacionista 0°=0°

93.

O Probacionista é o mais santo entre os membros do Colégio Externo, porque é cego e ainda assim prova a si mesmo, sem garantias de sucesso, sem promessas de futuro.

O Probacionista é tão santo que seu Robe é o mesmo do Adeptus Minor, imaculado e puro.

Se pudesse o Probacionista reconhecer sua Divindade e Identidade com a Coroa (Kether), ele não teria necessidade de pôr o pé no Caminho, fazendo girar a ROTA.

Mas ele o faz, porque morde o fruto da Árvore do Bem e do Mal, e a partir daí perde sua natureza imaculada e suas vestes se tornam escuras até que ele possa obter o Conhecimento e Conversação de seu S.A.G., quando então suas vestes voltam novamente a ser imaculadas.

Ao santo Probacionista nada é pedido, além de persistir, pois ele próprio estabelecerá seu trabalho no Grau sem que ninguém nele intervenha. Talvez a solidão de trabalhar por si só o assuste, mas seu Neófito sabe que é assim que tem de ser. Se não persistir, terá falhado.

As Qliphoth que tanto o assustam não são mais nada além de seus próprios pensamentos, pois como está escrito no *Zohar* 1:99b, “quando uma pessoa quer unificar o Santo Abençoado e sua Divina Presença, ele deve banir todos os outros pensamentos”. Estes pensamentos são Qliphoth [קליפות], Cascas, sobre as quais está escrito “existem muitos pensamentos no coração do homem”. – *Provérbios* 19:20.

Se o Probacionista persistir, sua Tarefa à medida que avança nos Graus será eliminar mais e mais estas Qliphoth que tanto o amedrontam.

E que ele se lembre que sua origem é divina e provém de Kether, e que שתין é o Arquidemônio Qlifótico da Sephirah da Coroa.

93, 93/93.

Probacionista 0°=0°**93.**

O atributo do Probacionista é **נִסְיוֹנִי** (*nisyoni*), “provado”, “tentado”, “experimental”, “tentativo”, que é também o atributo do Caminho do Atu XIV, “A Arte”.

O Probacionista deve meditar na razão de seu atributo ser também aquele do Caminho que leva a Tiphareth pelo Pilar do Meio, o Caminho do Dominus Liminis.

נִסְיוֹן (*nisyon*), “tentação”, “provação” soma 826 que é também a numeração de **צִמְצוּם** (*tzim-tzum*), a “contração”.

צִמְצוּם (*tzim-tzum*), a “contração”, é a teoria cabalística de que Deus contraiu Sua Luz antes da Criação, formando um Espaço Vazio no qual a Criação (Manifestação) pudesse ocorrer. Como não poderia haver Criação naquele Espaço Vazio sem pelo menos um mínimo de Presença Divina (*Shekinah*), a fim de que Seu poder criativo pudesse estar neste Espaço Vazio, Ele o contraiu (o seu poder criador) em um único raio de Sua Luz. Foi através deste único raio que toda a Criação pode ocorrer.

Que o Probacionista, e todos os membros dos Graus acima, meditem Quem é este raio de Luz Divina contraído que nos torna idênticos a Deus.

Dizem que o Sol de nosso sistema solar, por mais gigantesco que pareça, é este ínfimo e contraído raio da Luz de Deus.

Mas para o Probacionista esta meditação associativa é obrigatória, pois que ele, o Probacionista, é idêntico à Coroa.

93, 93/93.

Probacionista 0°=0°**93.****...aprenderá de memória um capítulo de Liber LXV.****Liber LXV**

Capítulo I: o Colégio Externo e o Adeptus Minor externo; a lembrança eventual (*flashes*) de vidas passadas; a reação “material e física” devido a aproximação do Anjo; processo de purificação (*yama, niyama, āsana, prāṇāyāma*) para aproximar-se d’Ele; mensagens entre o Adepto e o Anjo baseadas em símbolos subconscientes e/ou inconscientes quase sempre distorcidas pelo meio em que vive o Adepto; compreensão instintiva da relação Anjo-Adepto (natureza superficial da Verdadeira Vontade).

Capítulo II: Colégio Interno e o Adeptus Minor interno; início da preparação mental (*pratyāhāra* e *dhāraṇā*); os efeitos da presença d’Ele na mente do Adepto – visões astrais durante as práticas diárias e noturnas; domínio da concentração; entrega e sacrifício final da personalidade; mensagens entre o Adepto e o Anjo baseadas em formulações mentais e racionais e símbolos inconscientes, embora ainda distorcidas pela natureza do *karma* que o ego reencarnante gerou em todas as vidas passadas e a presente; compreensão racional da relação Anjo-Adepto (natureza mental e lógica da Verdadeira Vontade).

Capítulo III: os Graus de Adeptus Major e Exeptus; final da preparação mental (*dhyāna*); os efeitos da presença do Anjo na mente supraconsciente do adepto – *insights*, intuição, sensibilidade, paranormalidade; visão do Beleza do Universo e da Criação Divina; rendição à presença d’Ele; amor irrestrito pela humanidade manifesto através do Amor para com o Anjo; mensagens entre o Adepto e o Anjo baseadas em formulações intuitivas e instantâneas, sem intermediação da mente consciente e/ou subconsciente do Adepto; compreensão intuitiva da relação Anjo-Adepto (natureza profunda da Verdadeira Vontade).

93, 93/93.

Probacionista 0°=0°

93.

Capítulo IV: o Colégio Secreto e o Grau de Magister Templi; a revelação pelo Anjo da verdadeira relação Anjo-Adepto (natureza ultimal da Verdadeira Vontade); passagem pelo Abismo (o Bebê do Abismo – o Adepto; e a Babá do Abismo – o Anjo); o método de Consecução Final nos três últimos Graus – Magister Templi, Magus e Ipsissimus; *samādhi*; comunicação ininterrupta com o Anjo baseada em símbolos límpidos e claros; a antítese *Evil Persona* x Sagrado Anjo Guardião.

Capítulo V: o Adepto e o Anjo são Um. Não! São Nada em Kether!

93, 93/93.



Probacionista 0°=0°**93.**

Mestre Therion em *Liber ABA*, Cap.7-IV, menciona que quanto maior a diferença entre os dois lados da equação, maior a dificuldade de cumprir o Grau, ou seja, que se considerarmos a *operação pessoal* simbolizada pelas equações dos Graus, é muito mais difícil tornar-se um Neófito 1°=10° do que passar deste Grau a Zelator 2°=9°, e que sob certo ponto de vista esta dificuldade diminui à medida que o Adepto se aproxima de Tiphareth, quando a equação é 5°=6°, ou seja, a diferença é de apenas 1.

Mas ele também adverte que, especialmente após a passagem por Tiphareth, a distância entre os Graus *aumenta* como se por progressão geométrica com um fator enormemente alto.

Logo, podemos ver que não é a *velocidade da consecução* que aumenta à medida que se avança, e sim a *dificuldade em obter a consecução* e avançar nos Graus além de 5°=6° é que aumenta em progressão geométrica.

Daí ter-se de meditar em qual deveria ser a operação de um Probacionista 0°=0°, já que este é o único Grau no qual a operação pessoal não gera uma “diferença” na equação e que já está resolvida por si só, sem qualquer esforço por parte do praticante!!!

Além disso Mestre Therion também menciona que os Graus, tais como o de Zelator 2°=9° possuem uma relação inversa, sob certo ponto de vista, de identidade com o Grau de Magus 9°=2°, e que o Grau de Practicus 3°=8° com o de Magister Templi 8°=3°, e o Philosophus 4°=7° com o Adeptus Exemptus 4°=7°.

Mas e o Probacionista 0°=0° possui identidade com quem?! Não é com o Ipsissimus, pois um 10°=1° deve estar relacionado a um Neófito 1°=10°.

O Probacionista deve, assim como todos os outros Graus também o devem mas sempre em relação a sua identidade reversa, meditar sobre sua identidade com AIN SOPH AUR, além de Kether.

93, 93/93.

Probacionista 0°=0°

93.

“...o Diário do Magista é seu maior bem”.

“é melhor falhar na Cerimônia Mágica do que falhar na transcrição de um registro detalhado da mesma”.

Mestre Therion menciona em *Liber ABA* que por mais exausto que o Magista esteja após realizar uma Cerimônia Mágica ele deve fazer todos os esforços para registrar sua prática.

Isto requer “método”, que é, juntamente com a persistência, os dois princípios fundamentais que o Probacionista deve adquirir e assimilar permanentemente em seu caráter mais do que qualquer outra coisa durante seu período de Probacionato.

Mestre Therion segue ainda dizendo algo de suma importância para todo Magista, e que deveria ser, portanto, já estudado e posto em prática pelo Probacionista.

“De um certo ponto de vista, o progresso mágico consiste, na verdade, em decifrar nosso próprio Diário”. E continua na nota a este comentário: “Somos uma estrela no corpo de Nuit, cada encarnação sucessiva é um véu, e a aquisição da memória mágica um desvelar gradual desta estrela, deste deus”.

Este é o real objetivo, além de inculcar método científico no Magista, de manter um Diário, que seja, auxiliá-lo a identificar sua natureza, sua relação cármica com o S.A.G., suas fraquezas e portanto maior necessidade de trabalho em tais aspectos, seus símbolos, etc.

Por isso o Diário de um Magista não se limita apenas a registrar estritamente o momento de suas práticas, mas registra também suas idéias durante o dia, as fontes de suas idéias (se foram motivadas por sua prática ou por suas leituras, etc.), seus sonhos, os símbolos nestes sonhos (para que ele possa listar quais símbolos são recorrentes), o estudo gemátrico destes símbolos, etc.

Tudo deve ser feito com o mais estrito e claro senso científico, como se estivessemos a preparar um relatório para nosso chefe ou uma monografia para o professor.

Quanto mais completo o diário do magista, mais fácil será para que ele identifique sua natureza, e seu Instrutor, o seu progresso.

93, 93/93.

Probacionista 0°=0°

93.

“Ó Tu, Unidade de todas as coisas: como a água que escorre por entre os dedos de minha mão, assim és Tu, ó Deus meu Deus!” – Liber 963.

Uma das Tarefas do Probacionista 0°=0° mais negligenciadas, e talvez por isso haja tantas deserções neste Grau, é o estudo de *Liber 963*, “A Câmara do Tesouro das Imagens”.

O Probacionista 0°=0° deve aprender de cor o Capítulo de *Liber 963* que corresponda ao Signo Zodiacal de seu nascimento. Se não é possível saber exatamente qual Signo reinava em seu Mapa Natal, ele deve aprender de cer o Capítulo “A Dodécupla Unificação de Deus” deste mesmo Liber.

Isto é imprescindível para que o Probacionista 0°=0° comece a se inteirar de sua natureza e da relação entre seus veículos mais densos, corpo e mente, e as sutilezas do Mundo Astral.

Liber 963 (“Tesourou Eidolon”) é composto de hinos de exaltação sobre os 12 Signos do Zodíaco escritos por Fr. N.S.F. 5°=6°, os quais têm por objetivo levar o adepto a êxtases cada vez mais profundos no interior do Anel Zodiacal dos 12 Signos e Constelações de nosso Sistema Solar.

A Tarefa do Probacionista 0°=0° será repetida pelo Zelator 2°=9°, mas agora completamente no Corpo de Luz, seguindo as Instruções em Classe A deste Liber compostas pelas notas de Mestre Therion ao mesmo.

O Probacionista 0°=0° deve também estudar os outros Capítulos deste Liber de forma a compreender a natureza da sucessão de manifestações de seu S.A.G. em nosso Sistema Solar, conforme determinado em *Liber 963*: “percepção de Deus”, “afirmação de Deus”, “renúncia de Deus”, “conjuracão de Deus”, “certitude de Deus”, “glorificação de Deus”, “rogação de Deus”, “gratificação de Deus”, “negação de Deus”, “regozijo de Deus”, “humilhação de Deus”, “lamentação de Deus”, “desnortamento de Deus”, “unificação de Deus”, “os 169 chamados de adoração” e “a Inconsciência de Deus”.

O Probacionista 0°=0° deve particularmente recitar os 169 Chamados de Adoração a sua Estrela toda vez que ela se erguer no Céu.

93, 93/93.

Probacionista 0°=0°**93.****Ateh Malkuth ve-Geburah ve-Gedulah le-Ohlam Amen.****אתה מלכות וגבורה וגדולה לעולם אמן:**

O Probacionista deve ter obtido a maestria no Ritual Menor do Pentagrama antes de assumir o Grau de Neófito 1°=10°.

Este ritual é de suma importância, e talvez mais importante que ele para o Probacionista somente *Liber Resh* pode ser incluído.

Embora o Ritual Menor do Pentagrama e *Liber Resh* pareçam não ter relação alguma, ambos dirigem o praticante ao centro da Árvore da Vida, Tiphareth, de maneiras diferentes.

Liber Resh revela ao praticante que o sol nunca se põe de verdade, e o ensina a adorar seu Sol em todas as “estações” pelas quais passa durante um dia completo, um Grau entre os 360 que compõem o Ano Solar.

O Ritual Menor do Pentagrama fixa o praticante em sua Cruz, como prenúncio da Obra a ser realizada quando atingir Tiphareth, o Sol.

אתה (*ateh*) é uma Fórmula do S.A.G., pois inclui o todo da Criação simbolizado pela permutação das 22 Letras do Alfabeto Hebraico (por isso, a Fórmula se inicia com Aleph e termina com Tau), terminando com a letra He (que soletrada por completo, **הה**, significa “portal”, “janela”), que é um símbolo da transmissão deste poder criador divino.

O praticante, então, fixa esta fórmula em Malkuth, depois em Geburah, em Chesed, e termina com **אמן** (*amen*) que é um título de Kether, a origem divina da presença do S.A.G. em Tiphareth. Está cumprida a Crucificação de Seu Ser na Árvore da Vida.

A maestria no Ritual Menor do Pentagrama é obtida quando o Praticante é capaz de plasmar os Pentagramas e Nomes Divinos em fogo no interior de seu Templo, chegando o dia em que não será necessário realizar todo o ritual em si, e bastará ao Magista adentrar seu Templo e com um único ato de Vontade Mágica plasmar todos os Pentagramas e Nomes Divinos de uma única vez, mantendo-os plasmados até o fim de suas práticas.

Lembrando sempre que neste Ritual do Pentagrama os Elementos e Arcanjos estão relacionados à posição das Tábuas Elementais Enoquianas afixadas no Templo da antiga Golden Dawn, e não às das Sephiroth.

93, 93/93.

Probacionista 0º=0º

93.

“A verdade é, provavelmente, que a própria simplicidade da tarefa a torna difícil”.

Aparentemente nada de importância capital é exigido do Probacionista 0º=0º, além de que ele persista em sua prática escolhida.

Mas infelizmente isso não ocorre com frequência, e muitas das vezes o Probacionista se perde exatamente em sua falta de disciplina e aplicação.

Por isso, costuma-se passar ao Probacionista uma técnica meditativa muito simples em essência (o que não poderia ser de outra forma para o Grau de Probacionista), mas que trará ao praticante imediata consecução em disciplina.

A técnica é, na verdade, dividida em três partes que são praticadas à medida que algum sucesso é obtido na parte anterior.

Primeiro, o Probacionista deve escolher um *āsana*, apenas para que obtenha a disciplina de “parar” e “separar”, mas ele deverá praticar a técnica em qualquer situação.

Ele deve fechar seus olhos e contar mentalmente números pares, iniciando por 2, “fazendo-os” surgir em sua tela mental, em uma cor de preferência contrastante (azul, dourado, rubro, etc.).

Se perder a contagem 2, 4, 6, 8, 10, 12, etc, não se irrite. Volte ao início e recomece. Mas preste atenção para que o número “apareça” em sua tela mental da forma mais estável possível.

Não pule para o próximo número sem ter obtido a estabilidade no número que se tem na tela mental.

Quando se obtiver sucesso em contar números pares até 100, sem se perder na contagem nem deixar de visualizá-los estavelmente, pode-se passar a segunda técnica que é a contagem de números duplicados.

O processo é o mesmo: em *āsana*, conte 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, etc. O processo e o sinal de sucesso são exatamente os mesmos.

Quando obtiver sucesso em contar números duplicados até 10.000, deve-se passar à terceira técnica que é a contagem de triplos. Conta-se, então, 3, 6, 9, 27, 81, etc. até 10.000.

Não se atenha a praticar durante o *āsana*. Use-a ao andar, comer, pegar ônibus, etc. O sucesso está na persistência, sempre.

93, 93/93.

Probacionista 0°=0°

93.

Ao Probacionista 0°=0° só resta uma única saída. Ele “deve agarrar-se à sua aspiração – e afirmá-la sempre e sempre, até ao desespero”.

Não existe outra coisa a fazer durante o seu ano de Provação que não seja manter a disciplina em sua prática escolhida, fortalecido por sua aspiração ao Santíssimo.

Por menos que ele compreenda a origem e a natureza desta aspiração, por mais que as ondas do oceano sacudam a nau por entre as ondas gigantescas de sua natureza, ele deve manter o leme firme e gritar o Nome Santo de Adonai a todo momento em que se vir prestes a naufragar nas ondas da existência.

Ele deve lembrar-se que a própria simplicidade da tarefa o torna tão vulnerável ao fracasso, pois que sua mente anseia pelo complexo, pelo pomposo e pelo muito.

Esta é a primeira Provação de um adepto na Ordem, negar-se ao muito em prol do Único. E por mais simplório que isso possa parecer, nisso está a chave que o levará à Comunhão com seu S.A.G., muitos passos adiante.

A aspiração do Probacionista 0°=0° é nebulosa, pois sua “prece é a expressão do inferior aspirando pelo superior; e sem uma visão clara do superior, ele não compreende o que o superior deseja. E, por mais doce que seja seu perfume, ela é sempre nebulosa”.

A Prece é o Incenso e a Aspiração é o Fogo que queima o Incenso, por isso o Probacionista deve saber incensar seu Templo antes de toda prática realizada.

O Probacionista 0°=0° deveria ser capaz de preparar uma Prece de seu próprio punho e engenho de forma a que nela esteja o todo de sua Aspiração. E que ele a escreva em tinta dourada sobre um pergaminho virgem a ser mantido sobre seu Altar.

E, após realizar os rituais de banimento e invocação que ele creia mais eficazes, e antes da prática escolhida, que ele tome de seu pergaminho e o declame em honra ao seu S.A.G., clamando para que o objetivo único de sua existência se cumpra o mais breve possível – o Conhecimento e Conversação de seu Sagrado Anjo Guardião, sem o qual nada se justifica.

93, 93/93.

Probacionista 0°=0°

93.

“...a Grande Obra: que é obter um conhecimento científico da natureza e dos poderes de meu próprio ser”. – Juramento do Probacionista, *Liber Collegii Sancti*.

Esta é a grande Tarefa do Probacionista durante seu ano de Provação: travar conhecimento com sua natureza.

Todas as outras Tarefas são auxiliares a este grande único propósito.

Por isso lhe é concedido “estar consigo mesmo” durante a maior parte de seu Probacionato, sem uma constante intromissão em suas práticas por parte de seu Neófito.

E também por isso lhe é concedido que escolha “por seu próprio engenho” uma única prática durante este período.

A simplicidade do que lhe é exigido não é uma concessão por ser ele apenas um iniciante, mas sim a mais terrível das provações: estar só consigo mesmo para iniciar sua marcha rumo ao seu Sagrado Anjo Guardião.

Ele, durante este período, deve preparar-se como um soldado para a batalha em todos os campos, desde a estratégia até o fortalecimento de seus músculos.

Por isso, Mestre Therion adverte na Introdução a *Liber 418*: “a expansão histérica do ego significa a mais profunda traição possível contra a Verdade. [...] Induzindo [o tolo] a dizer as mais absurdas bobagens, e crer-se o maior homem do mundo. Ele conta cada fiasco como um sucesso. Vi diversos casos exatamente deste tipo causado por erros aparentemente triviais tais como: (i) consagrar um círculo de forma descuidada [...]; (ii) reivindicar um grau na Ordem sem a certeza de ter passado por todos os testes de forma perfeita em todos os pontos; (iii) presumir-se instruir um Probacionista em sua tarefa antes de tornar-se [realmente] um Neófito; (iv) omitir pontos essenciais do ritual como formalidades incômodas; (v) ou mesmo encontrar desculpas para erros deste tipo pelas quais um homem persuade a si próprio que suas falhas são realmente causadas pelo excesso de seus méritos”.

O Probacionista deve precaver-se contra os ataques de seu ego, “pois as ordálias de Iniciação não são leves”.

93, 93/93.

Capítulo 2

04/10/2006 - 19:57

Neófito 1º=10º

93.

O trabalho do Neófito de perscrutar o Plano Astral é muito interessante porque ele começa no Astral Inferior, e existe muito dele (e do que ele precisa “equilibrar” em si mesmo) ali. A medida que ele continua na prática, ele vai subindo para o Astral digamos “médio”, quando, então, vai em breve se tornar um Zelator e passar a incursionar pelo Astral Superior, cuja consecução final só é atingida quando o Adepto já é capaz de dominar minimamente a técnica de Aonho Lúcido alguns Graus acima.

Para tal é necessário usar o que normalmente se costuma chamar de “corpo de luz”, que é dividido em muitas “camadas” de densidade, desde o Corpo Físico (que é Luz em sua forma mais grosseira) até o Corpo de Luz refinado ao máximo do Adeptus Exemptus.

Enquanto se está manifesto (o que não significa dizer “encarnado”), ou seja, manifestando-se em uma das Sephiroth da Árvore da Vida, seja nesta Encarnação ou entre uma e outra, continua-se com um “corpo de luz” - e este é o significado para a tradição budista tibetana da “transmigração da consciência”, ou Reencarnação.

O Neófito 1º=10º, à medida que avança em suas incursões astrais, começa a perceber que a Luz neste plano não pode ser definida no sentido de claro ou escuro, porque a luz não tem esta relação com intensidade (mais claro, menos claro ou mais escuro, menos escuro), e sim com densidade (a Luz do Plano Astral Superior é mais “fina”, mas “leve” quando comparada com a do Astral Inferior). A relação é a mesma daquela que ocorre nos sonhos, uns são mais pesados outros mais leves e sutis.

O que ocorre é que no Plano Astral superior quem está filtrando a “realidade” manifesta naquele plano é a mente inconsciente ou supraconsciente, enquanto no plano Astral Inferior quem está atuante é a mente subconsciente.

93, 93/93.

Neófito 1º=10^º**93.**

Daí que existe esta gradação de densidade, porque existe um refinamento da consciência, da percepção desta realidade, à medida que deixamos os níveis inferiores em prol dos estágios mais avançados. Isto também determina a relação de que quanto mais elevado e mais sutil o plano, tanto menos “complicados” serão os símbolos.

Experiências astrais em que se apresentam dicotomias tais como claro e escuro, bom e mau, etc., são puramente provenientes do subconsciente do praticante que possui estas dicotomias como relações de oposição para que a mente consciente possa captar uma mensagem como “positiva” ou “negativa”. À medida que o praticante avança na prática ele começa a perceber essa gradação não como dicotomia e oposição, mas como uma relação apenas de densidades diferentes.

Maimônides, em seu *Guia dos Perplexos*, ao tratar da Profecia (processo este que depois vai interessar enormemente ao Practicus) trata deste processo em que a “profecia” passa pelos diversos “veículos” mentais do praticante até atingir a mente consciente deste. O valor e a veracidade, além da acuracidade, da Profecia depende de como estes outros veículos estarão refinados de forma a permitir que os símbolos desçam até a mente consciente sem serem deturpados. Este mesmo processo, revertido, é o que ocorre em ascensões astrais com o Neófito.

O Neófito precisa perceber, à medida que prossegue com suas práticas, esta relação exatamente de “rarefação”, quase como ocorre na atmosfera física à medida que se sobe por ela. Na verdade, este processo no Plano Físico é apenas uma correlação, ou melhor, uma identificação, no Plano Físico do mesmo processo de que ocorre quando se ascende a Nível Astral.

Igualmente interessante é perceber, neste tipo de prática, que a eletricidade natural do planeta, e muito mais ainda, a eletricidade mecanicamente “gerada” pelo homem afeta de forma significativa este tipo de “incursão” astral.

93, 93/93.

*Neófito 1º=10º***93.**

Nas práticas de Sonho Lúcido, tão logo se aprenda a voar conscientemente durante os sonhos, percebe-se que ao pular do chão, com o intuito de alçar vôo, a “gravidade” prende o Corpo de Luz no solo, embora cada vez com menor força à medida que o esforço é repetido, e depois se percebe que muitas vezes não se consegue ultrapassar determinadas alturas, mais ou menos à altura dos postes de fio, por causa da eletricidade destes. Antenas de televisão também são um problema a princípio, mas nada que não se consiga superar com a prática repetida.

Este é o trabalho mais importante de um Magista que pretende alcançar o S.A.G., ou seja, fortalecer seu Corpo de Luz, lembrando-se que neste caso fortalecer não significa torná-lo mais denso (embora isto ocorra de certa forma), e sim refiná-lo mais e mais à medida que se avança e ascende-se pelos Graus.

No Grau de Neófito 1º=10º, o teste que o elege e eleva ao Grau de Zelator é descobrir astralmente um símbolo que seu instrutor tenha desenhado e guardado no interior de uma caixa, ou dentro de um livro, etc. Só após descrever ao seu Zelator este símbolo é que ele é autorizado a avançar a Esfera de Yesod. Isto exige muita prática, e leva tempo até ter esta maestria.

Na verdade, Mestre Therion usava um outro tipo de teste baseado no símbolo da Qliphah pertencente ao Signo em que o Neófito que estava sendo testado nascera. Ele deveria, assim, investigar astralmente este símbolo e retornar com uma descrição detalhada da natureza do mesmo. A análise do símbolo da Qliphah do Signo a que pertencia o Neófito servia para pô-lo em contato astralmente com muito do que atravanca o Neófito em seu Caminho de Ascensão pela Árvore da Vida, já que o símbolo investigado representa a natureza intrínseca do lado negativo do Signo em que ele encarnou.

93, 93/93.

Neófito 1º=10□

93.

Tudo se resume a este trabalho com o Corpo de Luz, que é o trabalho mais direto. Todo o resto, meditação, rituais, invocação, *yoga*, tudo serve igualmente para refinar o Corpo de Luz, e pode até substituir a prática com o Corpo de Luz astralmente (o efeito e o método, na verdade, são os mesmos em todos eles porque dependem da concentração cada vez mais profunda a ser atingida).

Pois um Corpo de Luz refinado sugere que o Adepto é capaz de atingir *dhāraṇā*, concentração.

Essa é a chave para o Corpo de Luz, porque “refinado” aqui significa “concentrado” sem permitir que outras oscilações da mente penetrem e tornem grosseiro este “corpo de luz”.

Por isso o Corpo Físico é o aspecto mais grosseiro do Corpo de Luz, por causa da quantidade de oscilações e intromissões que chegam à consciência neste Plano Físico, desconcentrando-a.

Muitos Graus acima, o adepto irá compreender que não existe diferença entre o Corpo Físico, o Corpo Astral ou Corpo Mental, pois estes são o Corpo de Luz em diferentes densidades desta Luz, e esta Luz é chamada “consciência”. Só que em cada um destes Corpos a Consciência, a Luz, está vibrando em frequências diferentes, assim como a Luz vibra em frequências diferentes dando origem às diversas cores que percebemos, e mesmo àquelas que não percebemos com os olhos físicos como o caso do raio ultravioleta, o qual só pode ser percebido quando se obtém uma ferramenta adequada para tal. No caso do magista esta ferramenta se chama “corpo de luz”.

É preciso que o Adepto mantenha sempre em mente, enquanto se está trabalhando nos Graus desde os primórdios do Grau de Neófito, que tudo é Consciência, ainda que dividida por densidades diferentes (mais ou menos rarefeita). Porque se assim não for feito, o Neófito começa a acreditar que existem “seres”, “entidades” e “símbolos” que são exteriores e independentes de si mesmo. Isso será de extrema valia nos graus acima, sobretudo à medida que se eleva nos Planos Sutis.

93, 93/93.

Neófito 1º=10º

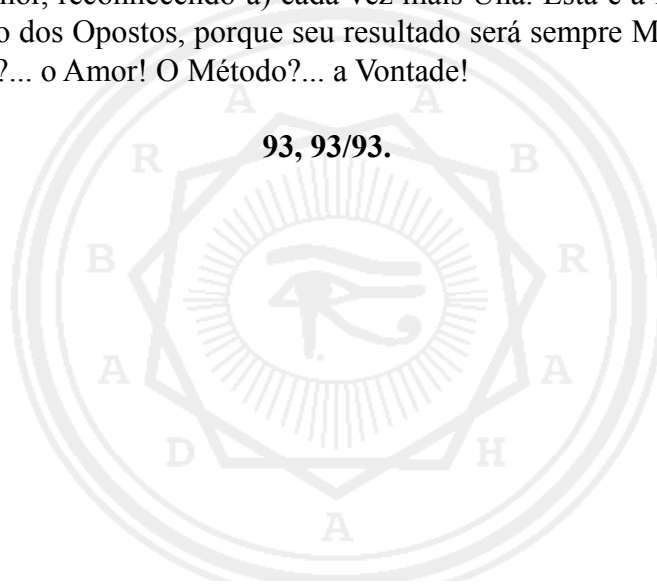
93.

Nuit diz em *Liber Legis* I:29-30, que “eu estou dividida por causa do amor, para a chance de união. Esta é a criação do mundo, para que a dor da divisão seja como nada, e o prazer da dissolução tudo”.

O que Nuit quer dizer é simplesmente que o Amor é a Chave, a Lei, para que a idéia de diferentes densidades da Consciência, densidade e divisão que na verdade não existem, seja equacionada, solucionada, resolvida.

Subir pelos Graus da Árvore da Vida não é somar, somar, somar, mas, ao contrário, é diminuir, diminuir, diminuir, no sentido de equacionar mais e mais a divisão da Consciência, a densidade da Luz, tornando-a (ou melhor, reconhecendo-a) cada vez mais Una. Esta é a idéia do Matrimônio, do Equilíbrio, da Comunhão dos Opostos, porque seu resultado será sempre Menos, até se tornar Nada em Nuit. A Chave, a Lei?... o Amor! O Método?... a Vontade!

93, 93/93.



Neófito 1º=10^º**93.**

Enquanto o Zelator é **טהור** (*tahur*), “puro”, o Practicus é **שלם** (*shalem*), “completo”, e o Philosophus é **נסתר** (*nistar*), “oculto”, o Neófito é **מתנוצץ** (*mit-nutzetze*), “resplandescente”, cuja soma é 676.

A raiz de **מתנוצץ** (*mit-nutzetze*) é **נצץ** (*netzetze*) cujo significado é “cintilar”, “faiscar”. Resplandescente aqui não é um adjetivo a ser atribuído ao Neófito, mas ao seu “corpo de luz”.

O Neófito deve gastar algum tempo meditando sobre este atributo **מתנוצץ** (*mit-nutzetze*) de seu Grau, pois esta também é a Inteligência em Malkuth.

Sobretudo, ele deveria estudar com atenção o *Livro de Ezequiel* 1:7, onde aparece o termo **נצץ** quando Ezequiel fala da visão de quatro seres: “tinham forma humana (quatro rostos) e quatro asas cada um. Suas pernas eram retas e seus pés como cascos de bezerro, cintilavam como fálscas o bronze polido. Debaixo das asas tinham braços humanos pelos quatro lados”.

O estudo do *Livro de Ezequiel* deveria ser para o Neófito como um mapa em suas Tarefas, pois todo o livro é chamado de Merkabah, a “carruagem”, da raiz **רכב** (*rakab*), “subir”, “montar”. Ele trata das Visões que o Profeta tem à medida que sobe pelos Planos Espirituais Cabalísticos montado em sua Carruagem (seu Corpo de Luz).

Daí a estreita relação entre este livro e o trabalho do Neófito que é começar a desenvolver o Corpo de Luz neste Grau.

Toda a literatura cabalística do início da era comum, chamada de Hekhaloth (“palácios”), fala de uma “carruagem de luz” a ser construída pelo indivíduo, com a qual ele deveria ascender às câmaras superiores. Por isso, muitos dos sábios cabalistas, ao morrerem, eram erguidos aos céus por uma carruagem de fogo, ou de luz, onde desapareciam.

93, 93/93.

Neófito 1º=10^o**93.**

Que o Neófito atente para o fato de que נצץ (*netzetze*), “faiscar”, que é a raiz de seu atributo מתנוציץ (*mit-nutzetze*), “replandescente”, possui uma relação com a Fórmula צימצום (*tzim-tzum*) estudada pelo Probacionista, mas que agora foi adicionado a este raio a letra Nun.

Isso significa que a pureza primeva deste Raio foi perdida, e a este Raio de Luz (צ״י) foi acrescentada a transformação e a Morte (נ). Mas ainda assim existe poder divino suficiente no Raio de Luz para que ele cintile, faisque (נצץ).

O Néofito deve seguir esta fásca rumo à Fonte da qual o Raio de Luz provém.

93, 93/93.

Neófito 1º=10º

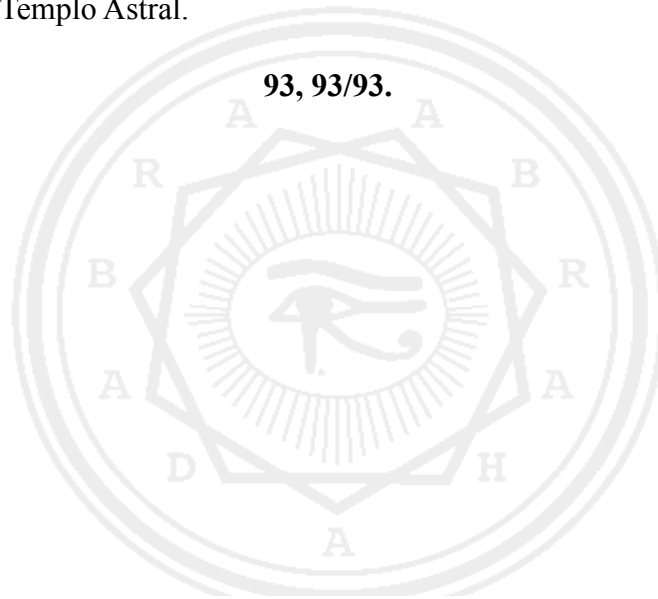
93.

Todo trabalho mágico a partir do Grau de Neófito 1º=10º tem de ser realizado e cumprido longe do Mundo Físico, o que para qualquer Magista fica logo claro que se trata de seu Templo Astral.

E aqui é preciso explicar que Templos Astrais não são construídos somente de uma forma consciente.

Praticantes de outras expressões religiosas também constróem seus Templos Astrais quando estabelecem suas práticas diárias e as mantêm por longo tempo.

Quando a mente destes praticantes se retira do Mundo Físico e se recolhe em um outro plano de forma a orar, contemplar, meditar, mantralizar, jejuar, se flagelar, etc., imediatamente é erguido o que os Magistas chamam de Templo Astral.



Neófito 1º=10□

93.

“Elas [yama e niyama] são definitivamente práticas mágicas, com um raríssimo matiz de cunho místico” - Oito Lições sobre Yoga.

Se *āsana* e *prāṇāyāma* são para o Zelator, *yama* e *niyama* são para o Neófito.

Cabe ao Neófito determinar tanto quais serão os princípios para controlar sua mente (*yama*), afim de evidenciar os aspectos negativos a serem inibidos, quanto também o código de conduta (*niyama*), ou seja os aspectos favoráveis a serem perseguidos, de forma que o conjunto de ambos, *yama* e *niyama*, quando postos em prática, excitem sua mente o menos possível.

Mestre Therion afirma em *Oito Lições sobre Yoga* que: “antes da concentração da mente deve haver o controle da mente, que significa a tranqüilidade da mente”. E continua: “estes [*yama* e *niyama*] são as disposições estratégicas, em oposição às disposições táticas, que devem ser realizadas pelo aspirante antes que ele tente qualquer coisa mais séria do que os exercícios com os cinco dedos (posturas, exercícios de respiração e concentração)”.

O Zelator, instrutor do Neófito, deverá auxiliá-lo apenas a compreender o que realmente se trata cada um destes termos, sem, no entanto, que haja qualquer envolvimento no estabelecimento destes princípios negativos (*yama*) e positivos (*niyama*).

Que o Neófito se esforce por compreender a natureza mágica destas práticas, e retire delas qualquer indício de Misticismo, pois que ele estará assim revelando pela primeira vez, clara e abertamente, para si próprio a natureza de sua mente neste Encarnação.

Uma boa chave a ser utilizada, antes de se estabelecer *yama* e *niyama*, é preparar e estudar atentamente o Mapa Natal do Neófito, de forma a que ele próprio estabeleça as condições de restrição e as possibilidades de sucesso evidentes no mesmo por meio da relação dos planetas no momento de sua Encarnação, de forma que estas condições e possibilidades sejam utilizadas na formulação de seus princípios de conduta.

93, 93/93.

Neófito 1º=10º**93.**

“Ele [o Neófito] passará pelos quatro testes chamados os Poderes da Esfinge. Ele se aplicará para compreender a natureza de sua Iniciação”.

O Neófito 1º=10º deve lutar bravamente por seu progresso dentro da Sephirah Malkuth, pois o trabalho é enorme.

O controle da “luz astral”, que é também obviamente o controle da Energia Sexual, deve tornar-se evidente nesta etapa.

Ele deve “construir” sua Pirâmide de forma a obter a “estabilização” em todos os lados da mesma, e por toda a base, vivenciando a completude do Dez e a estabilidade do Quatro.

As descobertas contínuas das características de sua Verdadeira Natureza tornar-se-ão bem marcantes - isso o levará ao Equilíbrio exigido para se trilhar o Caminho 32 e atingir Yesod.

De certa forma, isso simboliza o despertar da *kunḍalinī*, aquilo que leva o Adepto a começar a vivenciar os Quatro Poderes da Esfinge. Pois a *kunḍalinī* é a Esfinge!

O Neófito deve descobrir qual o *guṇa* que prevalece em sua natureza (*sattva*, *rajas* e *tamas*), assim como o poder da Esfinge com qual ele mais se identifica. Mas que ele atente para não desequilibrar os outros poderes.

Mestre Therion diz que o trabalho do Neófito é “ser admitido no e controlar o plano astral”. Ou seja, deve-se (i) descobrir a sua natureza e (ii) aceitá-la e vivenciá-la voluntariamente.

Este é exatamente o Caminho 32. As chaves para este Caminho 32 são os Quatro Poderes da Esfinge: Saber, Ousar, Querer e Calar.

V.T.N.Tz são as letras dos Atus dos 4 Querubes, dos 4 Poderes da Esfinge, as quais somam por gematria 155.

ⴁ = ⴂ = ▽ = Calar.

ⴃ = ⴄ = △ = Querer.

ⴅ = ⴆ = ▽ = Ousar.

ⴇ = ⴈ = △ = Saber.

155 é também a numeração de אֲדֹנָי מֶלֶךְ (Adonai Melek), um Nome Divino em Malkuth. Assim como também é a numeração de קֵנָה, “uma semente”.

Além desses quatro Atus, o Neófito deve, sobretudo, estudar o Atu XXI, “O Universo”, símbolo do Caminho 32, no qual os quatro querubes e poderes estão equilibrados ao redor da Esfinge.

93, 93/93.

Neófito 1º=10□

93.

O Caminho 32 - I

Este é o último Caminho da Árvore da Vida, é aquele que leva de Yesod a Malkuth, e que traz de Malkuth a Yesod quando adentramos a Árvore e decidimos por retornar à Sagrada Fonte.

Sua letra é Tau, a última letra do alfabeto hebraico. Seu valor é 400, e 400 é o número de Sephiroth que formam a Árvore da Vida completa (pois 10 Sephiroth x 4 Mundos = 40 Sephiroth; e como cada uma dessas 40 Sephiroth, por sua vez, possui uma Árvore completa, ou seja, 40 x 10 = 400 Sephiroth).

A tradução para Tau é Cruz, e a Cruz é a forma mais estável e expandida da Suástica que girava até tornar-se somente um ponto contraído em Kether. Isso equivale a dizer que o 32º caminho reúne em si todo o potencial e toda a manifestação latente nos outros Caminhos.

O *Sepher Yetzirah* denomina o Caminho 32 de “Inteligência Administrativa”, sendo assim denominado porque dirige e associa em todas as suas operações os Sete Planetas, mesmo estando eles no seu devido curso. Isso evidencia bem a função deste caminho que é : ser o meio pelo qual a força que emana de Tiphareth, o S.A.G., se manifesta a cada Encarnação. Aqui a natureza cerceadora de Saturno torna-se administrativa, dirigindo e associando os Sete Planetas.

Mestre Therion diz em *Liber CL*: “A vida do homem é apenas um segmento de uma curva serpentina que alcança a infinidade [...] tais como a sístole e a diástole do próprio coração”. Ou seja, a real força que está por detrás de uma encarnação é a Vontade do S.A.G. O que realmente permeia a existência além da vida e da morte, permanecendo “imortal” é o S.A.G.

Os Sete Planetas mencionados formam o Hexagrama originado em volta de Tiphareth. Ainda que estejam em seu devido curso”, ou seja, que o Adepto evolua gradativa e corretamente pela Árvore, é este Caminho 32, que administrará sempre esta evolução, pois ele é o elo que une o físico e o não-físico.

93, 93/93.

Neófito 1º=10□

93.

O Caminho 32 - II

O Neófito que adentra Malkuth tem a Visão do S.A.G., porque ele deverá ter compreendido nesta Sefirah que sua Personalidade foi forjada com determinada função pelo seu Anjo e conduzida de Tiphareth a Malkuth para o cumprimento da mesma.

No entanto, este caminho não é direto. A força “esbarra” em Yesod, como se para amenizar sua potência, já que se ela se dirigisse diretamente poderia causar danos ao veículo físico.

Por isso, Yesod é o Alicerce, aquilo que dá sustento, a base; e é também o inconsciente, refúgio reconfortante para nossa consciência mundana, incapaz de olhar diretamente para a Luz. Nada mais magnificamente concebido do que o símbolo e representação iesirática de Yesod, a Lua.

O grande desafio, então, é descobrir quais vidas anteriores o Adepto viveu e a finalidade destas para com a emanção tiferiana atual que deu origem a sua Personalidade. *Liber Thisharb* ensina-nos que este é um passo muito importante a ser dado por um Adeptus Exemptus, inclusive para que se possa cruzar o Abismo e alcançar Binah, que também é o Saturno iesirático. Note que tem-se igualmente Saturno no Caminho 32.

O Caminho 32 nos traz e nos leva a cada manifestação das emanções tiferianas, daí sua importância. Ele é a Avenida, o Portal, o meio de se compreender toda a árvore. Por isso, está na base da árvore e é seu sustento. Por isso, o nome deste Atu ser “O Universo”. Dele depende o Equilíbrio, tão necessário ao Adepto neste Caminho.

O Caminho 32 é um caminho de equilíbrio, e para trilhá-lo é preciso que se exerça plenamente a principal virtude do Adepto que está em Malkuth, o discernimento.

A Personalidade irá, então, ser testada em sua própria estrutura, para que se equilibre com base na compreensão de si mesma. Aquelas Personalidades que não começaram a equilibrar-se terão problemas com seus fantasmas, medos e complexos.

Quando isto é atingido, eis a Visão do S.A.G. Na verdade, a Visão é sinal de que o Adpeto pôs os pés no Caminho 32.

93, 93/93.

Neófito 1º=10□

93.

Caminho 32 - III

Muitas pessoas passam toda sua vida em Malkuth, embora a maioria permaneça mesmo em Qliphoth, sem jamais ter a Visão de seu Anjo.

Para se trilhar este caminho, é necessário ter passado pelos quatro transes de Malkuth, representados pelos quatro naipes de 10 das cartas menores do Tarô: o Transe da Riqueza, o Transe da Opressão, o Transe da Saciedade e o Transe da Ruína.

Só por estes pequenos “*samādhis*”, que na maioria das vezes o Adepto nem mesmo percebe que vivenciou - e para tal o Diário é muito importante -, é que a Personalidade movimenta-se rumo ao equilíbrio.

No entanto, um grande perigo aguarda o Adepto que assume a Esfera de Malkuth: a incapacidade de discernir.

Então, a exaltação do ego em Assiah faz com que o Adepto se considere um ser superpoderoso, que tudo pode e tudo alcança. Não há limites para ele; ele não consegue discernir os fatos, e crê-se melhor do que outros. Nesta confusão egóica, a força magnética do ego lhe aprisiona, e ele não pode, e muitas das vezes não quer abrir mão desta ilusão, para seguir rumo à Tiphareth.

Na verdade, o que acontece é que a Esfinge lhe barra o caminho porque ele errou na resposta que ela lhe propôs: “Quem é você?”

Na verdade, estes Quatro Transes quando vivenciados o levarão ao ponto de equilíbrio exigido pelo caminho 32, libertando-o e ensinando-o a evitar possíveis distrações que só dispersariam inutilmente sua energia.

Se aprisionado pelo Transe da Opressão, o Adepto se esgotará espiritualmente; se no Transe da Saciedade, se esgotará mentalmente; se no Transe da Ruína, se esgotará emocionalmente; e finalmente, se for aprisionado pelo Transe da Riqueza, se esgotará materialmente.

O Atu do Caminho 32, é o Atu XXI, “O Universo”. Nele, a Virgem está completa e o Louco do Atu O se manifesta plenamente. Os quatro querubins estão equilibrados e o Olho de Rá emana seus raios benéficos, como se chamando a Virgem para que retome o caminho de volta à Fonte.

93, 93/93.

Neófito 1º=10□

93.

Transe da Opressão - 10 de Paus

O Transe da Opressão é representado pelo Dez de Paus no Tarô.

Possui Saturno em Sagitário, ou seja, a comunicabilidade de Sagitário está reprimida por Saturno.

A Opressão representa o afastamento do Adepto das outras pessoas, ainda que no convívio delas. Torna-se muito difícil expressar-se aos demais, porque a experiência por que passa o Adepto é inexprimível a não ser para ele mesmo. Pessoas alheias a este processo, compulsiva e inconscientemente, se afastam como se amedrontadas por não entenderem o que está acontecendo.

O Adepto precisa estar preparado para esta rejeição, para esta restrição de não poder expressar aos outros aquela maravilhosa experiência porque ele passa.

Isso certamente o angustiará, o fará oprimido e, mais ainda, reprimido por não se fazer entender. O Adepto sentir-se-á sufocado com tudo a sua volta, como se o mundo desabasse sobre si; e mais ainda, sentir-se-á só. Ele deve aceitar sua pequena verdade conquistada, e calar. Deve aceitar as restrições e repressões com calma e discernimento em seu caminho, pois que o caminho é somente seu.

Se o Adepto não age desta forma, não aceitando suas limitações momentâneas, ele usará da força para se expressar, e isso será o mais prejudicial possível, porque estará se submetendo ao transe ao invés de somente experimentá-lo. Sua Vontade estará submissa à crueldade da força, e à “ânsia de resultado”.

A chave para se ultrapassar este transe é meditar nas polaridades entre Sagitário que é leve, luminoso, espiritual e elusivo, e Saturno, que é material, lento, pesado, obstinado e obscuro; e também no poder destruidor da força indiscriminada do ego.

Se assim não fizer, a pesada pata da Esfinge poderá esmagá-lo. Este transe é necessário porque se o Adepto não o experimentasse passaria a crer que poderia oprimir aos outros com sua Verdade, crendo-a mesmo como a Única Verdade do Universo – e não pode haver maior tolice do que esta.

93, 93/93.

Neófito 1º=10ª

93.

O Transe da Saciedade - 10 de Copas

O Transe da Saciedade é representado pelo Dez de Copas.

Possui Marte em Peixes, ou seja, Marte com seu ímpeto violento e arrasador conflita-se com a pacífica e espiritualizada característica de Peixes.

A saciedade deve ser exercida com o auxílio da principal virtude do adepto em Malkuth: *o discernimento*.

Este Transe é marcado pelo desejo do Adepto em almejar tudo de uma única vez. Sua mente se confunde porque ele acreditava, quando iniciou a jornada, que teria tudo a seu dispor quando adentrasse em Malkuth.

Quando ele chega nesta esfera se depara com a impossibilidade de possuir tudo o que sonhou pela jornada. Ele deve escolher entre “isto” e “aquilo”, mas não pode ter a ambos.

Isso o colocará diante de opostos (Marte e Peixes) e exigirá dele duas coisas : a escolha de apenas um deles (assim como ele escolhe o caminho a seguir) e a saciedade através de sua escolha.

Se o adepto não compreender que deve saciar-se através de sua escolha, que foi a melhor de acordo com seu discernimento, ele se enredará na trama do arrependimento, e sua Vontade permanecerá presa ali no transe briático de Assiah. Arrepender-se de uma escolha consciente é tão indigno quanto não ter escolhido e ter permanecido na indecisão.

A Saciedade também diz respeito às conquistas materiais do Adepto em Malkuth, porque sua escolha pela Iniciação não permitirá que ele desfrute destas conquistas.

A chave para se ultrapassar este transe pode ser a meditação sobre uma metáfora: “Um rio escolheu um caminho único e segue em frente, sem arrependimento, rompendo a terra e rocha até atingir, saciado, seu objetivo, o Grande Mar; porém, um lago sem saída, que dirige a força de suas águas para todos os lados ao mesmo tempo, permanece estagnado e sem objetivos, não chega a lugar algum, arrepende-se, e suas águas apodrecem e morrem”.

93, 93/93.

Neófito 1º=10ª

93.

O Transe da Ruína - 10 de Espadas

O Transe da Ruína é representado pelo Dez de Espadas.

Possui Sol em Gêmeos. Este transe é um dos mais difíceis de se ultrapassar. Aqui o adepto vivencia uma desarmonia e desordem emocionais de proporções colossais, que se farão sentir em todos os níveis: espiritual, mental e material.

É talvez a principal Ordália a que o Adepto será submetido, e, se não transposto, pode levá-lo ao retrocesso.

A alegria de viver, bem como a necessidade da existência podem ser prejudicados. O fato gerador deste Transe é único e pessoal para cada Adepto, mas o abalará de forma imprevisível; pode ser um fato externo ou interno, ou mesmo alheio. No entanto, toda a estrutura do adepto tremerá e pode ruir por terra. O Atu XVI está intimamente ligado a este Transe.

A primeira reação do Adepto será fugir, porém isso significará aprisionar a Vontade neste transe iesirático. O pavor pode tomar conta de seu ser num primeiro momento, mas o adepto deve olhar toda a situação de frente.

O único meio de ultrapassar este Transe é permanecer e lutar. A chave para se transpor o Transe da Ruína é Única: crer e entregar seu caminho ao próprio Sagrado Anjo Guardião. Nada existe além d'Ele, nada vale a pena além d'Ele.

Se o Adepto não estiver preparado para este transe, com certeza fracassará e será jogado de volta às Qliphoth. Pode passar muito tempo até que se consiga superar esta difícil Ordália, mas se superada a maior das Recompensas de Malkuth o aguarda: a Visão do Sagrado Anjo.

Este Transe pode ser muito doloroso e deixar marcas profundas, tornar-se um ácido que corrói se o Adepto não ergue os olhos e clama por Adonai, e Adonai vem e se mostra, e o brilho dos olhos de Adonai é como bálsamo cicatrizante para a ferida que dilacerava.

E o Adepto, quando sentir-se só e abandonado a partir de então, olhará para a cicatriz e tremerá de alegria porque ela lhe mostrará que aquela ferida tão dolorosa lhe trouxe Adonai.

93, 93/93.

Neófito 1º=10□

93.

O Transe da Riqueza - 10 de Discos

O Transe da Riqueza é representado pelo Dez de Discos.

Possui Mercúrio em Virgem.

Este Transe apresenta-se quando o Adepto apercebe-se de que sua vida material está modificando-se, e solidificando-se.

No entanto, os “ouros” de sua melhoria exercerão sobre ele um poder fascinador, e ele deve observar que Mercúrio em Virgem significa que esta melhoria pode ser dissipada num piscar de olhos.

Se o fascínio de ouros ofuscar seus olhos, o adepto estará aprisionando sua Vontade nas correntes deste transe asiático.

A chave para transpô-lo é utilizar todo o potencial de discos, exercendo seu discernimento, tendo-se sempre em mente a futilidade do ganho material além do objetivo a que ele se propôs : a Iniciação.

Isto não significa que o Adepto tenha de esquivar-se de posses e riquezas.

Este Transe não se utiliza apenas da forma de dinheiro para apresentar-se, mas inúmeras outras.

O Adepto deve estar atento a elas, porque elas podem apresentar-se de diversas formas ao mesmo tempo.

Este Transe está intrinsecamente relacionado ao padrão de riqueza do Adepto. Este padrão deve ser conquistado pelo Neófito antes que ele possa seguir em frente. É capital que o Neófito compreenda e adquira o seu padrão de riqueza, o que não significa de modo algum enriquecer.

Ao contrário, este padrão estará vinculado à sua atual manifestação física nesta vida e é parte de sua Natureza, de sua Esfinge.

Este Transe geralmente é o último a apresentar-se ao adepto, pois que tendo por base exclusivamente Malkuth de Assiah, sua materialização, a partir do momento em que o Adepto fez seu Juramento, é obviamente mais demorada.

93, 93/93.

Neófito 1º=10º**93.**

“O Tarô está, portanto, intimamente interligado com as artes puramente mágicas da invocação e evocação”. – O Livro de Thoth.

O Néfito 1º=10º, tão logo tenha obtido maestria em seu Corpo de Luz e em incursões astrais, deve realizar estas incursões pelos Atus de Thoth correspondentes aos Caminhos que circundam a Esfera que ele se encontra, de forma a experimentar o que realmente significam os Atus e a que correspondem astralmente o “universo” que existe em cada um deles.

Quando se usa o Atu como portal e se faz incursões astrais pode-se constatar que um Atu é um “ente” com existência própria.

O Neófito deve entender que a palavra תרעא (*troa*, “portal”) é seu método e objetivo.

Isto pode e deve ser repetido em cada Sefirah e Grau adiante também.

Cada Atu tem um “universo” próprio, pronto e completo, a ser explorado. As várias incursões corresponderão a um reavivamento dos rituais de *Piramydos* e *Cadaveris* pelo Adepto.

E a experiência simbólica durante a incursão em um Atu é muito parecida com as explorações que Mestre Therion fez nos 30 Éteres, conforme relatado em *Liber 418*. Embora os resultados sejam completamente diferentes.

Obviamente pode-se fazer incursões por todos os Atus a qualquer momento, mesmo àqueles Atus que não correspondam aos caminhos atribuídos ao Grau Iniciático em que se está naquele determinado momento.

No entanto, as experiências e consecuições adquiridas nestas incursões estarão limitadas ao Grau e, portanto, ao nível de consciência e consecuição, do Adepto.

Ao atingir Graus mais elevados e retornar às incursões pelos Atus, as experiências serão mais profundas devido ao nível espiritual mais avançado adquirido.

A prática em si corresponde a plasmar o Atu, conforme diagramado no Tarô de Thoth por Mestre Therion, no Templo Astral do Adepto, e, então, adentrar o Atu à sua frente com seu Corpo de Luz.

Pode-se perceber que as cores nos Atus de Frieda Harris estão em perfeita harmonia com as escalas de cor conforme a tradição cabalística.

93, 93/93.

Neófito 1º=10ª**93.**

“Ele é testado em ‘Visão Espiritual’ ou ‘Viagem Astral’ ao dar-lhe um símbolo desconhecido e ininteligível, e ele deve interpretar sua natureza por meios de uma visão tão exatamente quanto como se ele tivesse lido seu nome e descrição no livro do qual foi tirado”. – *Uma Estrela à Vista.*

A Palavra-Chave para o Neófito 1º=10ª é Equilíbrio, simbolizado pelo Atu XXI, “O Universo”, com seus Querubens plenamente equilibrados em seus respectivos quadrantes.

Existem muitas técnicas para que este “equilíbrio” seja obtido, mas a principal delas é a incursão astral com propósitos bem definidos.

E entre estes propósitos, o mais adequado é a incursão astral pelos *tattvas*.

Este processo é chamado de “viagem tátvica”.

Deve-se desenhar as cartas com os *tattvas* em suas formas e cores correspondentes. Começa-se com os cinco primeiros *tattvas* - ar, fogo, terra, ar e espírito; e depois prepara-se as 20 cartas restantes com os sub-*tattvas*, ou *tattvas* relacionados entre si (ar de fogo, espírito de terra, água de ar, etc). Ao final, deverá haver 25 cartas-*tattvas*.

A prática em si deve ser seguida a cada vez que se fizer incursões pelos *tattvas*, de preferência em ordem ascendente de sutileza dos elementos, ou seja, iniciando-se por terra-terra, e terminando-se em espírito-espírito. Obviamente, o Adepto deve retornar ao mesmo *tattva*, e sub-*tattva* até que ele se sinta não somente à vontade naquele ambiente, mas também de certa forma “equilibrado” com relação ao mesmo.

Um Diário com estas “incursões” demonstrará ao Adepto como atingir o equilíbrio necessário para se cruzar o 32º Caminho que leva a Yesod.

O Magista inicia a “incursão” usando os Nomes Divinos e Arcangélicos adequados, as Armas relativas àquele (sub-)*tattva*, por exemplo, pantáculo e espada para ar-da-terra, e os Sinais de seu Grau. Ele inicia a incursão, devendo testar tudo que lhe parece duvidoso ao sobrepor sobre tal elemento o símbolo da letra hebraica Tau, em cujo caso ele desaparecerá ou não.

93, 93/93.

Capítulo 3

03/10/2006 - 11:15

Zelator 2º=9º

93.

“... ele [isto é, o Zelator] deverá [...] repetir-lhe [a seu Practicus] seu capítulo escolhido de Liber CCXX”.

Não é a toa que *Liber 220* é o Liber entregue ao Zelator.

220 é um número que deve ser considerado muito de perto por membros deste Grau, pois nele está boa parte da consecução ao mesmo.

220 é RK (ou Rosen-Kreuz, Rosa-Cruz), pois segundo *Uma Estrela à Vista* um das Tarefas do Zelator é “ele [isto é, o Zelator] também começa a estudar a fórmula da Rosa-Cruz”.

220 é também **ךך** que, em hebraico, significa “ternura”, “compaixão”, e é também a numeração de **טהור**, “puro”, “limpo”, pois que do Zelator é dito que “um certo zelo será inflamado nele, embora ele não saiba porquê”. **טהור** (*tahur*) é aplicado pelos cabalistas como a Inteligência, ou tipo de consciência, peculiar à Nona Sefirah, Yesod.

220 é também **מוסד** (da mesma raiz de Yesod) cujo significado é “fundação segura” quando é dito em *Isaiás* 28:16 que “será estabelecido em Sião uma pedra como fundação”. Aqui existem muitas coisas a explicar, porque toda esta porção do texto em *Isaiás* deve ser estudada por Zelatores, já que não somente “fundação” (**מוסד**) se refere a seu Grau, mas também a “pedra” (**אבן**, *eben*) e “Sião” (**ציון**).

A “pedra” (**אבן**) dos filósofos concede ao Zelator o primeiro vislumbre de que o “pai” (**אב**) está no “filho” (**בן**).

Na verdade a “pedra” (**אבן**) possui três significados em três Graus do Pilar Médio, pois ela é para o Néofito 1º=10º a “pedra recusada” em *Salmos* 118:22. Ela é “a pedra dos filósofos” para o Zelator 2º=9º em *Isaiás* 28:16. Assim como também para o Adeptus Minor 5º=6º a “pedra” (**אבן**) é a união do “pai” (**אב**) no “filho” (**בן**) quando este compreende que “eu (o filho, **בן**) e o Pai (**אב**) somos Um”.

ציון, “Sião”, possui a numeração 156, a mesma de Babalon, cujo primeiro vislumbre também é dado ao Zelator. O Monte Sião (**רה ציון**) é sempre um atributo de El-Chay em Yesod, assim como o Monte Moriá (**רה מריה**) é sempre um atributo de Adonai em Malkuth.

93, 93/93.

*Zelator 2º=9º***93.**

A Fórmula de consecução ao Conhecimento e Conversação do S.A.G., conforme estabelecido no *Livro de Abramelin* deve começar a ser estudada pelo Zelator.

A Fórmula do Abramelin, a nível do Zelator 2º=9º, pode ser resumida conforme segue:

Abramelin = אַבְרָם, “sê forte e poderoso”; מִלֵּאִים, “sacrifícios rituais”.

Lamech = “agulhão que domina e controla o boi”.

Joseph = “acúmulo”, “adição”.

A Fórmula a ser estudada pelo Zelator, e aprofundada posteriormente pelo Practicus, é, portanto: “Sê forte o suficiente para sacrificar ritualmente teu ego ao Altíssimo. Tens dois caminhos para fazê-lo: (i) através do acúmulo de mérito cármico, gradualmente atingido pelo trabalho espiritual, neste caso a cabala, em muitas vidas; ou (ii) aguilhoa e domina teus instintos e pensamentos, purifica-te e atinge o S.A.G. numa única vida”.

Isto deve ser visto pelo Zelator como a letra Y, pois a Sefirah Yesod está oculta nesta letra. Do ramo direito Yesod recebe a influência de Chesed, do ramo esquerdo, a influência de Geburah.

Por isso o Nome Divino de Yesod é EL CHAY, EL como influência de Chesed, CHAY sendo influência de Geburah, ambos se reunindo em Yesod.

Na Fórmula do Abramelin, EL é Joseph, CHAY é Lamech.

Não existe outro caminho além destes dois, a não ser ascender diretamente pelo Pilar Médio a partir de Yesod. Mas pode-se ver a dificuldade em se fazer isto na forma da letra Y, pois não existe nenhum traço em seu meio, somente nas laterais. A inexistência deste traço médio em é também a razão do Grau de Dominis Liminis não ter atribuído a si uma numeração, como os outros Graus do Colégio Externo. Esta também é a natureza do Caminho 25, o Caminho da Arte.

A fórmula dupla do Abramelin, que no entanto leva à unificação com o S.A.G., é encontrada em *Liber Legis* I:57: “Existe a pomba, e existe a serpente. Escolhei bem! Ele, meu profeta, escolheu, conhecendo a lei da fortaleza, e o grande mistério da Casa de Deus”.

A “fortaleza” é o Atu XVI, “A Torre”, o traço invisível que equilibra o Y.

93, 93/93.

Zelator 2º=9º

93.

“...seu [do Zelator] principal trabalho é alcançar completo sucesso em *āsana* e *prāṇāyāma*”.

“...ele [o Zelator] deve passar pelos exames em *Liber E*, postura e respiração. Ele deve ter obtido sucesso completo no primeiro, ou seja, a postura escolhida deve ser perfeitamente firme e confortável, e deve ter atingido o segundo estágio no último, ou seja, rigidez automática”.

A chave da consecução no Grau de Zelator 2º=9º é *āsana* e *prāṇāyāma*.

O sucesso na obtenção de uma postura “firme e confortável” deve ser a esta altura, e até certo ponto, razoavelmente fácil para o Zelator.

Mas a consecução do “segundo estágio”, ou “rigidez automática”, em *prāṇāyāma*, apesar de não ser algo completamente novo para o Zelator, pode exigir-lhe maior esforço.

Liber RV é a instrução básica para o Zelator, mas ele deveria também começar a estudar e, sobretudo, praticar as instruções consideradas como apêndice à terceira seção de *Liber Yod*, *sub figura 831* – a respiração “*ājñā*”.

O Zelator deve atentar para os dois pontos mais importantes da prática de *prāṇāyāma*.

O primeiro é compreender a nível prático, e não somente teórico, a inter-relação entre sua respiração e seus estados mentais. Ele deve, à medida que se exercita em *prāṇāyāma*, verificar quais métodos de respiração levam a diferentes estados de quietude, agitação, exaltação e concentração de sua mente.

O segundo, e mais importante ponto, está relatado na undécima prática de *Liber RV*, na qual o Zelator deve, durante o *kumbhaka*, ou retenção do ar, “lançar completamente sua vontade em direção ao seu Sagrado Anjo Guardião, direcionando seus olhos para dentro e para cima, dobrando sua língua como se fosse engoli-la”.

Quem já passou por esta experiência, pode atestar que esta é uma das principais chaves ao Grau de Zelator 2º=9º, pois a repetição à exaustão desta prática irá ejetar a consciência do Zelator aos pináculos do “estudo da fórmula Rosa-Cruz”, conforme também lhe é exigido neste Grau de 2º=9º.

93, 93/93.

Zelator 2º=9º

93.

Os Cães de Yama

“... e estes dois cães teus, Yama, vigilantes, com quatro olhos, que vigiam os homens e guardam o caminho”. – *Ṛg-Veda*, Livro 10, Hino XIV, Verso XI.

Yama é o deus da morte retratado na literatura védica hindu como sendo acompanhado por dois cães chamados de *Syāma* e *Sabala*, ou ainda, *Sva* and *Prasva*, a expiração e a inspiração.

O mito simboliza o destino cruel de todos os seres, todos estão destinados a morrer, e o processo constante de inalação e exalação determina de modo exato a aproximação do momento final de cada ser.

O Zelator deve obter o entendimento, através de suas práticas em pranayama, do método em conquistar *Yama*, o deus da morte. Vislumbres claros deste símbolo já devem ter sido lançados em sua consciência através de *Liber Cadaveris*, *Liber CXX*, que é seu ritual de recepção ao Grau 2º=9º.

Os dois cães de *Yama* devem ser domesticados até que se possa fechar suas “narinas arreganhadas”, conforme relata o *Ṛg-Veda*.

Syāma, “o negro”, é o cão da lua, e *Sabala*, “o manchado, ou malhado”, é cão do sol. Nos *Vedas* sugere-se que eles existem sempre em par, e um não pode existir sem o outro, quando então são chamados de *Mātarau* ou *Pitarau*, literalmente, “as duas mães” e “os dois pais”. Neste sentido, o mito simboliza a gênese da dualidade da consciência contida no movimento dual do alento.

O Zelator não obterá necessariamente a consecução final neste método, mas deverá ter ganho ao final de seu período no Grau 2º=9º um claro entendimento da relação sutil entre o movimento de seu alento e a dualidade dos planos, físico e sutis, que estão aquém da Unidade do *kumbhaka*.

93, 93/93.

Zelator 2°=9°

93.

“A espada mágica é a faculdade analítica; dirigida contra qualquer demônio, ela ataca a complexidade deste”.

A confecção da Espada Mágica, atributo do Ar, logo de Yesod, é Tarefa do Zelator; e a Espada é para o Zelator, no que se refere à Magia, o que o *prāṇāyāma* simboliza para suas Tarefas de *yoga*.

A Espada é uma arma usada estritamente em Yetzirah, pois na comunhão com a consciência brítica do S.A.G. ela é excluída completamente. Mestre Therion afirma em *Liber ABA II:VIII*: “embora ela deva ser bradada para que se obtenha admissão ao palácio, ela não pode ser usada durante a festa de casamento”.

A Espada é bradada pelo Zelator em suas incursões pelo plano iesirático na Tarefa, a princípio infundável, de cortar a dualidade dos demônios que surgirem para que estes sejam reunificados na singularidade; demônios estes que se apresentam espontaneamente ou são invocados, os quais impedem o avanço do Zelator e seu futuro acesso ao Palácio do Santo, e devem ser mantidos à distância ou singularizados pelo poder da espada.

A consecução em pranayama também trará singularidade à mente do Zelator à medida que ele equaciona *pūraka* e *recaka* no almejado *khumbaka* duradouro.

Mas Mestre Therion no mesmo texto de *Liber ABA* menciona que “a mente do homem é geralmente tão importante para ele que a espada é na verdade a maior de suas armas; feliz é aquele para quem a adaga é suficiente”.

Existe uma chave aqui para o Practicus 3°=8° e para o Adeptus Minor 5°=6° externo.

A Espada, feita com cobre e aço, é um instrumento de Marte e Vênus em seu sentido mais grosseiro, ou seja, Hod e Netzach. E portanto a espada é um atributo e ferramenta do Adepto no Caminho de Peh, o Atu XVI, “A Torre”.

A Adaga, feita de aço e ouro, “expressa a determinação [do adepto] em sacrificar tudo”, ou o derramamento de sangue do Magista no interior da Taça, simbolizado na perfuração do flanco do Cristo pendurado na Cruz. Este é o Caminho de Nun, Atu XIII, “A Morte”, para o Adeptus Minor 5°=6° externo.

93, 93/93.

*Zelator 2º=9º***93.**

O Zelator deve estudar profunda e prolongadamente *Liber AL vel Legis* que lhe é entregue.

Por exemplo, os versos de *Liber Legis* I, versos 1 a 10, devem ser considerados em conjunto, já que eles tratam da condensação do corpo de Nuit, se estendendo e formando o Universo como manifesto para nós.

O modelo usado para explicar sua “extensão” é o mesmo da Árvore da Vida cabalística.

“1. *Had! A manifestação de Nuit*”.

[Kether, a condensação manifesta de Ain, Ain Soph, Ain Soph Aur.]

“2. *O desvelar da companhia do céu*”.

[Chokmah, a desvelação de Kether como símbolo da manifestação de Nuit/Ain.]

“3. *Cada homem e cada mulher é uma estrela*”.

[Binah, a manifestação da unidade na duplicidade, ativo e passivo.]

“4. *Cada número é infinito; não há diferença*”.

[Chesed, a diversidade (o número, o quadrado que forma o espaço estabilizado) que espelha, entretanto, a unidade indiferenciada.]

“5. *Ajuda-me, ó guerreiro senhor de Tebas, em meu desvelar perante as Crianças dos homens!*”

[Geburah, o guerreiro, a tarefa do Adeptus Major.]

“6. *Sê tu Hadit, meu secreto centro, meu coração & minha língua!*”

[Tiphareth, centro, coração e língua (o C.C.S.A.G.).]

“7. *Vê! Isto é revelado por Aiwass o ministro de Hoor-paar-kraat*”.

[Netzach. Aiwass em seu papel de revelador, Lúcifer.]

“8. *O Khabs está no Khu, não o Khu no Khabs*”.

[Hod. Khabs, LVX se condensando e se manifestando no Khu - quintessência do sistema cabalístico, o Practicus.]

“9. *Adore então o Khabs, e contemple minha luz derramada sobre vós!*”

[Yesod. A revelação de Khabs, LVX, em Yesod, ainda que apenas um reflexo de LVX no Sol de Tiphareth é digna de adoração; o “zelo” do Zelator.]

“10. *Que meus servidores sejam o pouco & o secreto: eles regerão o muito & o conhecido*”.

[Malkuth. O Verdadeiro Adepto (o pouco & o secreto) é aquele que vive no Mundo (o muito e o conhecido). Também a técnica de meditação que torna “o muito & o conhecido” Servo do “pouco & secreto”.]

93, 93/93.

Zelator 2º=9º

93.

“Ele [o zelator] aprendeu que seu corpo era um templo da Rosa-Cruz, [...] um lugar para que ele una os opostos de sua natureza”. – A Lei é para Todos.

A Tarefa do Zelator 2º=9º é “iniciar o estudo da fórmula Rosa-Cruz”.

Essa é a primeira aproximação do Adepto à Fórmula Sagrada que lhe será plenamente revelada, e a qual ele porá finalmente em prática, quando atingir a Sephirah Tiphareth.

Por isso uma grande chave reside na Fórmula **אמת** (*emeth*), “verdade”, que deve ser estudada pelo Zelator, pois que esta é a Fórmula do Adeptus Minor em Tiphareth.

אמת (*emeth*), “verdade”, soma 441, que é a mesma numeração de **גהלת** (*geheleth*), “uma brasa viva e incandescente”.

Esta brasa é a mesma que deveria ser mantida a todo custo de forma a conservar o fogo aceso devido à dificuldade de se acender o fogo nos tempos antigos.

O Zelator deve “zelar” por esta brasa, que deve ser soprada e mantida cuidadosamente acesa, ainda que de forma discreta, pois não é chegado o momento de aumentar o fogo no Atanor do Alquimista. Incandescente, esta brasa se transforma em fogo purificador, o combustível para a transmutação dos opostos em unidade.

O Zelator ao estudar a Fórmula Rosa-Cruz irá perceber sua identidade direta com Tiphareth, mas também será capaz de avaliar a necessidade de cumprir as tarefas dos Graus das Sephiroth laterais de forma a preparar-se, harmonizando opostos, para a entrada no Colégio do Espírito Santo, o Colégio Interno.

O Zelator em sua ascensão a Tiphareth deverá, passo a passo, tomar posse tanto da fórmula mágica quanto da fórmula mística para que esta “brasa viva” seja mantida, aquecida, aumentada até que tudo seja queimado e consumido em cinzas, conforme *Isaias* 47:14: “Olha-os transformados em palha: o fogo os consome e não podem livrar-se do poder das chamas; nem sequer são brasas para aquecer nem lareira para alguém sentar em frente”.

Estas Fórmulas Mágicas e Místicas serão entregues ao Dominus Liminis por seu Adeptus Minor 5º=6º.

93, 93/93.

Zelator 2º=9º

93.

“Tornei-me puro no palácio de passagem das almas”. – *Liber Cadaveris sub figura 120.*

O Zelator 2º=9º deve em seu Diário anotar todas as fases da Lua de forma a que ele possa estudar a relação entre as mesmas e suas práticas. O mesmo deve ser feito para cada um dos outros planetas correspondentes as Sephiroth nas quais o Adepto esteja trabalhando.

É recomendável mesmo que o Zelator abandone o calendário solar de 365 dias e adote o calendário anual lunar sinódico (o tempo entre duas luas novas consecutivas) de 355 dias. Que ele atente que שנה (*shannah*), ano, soma 355. Ele deve também regular suas ações pelo mês lunar de 29,5 dias.

Sua Tarefa é sobrepujar o “esvaziamento” da lua em suas todas as suas fases, quando ela reinicia sua tarefa, cada etapa de forma diferente, de refletir a luz do Sol.

Vislumbres de sua Tarefa já lhe foram concedidos durante a realização de seu Ritual de Iniciação ao Grau de Zelator, *Liber Cadaveris*.

Uma vez por mês, entre o terceiro e o décimo-sexto dia do mês lunar sinódico, ele deveria recitar e meditar sobre a prece da lua nova (*kidush levanah*) de forma a se coadunar com o planeta de sua esfera.

ויהי רצון מלפניך אדנין אלהי ואלהיין אבותי למלאת פנימת הלבנה: – *Vihí ratzon milephanega Adonai Elohai ve-Elohe avothai lemalothe pegimath ha-levanah*: “Deleita-te, Adonai meu Deus Eterno, na obra de retificar o esvaziamento da lua”.

O Zelator deve meditar sobre a relação do “esvaziamento” da lua e sua renovação, destruição e vida, estabilidade e mudança.

Ele deve também anotar e estudar a relação da Lua com cada um dos outros planetas e constelações, tendo em mente que a velocidade da lua é mais ou menos 12 vezes mais rápida que a velocidade do Sol, no caminho pelos 360 graus do zodíaco anual.

A segunda-feira deve ser para o Zelator o dia santo na semana, e a hora da lua o momento mais propício à prática de meditação.

Mas לבנה (*levanah*), a “lua”, soma 87, a numeração de גרפ (*gedeph*), “blasfemo”, pois a lua é apenas um reflexo do Sol.

93, 93/93.

Zelator 2º=9º

93.

“Reverência a ti, ó tu Senhor da Claridade, no topo da grande Casa, príncipe da noite & da escuridão densa”. – *Liber Cadaveris*.

No sistema formulado para o Colégio Externo existem três formulações de uma mesma experiência que é de suma importância para o Zelator - A Passagem pela Câmara do Rei.

A primeira formulação ocorre quando o Probacionista 0º=0º realiza o ritual do Piramydos e assume o grau de Neófito 1º=10º. Durante este Ritual surgirá no topo da Pirâmide do Adepto um Guardião, o qual deverá acompanhá-lo de forma frequente a partir de então. Esta é a passagem pela câmara a nível físico.

Este Guardião será muito útil ao Adepto, pois ele poderá guiá-lo ao seu Templo Astral logo no início do trabalho em Malkuth quando é necessário que o Adepto formule o seu Corpo de Luz, além também de participar em muitas de suas incursões astrais.

A segunda formulação, agora mais específica, ocorre quando o Neófito 1º=10º realiza o *Cadaveris* e assume o Grau de Zelator 2º=9º. Aqui novamente a experiência através das terras de Amenti irá revelar ao Adepto novamente a natureza de seu Guardião da Pirâmide. Esta é a passagem pela câmara a nível astral.

A terceira formulação da experiência da “passagem pela câmara do rei” surgirá à medida que o Zelator praticar a Seção II de *Liber HHH*. Esta é a passagem pela câmara a nível mental, já que leva o Adepto de Yesod a Hod.

Os sinais em *Liber HHH* (“ouvirás o zumbido de um besouro, [...] o grito de um falcão, [...] o rugir de um leão”), além de consecuições reais experienciadas durante a prática, devem ser vistos como símbolos para sua meditação e entendimento do que realmente signifique “passar pela câmara do rei”.

O Adepto deve aguardar pacientemente pelo surgimento, um dia, da experiência da passagem pela câmara do rei a nível espiritual. “Pois esta é uma meditação poderosa e santa, tendo poder até mesmo sob a morte. Sim! Tendo poder até mesmo sobre a morte”.

93, 93/93.

Zelator 2º=9º

93.

“Invoca-me sob minhas estrelas! Amor é a lei, amor sob vontade”.

O Ritual da Safira-Estrela, *Liber 36*, é para o Zelator 2º=9º o que o Ritual do Rubi-Estrela, *Liber 25*, é para o Neófito.

Assim como o Rubi-Estrela é uma forma elaborada do Ritual de Banimento do Pentagrama, o Safira-Estrela é uma evolução do Ritual do Hexagrama.

A maestria obtida em ambos rituais pelo Zelator 2º=9º vai levá-lo ao entendimento da “formula rosa-cruz” como símbolo do 11, a Grande Obra, pois que 5 (Rubi-Estrela) + 6 (Safira-Estrela) é o número de Abrahadabra e de Nuit.

O Adepto deve construir passo a passo sua consecução rumo a este entendimento.

Enquanto no Grau de Probacionista 0º=0º ele deve ter obtido a maestria nos Rituais Menores e Maiores do Pentagrama e do Hexagrama.

No Grau de Neófito 1º=10º a maestria deve ser estendida ao Ritual do Pentagrama reelaborado no Rubi-Estrela.

Por fim no Grau de Zelator 2º=9º ele obtém a maestria no Safira-Estrela, e reúne todas as consecuições para o início do entendimento da fórmula 6º=5º, ou 11.

Com estas consecuições, será mais fácil para o adepto quando no grau de Dominus Liminis obter as consecuições de *Liber 555*, HAD, e *Liber 11*, NV.

O próximo passo será dado pelo Adepto quando este adentrar o Colégio Interno, pois ali ele deve obter a maestria em *Liber 44*, a Missa da Fênix, durante seu percurso pelas Sephiroth que compõem o Colégio Interno. Lembrando que 44 é $\blacksquare 7$, “sangue”.

93, 93/93.

Zelator 2º=9º

93.

“...um encantamento adequado para invocar as energias do Éon de Horus”.

“...ele terá, então, formulado o sigilo do Grande Hierofante”.

O Zelator deve utilizar *Liber V vel Reguli* para trabalhar no 28º Caminho de Tzaddi, Atu IV, “O Imperador”, identificado em *Liber 868* como “a formulação da estrela flamejante”.


Neste caminho, e ao formular sua “estrela flamejante”, o Zelator dará início à formulação de seus lócus, trabalho este que será mais tarde desenvolvido pelo Practicus 3º=8º também ao trabalhar com sua Taça.

O Zelator deve energizar seus lócus com as energias do Novo Éon, estabelecendo Nuit no *sahas-rāra*, Aiwaz no *ajna* como silêncio, Aiwaz no *visuddha* como fala, Ra-Hoor-Khuit no *anāhata*, The- rion no *māṇipūra*, Babalon no *svādhiṣṭhāna*, e por fim Hadit no *mūlādhāra*.

Ao atingir o Grau de Adeptus Minor 5º=6º, o Magista deverá substituir Aiwaz no *ājñā* pelo nome de seu S.A.G. conforme lhe tenha sido revelado. Isto também ocorre com o Ritual Menor do Pentagrama, pois o Magista deve tocar seu Coração e pronunciar o nome de Aiwaz entre “Ateh” e “Malkuth” somente enquanto não está de posse do nome de seu S.A.G., quando então o substituirá a aquele de Aiwaz.

Enquanto traça sua “estrela flamejante”, como o próprio nome revela, assim como também Áries é atribuído a este caminho, o Magista deve fazê-lo em “fogo vivo” – uma das consecuições deste ritual sendo a visualização deste Sigilo do Hierofante traçado em fogo.

Nenhum outro ritual é mais adequado para trazer ao Corpo de Luz do Magista as forças que ele necessita para seguir rumo ao seu S.A.G. Mas a primeira parte deste ritual é apenas um juramento perante seu S.A.G.

A segunda parte, ou “gesto”, de *Liber V* possibilitará ao Magista formular o Sigilo Undécuplo ao equilibrar os elementos pelo Pentagrama (5) e invocar os poderes de sua “Besta” através do Hexagrama unicursal (6). Ele une o Imperador (5) no Hierofante (6), formando , 96, a “Lei”.

Depois, só lhe resta formular sua Verdadeira Vontade (Thelema) e dançar diante de seu S.A.G.

93, 93/93.

Zelator 2º=9º

93.

“Eu comungarei contigo, e falarei contigo de cima da arca, de entre os dois querubens que estão na arca do testemunho”. – Êxodo 25:22.

O Zelator deve buscar o método que melhor se adequa à sua natureza de forma a obter a consecução em *āsana* e *prāṇāyāma*.

Isso não significa que ele tenha de seguir somente as técnicas e métodos hindus, embora estas sejam as mais amplamente conhecidas.

Todos os sistemas espirituais e iniciáticos formularam métodos para estabilizar o corpo (*āsana*) e cadenciar a respiração (*prāṇāyāma*), de forma a permitir uma comunhão mais profunda com seu deus.

Como exemplo, os Dois Querubens voltados com suas faces um para o outro sobre a Arca da Aliança são também os dois “cães de *yama*”, as *nāḍīs* laterais que se encontram na *nāḍī* central (*suṣumnā*). A própria “Arca da Aliança” representando o *ājñā cakra* hindu, para onde, com a prática, convergirão os *prāṇas* e de onde “Deus fala ao homem”.

Um estudo aprofundado das práticas proféticas podem revelar a importância dos Querubens como fonte para se atingir o êxtase profético, o que só pode ser obtido com *prāṇāyāma* (conforme o denominamos mais correntemente).

O *āsana* pode ser aquele da “posição profética”, em que a cabeça é posta entre os joelhos, que é a posição de Elias no Monte Carmelo (*1 Reis* 18:42). Esta é uma posição usada para concentrar intensa força espiritual.

Neste método, *prāṇāyāma* é utilizado para realizar as permutações das letras, levando a um êxtase de nível muito elevado.

Abulafia revela a técnica completa em seu *Maphteach ha-Shemoth* (“A Chave dos Nomes”): “ao pronunciar o nome divino não se deve inspirar (*pūraka*, *ruach mi-ba’ar le-ga’av*) entre duas letras, mas um longo inspiro o máximo que se possa, e depois repousar (*kumbhaka*, *ruach mi-shbith*) pela duração de uma respiração, e, então expirar (*recaka*, *ruach mi-ga’av le-ba’ar*) enquanto se pronuncia a letra”.

שבת (*shabath*) é também o *kumbhaka* hindu, “o descanso do Senhor no sétimo dia”.

93, 93/93.

Zelator 2º=9º

93.

O versículo em *Êxodo 25:17* é uma instrução em *prāṇāyāma* para que se atinja a junção das *nāḍīs* laterais na *nāḍī* central que é conhecida pelo Dominus Liminis como Kaporeth. Na verdade todo o capítulo 25 do *Êxodo*, que trata do santuário, deve ser meticulosamente estudado pelo Dominus Liminis.

“E produzirá uma cobertura de puro ouro [*kaporeth*]: dois côvados e meio de comprimento, e um côvado e meio de largura”. **טהור זהב אמתים וחצי ארכה ואמה וחצי רחבה: ועשית לפורת**

Em hebraico **ארכ** (“cumprimento”) também significa “alongado”, “prolongado”, “retido”, “demorado” – por isso, usado para a retenção do alento (*kumbhaka*).

A palavra **רחב** (“largura”) também significa “expandir”, “alargar”, “escancarar” – e, por isso, é usada para a liberação do alento (*recaka*).

Ou seja, o que é proposto neste versículo do *Êxodo* é que, através de uma técnica de *prāṇāyāma*, na qual o *kumbhaka* (**ארכה**) é de 2:5 para um *recaka* (**רחבה**) de 1:5, se obtenha o Kaporeth (a cobertura de ouro da Arca).

O surpreendente é que a relação *kumbhaka/recaka* é 2:5/1:5, ou seja, 1,666666666666!

As técnicas de respiração (*prāṇāyāma*) durante a pronúncia (ou a permutação das letras) do Nome Divino devem ser meticulosamente praticadas pelo Zelator 2º=9º, de forma que ele consiga interromper (*shabath*) seu alento e manter-se entre os Dois Querubes (as *nāḍīs* laterais), exatamente no centro do Kaporeth (a junção das três *nāḍīs* no *ājñā cakra*).

A consecução desta prática ocorrerá quando ele houver adentrado o Grau de Dominus Liminis, diante do Portal de seu Santuário.

Em *Êxodo 25:8* é dado o comando para se chegar a este estado: “e produzam para mim um santuário para que eu habite no centro deles”. **ועשו לי מקדש ושכנתו בתוכם:**

O “santuário” é Meqadosh, e a “habitação” é Shekinah.

Todos os símbolos, gematrias e a prática para se atingir a esta união das três *nāḍīs* devem ser estudados em *Sepher Eben va-Redi* (“O Livro da Pedra e da Rosa”) que é um estudo-base ao Grau de Dominus Liminis.

93.93/93

Capítulo 4

09/11/2006 - 16:00

Practicus 3º=8º

93.

“...obter o controle das vacilações de meu próprio ser”.

Todas as Tarefas atribuídas ao Adepto no Grau de Practicus 3º=8º estão intimamente ligadas ao “controle das vacilações de seu próprio ser”.

Isso porque a Sefirah Hod é, sobretudo, reverberação. E como tal Hod possui uma natureza essencialmente reflexiva, responsiva às influências que a atingem. Essa é a natureza da Água, elemento ao qual esta Sefirah está atribuída.

O Adepto em Hod deverá sobretudo aprender a controlar esta “reflexividade” de seu caráter, equilibrando-se através das práticas que lhe são exigidas para cumprir o grau – o estudo da Cabala, meditação filosófica (*jñāna yoga*), controle da fala, experiência em um método de adivinhação, meditação ígnea da *kuṇḍalinī*, e meditação na prática de destruição de pensamentos.

É um currículo dos mais extensos e mais importantes no esquema de treinamento do Colégio Externo. Talvez por isso alguns poucos Adeptos consigam deixar o Grau 2º=9º e assumir a Sefirah do Grau de Practicus 3º=8º.

Mas, em resumo, as práticas estão voltadas basicamente para duas das principais características de Hod – (i) a mente consciente, e (ii) por isso, a fala.

Hod é a mente consciente, enquanto Netzach é a mente inconsciente e Yesod é o subconsciente.

Hod é o pensamento, Netzach é a ação, e Yesod é a reação instintiva.

O controle da mente consciente em Hod é feito através das práticas de controle da fala (daí Mercúrio ser atribuído a Hod) conforme *Liber Jugorum*. Assim como também a Cabala e as práticas de meditação requeridas o auxiliarão nesta Tarefa.

O controle da reflexividade e vacilações da mente consciente (daí o elemento Água ser atribuído a Hod) é realizado através da experiência no método de adivinhação escolhido pelo Practicus, seja ele o Tarô, a Geomancia, o I Ching, etc.

93, 93/93.

*Practicus 3^o=8^o***93.**

Enquanto o Zelator é טהור (*tahur*), “puro”, o Practicus é שלם (*shalem*), “perfeito”, no sentido de ileso, intacto, inteiro, completo, integral.

Isso porque os símbolos e sinais vindos da mente supraconsciente, enviados pelo S.A.G., deve atingir uma mente consciente perfeita e integral em todos os sentidos, caso contrário estes sinais serão continuamente deturpados e incompreendidos.

Daí a necessidade do Practicus aperfeiçoar seu aparato intelectual através do *jñāna yoga* e da Cabala. Da mesma forma, daí advém a imperiosa exigência de controlar as vacilações de sua mente por meio de um método de adivinhação.

Estes “sinais” a serem recebidos em Hod são chamados de “profecia”, e o dom de profetizar do Practicus deve ser exercido com uma mente consciente ilesa de perturbações.

A qualidade da clareza destes “sinais” dependerá diretamente da habilidade do Practicus em compreender e traduzir símbolos. Quanto mais aperfeiçoado seu intelecto, mais claramente os símbolos atingirão sua mente consciente.

Em Netzach estes símbolos são traduzidos por meios poéticos e compreensíveis quase sempre somente ao seu receptor devido a característica da mente inconsciente do Adepto atuando naquela Sefirah.

Mas em Hod, a ordália e a medida da consecução é que estes sinais sejam inteligíveis, compreensíveis e verificáveis a qualquer outro além do próprio Practicus.

שלם (*shalem*), “perfeito”, é a Inteligência, o atributo da Sefirah Hod. שלם (*shalem*) soma 370 que é também a numeração de משל (*meshel*), “governar” – no sentido de controlar as vacilações da mente consciente. עש (*a'ash*), “criação”, também soma 370, sendo um dos atributos de Hod.

93, 93/93.

Practicus 3°=8°

93.

A técnica do “Sono de Shiloam” (שלם) é iniciada pelo Zelator, mas deve ser aprofundada pelo Practicus, pois esta técnica será fundamental para a obtenção do Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião quando este assumir o Grau de Adeptus Minor 5°=6° externo.

Por ser esta técnica de natureza aquática, e relacionada ao Atu XII, “O Dependurado”, que leva de Hod a Geburah, o Practicus deve dar atenção especial à mesma.

93, 93/93.



Practicus 3º=8º

93.

“Ele [o Practicus] deve passar pelos exames em *Liber DCCLXXVII*, em Cabala, e no *Sepher Sephiroth*”.

Um excelente método para avançar rapidamente e cumprir as Tarefas do Grau de Practicus 3º=8º é estudar o método da Cabala Extática, ou Cabala dos Nomes, de Abraham Abuláfia.

O objetivo de seu método é atingir o estado de “profecia”, ou o que ele chama de “êxtase”.

Abuláfia usa basicamente gematria, notariqon, e sobretudo combinação-de-letras (*tzeruphe otioth*) que deveria ser tomado pelo Practicus como um método exclusivo de ascensão pelos planos e obtenção de êxtase.

Ao combinar mentalmente as letras do Nome Divino (יהוה), o Adepto é capaz de ascender mais e mais a níveis superiores de sua mente superconsciente, obter “devequth” (união com o Divino) e trazer de volta esta experiência à sua mente consciente.

Todo o método de Abuláfia possui por axioma básico a consecução de “hitbodeduth” (*dhāraṇā*), através da exploração dos atributos de Hod. Daí ser considerado um método exemplar para o Practicus, embora a consecução final, “devequth”, alavancaria o Adepto diretamente às portas do Colégio Interno e ao C.C.S.A.G.

Abuláfia advoga basicamente uma teologia muito similar a de Maimônides, baseada no *entendimento de Deus como Intelecto através de um “ato de intelecção”*.

Seu método é triplo, pois que as letras em si aparecem em três níveis – escrita, fala e pensamento. Portanto, os nomes divinos devem ser (i) escritos, (ii) recitados verbalmente, e (iii) recitados mentalmente, mas existe toda uma técnica para combiná-los.

A ascensão puramente intelectual pelos planos sutis deve ser perseguida pelo Practicus a fim de que ele realmente compreenda a consecução de seu Grau.

93, 93/93.

Practicus 3º=8º**93.**

“...espera-se que ele complete seu treino intelectual”.

“...instrução em meditação filosófica (*jñāna yoga*)”.

Muitas dúvidas e interpretações errôneas são causadas pela ausência de uma instrução específica quanta a esta Tarefa do Grau de Practicus por parte de Mestre Therion.

Normalmente assume-se que o Practicus deve obter a *completa* consecução em *jñāna yoga* em seu sentido mais elevado, o que não faz sentido já que esta seria uma consecução do Magister Templi 8º=3º, que reflete, duas oitavas acima, o Grau de Practicus 3º=8º.

O Practicus deverá atingir o segundo estágio, entre seus sete estágios, de *jñāna yoga*, ou *jñāna bhūmikā*, conforme seguem descritos abaixo.

Subhecchā, ou bom desejo, que forma o primeiro *bhūmikā*, desenvolvido através de um profundo estudo das escrituras, ou *ātma jñāna śāstras*, e através da associação com os sábios, assim como a realização de ações virtuosas sem qualquer expectativa de frutos. Este *bhūmikā* irá irrigar a mente com as águas da discriminação, o que irá proteger sua mente. Surgirá o desapego (*vairāgya*), ou indiferença para com os objetos percebidos pelos sentidos, neste estágio. O primeiro estágio é a base para os estágios seguintes.

Vicāraṇa, o segundo *jñāna bhūmikā*, se baseia numa constante inquirição átmica (*ātma vicāra*), ou meditação filosófica sobre a natureza do ser.

Seguem-se a estes dois, outros cinco estágios que culminam em *turīya*, ou o estado de superconsciência no qual se obtém *mokṣa*, a liberação final. Obviamente não é este o objetivo do Practicus no que se refere à sua consecução no *jñāna yoga*.

Ātma vicāra é a prática do Practicus em *jñāna yoga*.

Mas ele deve se precaver, pois no segundo estágio de *jñāna yoga*, ele pode através do estudo e da meditação filosófica (*ātma vicāra*) desenvolver e conceber algo do Supremo, mas não o sentir de forma tangível.

93, 93/93.

Practicus 3^o=8^o

93.

“Em Cabala, o candidato deve descobrir por si mesmo, e provar ao examinador acima de qualquer dúvida, as propriedades de um número nunca previamente analisado por qualquer estudante”.

O Practicus deve ser testado por seu Philosophus de forma muito rigorosa quanto ao “seu treino intelectual”.

A ele deve ser dado um número qualquer para que ele o explique detalhadamente as propriedades deste diante de seu intrutor.

Ao Practicus é concedido consultar quaisquer livros, dicionários e compêndios que ele achar necessário, mas ele não deve se utilizar de propriedades já declaradas anteriormente nos mesmos para tal número ou conceito.

Por exemplo, se lhe for dado o número 842, ele deve demonstrar que este é um número equilibrado, pois que $8=4.2$, assim como demonstrar que a dualidade sutilíssima da Sephirah Chokmah (2) está se condensando neste número em Chesed (4) e Hod (8), todos interligados por algum tipo de propriedade comunicativa do *logos*, a fala.

Se for dado ao Practicus a palavra עשׂ, “podridão”, cuja soma é 370, ele deve ser capaz de explicar porque e como esta palavra está relacionada a שלם, “integral”, “completo”, cuja soma também é 370. Pois para tal o Practicus deverá ser capaz de entender intelectualmente a Fórmula de Assiah, embora a consecução prática desta Fórmula seja obtida apenas pelo Adeptus Minor.

O Practicus, em seu teste de Grau, pode utilizar-se de qualquer um dos sistemas de comparação e equivalência, cabala hebraica, grega, latina, simplex, etc.

Mas sua resposta deverá sempre demonstrar a seu Philosophus o nível aguçado e sutil de seu aparato intelectual, “pois que a ordália de elevação não é fácil”.

Daí a necessidade do Practicus fortalecer seu aparato intelectual sempre na forma que melhor lhe aprouver, mas tendo em vista sempre que lhe serão exigidos refinamento e sutileza em sua passagem de Grau.

93, 93/93.

Practicus 3º=8º

93.

“Além disso, ele construirá a Taça mágica, de acordo com as instruções em *Liber A*”.

“E assim como a cadeia de pensamentos é o sangue da mente, diz-se que a taça mágica está cheia do sangue dos Santos”.

O Practicus deve, durante seu período neste Grau, fabricar sua Taça mágica com prata, sendo sua altura de 8 polegadas e seu diâmetro, de 3. As medidas de sua Taça revelam a relação íntima entre o Grau de Practicus 3º=8º e o Magister Templi 8º=3º.

Ele deve escolher também, através de sua capacidade intelectual e de seu entendimento, um número que represente o Universo, o qual deve ser gravado em sua Taça. Mas que ele pondere bem para que este número inclua o todo de seu intelecto, ainda que seu Philosophus deva guiá-lo nisto.

O trabalho do Magista, a partir do momento que sua Taça mágica está pronta, é preenchê-la com o conhecimento e entendimento provenientes de suas práticas. Mas ele deve se precaver para que em sua taça não seja derramado veneno, pois que somente um único orvalho é digno de ser guardado em sua Taça, o Orvalho do S.A.G.

Este trabalho de preenchimento da Taça é feito através de duas práticas.

A primeira é a meditação chamada *sammāsati*, ou *shamata* ou ainda *ātma vicāra*, que fará seu intelecto e entendimento aumentarem profusamente.

A segunda, mas não menos importante, possui ligação direta com a taça, pois que esta é também o lótus no qual o orvalho divino é coletado todas as manhãs, a Taça de Babalon.

O Practicus deve iniciar as práticas para despertar seus *cakras*, um a um, e para tal sua prática de meditação SSS de *Liber HHH* será de grande valia.

É preciso que o Practicus ao final de seu período neste Grau seja capaz de visualizar cada um de seus Lótus em seu Corpo de Luz, tornando-os receptáculos aptos a receber o orvalho pingando do supremo, o solvente universal, o Amor.

A consecução nesta parte do desenvolvimento do Adepto é fundamental para a consecução em *kuṇḍalinī yoga* que o aguarda mais a frente.

93.93/93

Practicus 3^o=8^o

93.

“Eis o Nada em suas três formas. Ele não existe, embora dê forma a todas as coisas”.

“Portanto foi o fim disto sofrimento; mas [há] neste sofrimento uma sêxtupla estrela de glória pela qual eles podem guiar-se para retornar à Abóboda imaculada; sim, à Abóboda imaculada”. – *Liber Trigrammaton sub figura 27.*

O Practicus 3^o=8^o deve adquirir um perfeito conhecimento matemático do Universo, sobretudo da Teoria dos Infinitos.

Ele deve estudar a Teoria do “infinito potencial”, usado para processos ou objetos que podem, em princípio, continuar ou crescer para sempre. Assim como também a Teoria do “infinito real”, ou completo, no qual se questiona se é possível existir uma entidade completa e existente de tamanho infinito.

Ele deve estudar os conjuntos infinitos de Georg Cantor, que formulou conjuntos infinitos de tamanhos diferentes, diferenciando conjuntos infinitos contáveis e incontáveis, assim como a Teoria de números cardinais baseado nesta observação.

O Practicus deve obter o entendimento de que a intuição que é aprendida com conjuntos finitos falha quando se lida com conjuntos infinitos – provado pelo paradoxo do Grand Hotel de Hilbert.

Além disso, ele deve obter entendimento intelectual sobre a real existência de um infinito real no universo físico, se existem infinitas estrelas e se o próprio universo possui volume infinito, crescendo para sempre.

Sobretudo o Practicus deve tentar chegar a uma conclusão em suas meditações quanto ao conceito matemático de infinito no conceito religioso de Deus.

Para tal ele deve recorrer aos estudos de Cantor, com o seu conceito de infinito absoluto, no qual ele iguala infinito e Deus, assim como também nos estudos de Kurt Gödel e sua “prova ontológica” da existência de uma entidade matemática infinita que Gödel chamou de Deus.

Suas conclusões e consecuições não precisam ser verificadas por seu Philosophus, mas devem constar de seu diário para futuras ratificações, ou revisões.

93, 93/93.

Practicus 3^o=8^o

93.

“É-lhe dada uma prática de meditação sobre Expansão de Consciência”. – Liber 13.

“E, assim, reunindo uma estrela após a outra, sua contemplação deve tornar-se tão vasta como o céu, em espaço e em tempo, aspirando sempre pela percepção do Corpo de Nuit. Sim! Do Corpo de Nuit”. – Liber 536.

Liber 536, ou, “A Batalha do Sapo, da Mente, do Rugido e do Universo” é uma técnica de meditação que irá auxiliar o Practicus imensamente em suas futuras práticas, sobretudo *Liber 16* e em *mahasatipatthana*.

O número 536 deste Liber dá uma idéia clara de sua técnica, pois 536 é o número de “Olam ha-Assiah”, o mundo material, assim como também é o número de “Masloth” (a Esfera das Estrelas Fixas).

Daí que a técnica trata da visualização passa a passo do universo físico e dos planetas e estrelas que o compõem, até que se atinja o seu todo em tamanho “quanto mais natural melhor”, quando sua consciência estará expandida ao máximo.

Esta técnica também é aquela de determinadas escolas tântricas tibetanas de visualização de *maṇḍalas* das constelações e planetas de forma a que sirvam de portal de entrada para o Corpo de Luz do Adepto.

Outra escola que se utiliza desta visualização do universo micro e macrocósmico é a Escola Chinesa da Terra Pura, chegando a extremos requintes de compor o quadro microcósmico, o Reino de *Amithāba*, com pássaros feitos de jóias, seus cantos, e os mais diversos detalhes. Há que se ressaltar que o objetivo desta prática é o de reformulação tântrica do universo ao redor, melhorando-o ao infinito, por ser este a habitação de um deus, o próprio Adepto.

Mas *Liber 536* possui especificações mais delimitadas, e, no entanto, mais evidentes quanto à visualização da Terra, da Lua, de Vênus, de Marte, de Mercúrio, do Sol, de Júpiter, de Saturno, de Urano e de Netuno, e depois ainda, os satélites dos planetas e os asteróides, além de permitir que sua consciência seja levada além por um cometa.

A consecução é obtida quando existe relação de tamanho e distância reais na visualização.

93, 93/93.

Practicus 3^o=8^o

93.

O estudo de *Liber Chanoock sub figura 84*, é exigido do Practicus 3^o=8^o pela capacidade do estudo e prática deste método expandir consideravelmente a experiência do adepto com relação ao substrato do mundo físico, astral e mental.

O Practicus deve sobretudo – além de preparar as Tabelas, as Chamadas, etc. –, usar o mesmo método de incursão pela Pedra de Cristal, assim como originalmente utilizada por Dee e Kelly.

Isso é fundamental, pois desta forma o Practicus também estará trabalhando sua capacidade de “advinhação”, fortalecendo o método escolhido para seu exame.

O Practicus não necessariamente precisa trabalhar todo o sistema, e, principalmente, lançar-se em incursão pelos Trinta Éteres.

Mas, mais detalhadamente, ele deve iniciar seu trabalho, sobretudo, com os quadrantes menores de cada Torre, e depois ir ascendendo em sua prática aos quadrantes querúbicos, etc, de forma a que ele possa experienciar os sub-elementos em cada quadrante.

Ele deve, durante suas incursões, tomar conhecimento da natureza do quadrante e seus sub-elementos, e, sobretudo, ele precisa solicitar acesso e, assim, se aproximar do guardião de cada pirâmide formada pelos quadrantes.

Por exemplo, numa incursão ao quadrante “N” no ângulo menor do Ar na Tábua do Fogo, cujo governante é Ahephi, deve-se, após a Chamada, sair em Corpo de Luz, e formar o diagrama exato da Pirâmide (em letras enoquianas), conforme estabelecido pelas Quatro Tábuas, sobre sua cabeça. Surgirá, à medida que se prossegue na incursão, o governante Ahephi ao qual se solicita acesso à Esfinge daquela Pirâmide. É esta esfinge que revelará a natureza da força ou forças universais que atuam ali especificamente.

Mas deve-se atentar que as “palavras” da Esfinge devem se coadunar com os elementos daquele determinado quadrante – neste caso, algo como uma atmosfera seca e quente, embora nublada e com brilho opaco.

O Practicus deve, depois, solicitar à Esfinge que lhe acompanhe à presença do Anjo do quadrante no topo da Pirâmide, onde termina a prática.

93, 93/93.

Practicus 3^o=8^o

93.

“E adentro a câmara do rei, que é moldada como a cúpula dos adeptos [...]. Pois há quatro lados na câmara, que com o teto, o chão e a câmara dão sete. Assim também é o pastos sete [...]. E não há mobiliário, e não há símbolos”. – *Liber 418, 18^o Éter.*

O 18^o Éter em *Liber 418*, “A Visão e A Voz”, deve ser profundamente estudado pelo Practicus 3^o=8^o.

Ali está descrita a “Câmara do Rei” em sua formulação mais santa, no interior da Pirâmide de Rubi, no centro da Montanha de Cristal sustentada por setenta e duas colunas de pura luz. Esta é a consecução máxima, e também superior em muitos graus, do 31^o Caminho de Shin, o Atu XX, “O Éon”, cuja fórmula é “a passagem pela câmara do rei”.

O Practicus já deve ter obtido consecuições nesta “passagem” através de suas práticas de *Liber HHH*, Seção SSS, que é atribuída ao Fogo e às primeiras experiências reais com a *kuṇḍalinī*.

Que ele se lembre que as Câmaras do Rei são também Lótus em seu Corpo de Luz, e que “a passagem” por estas é realizada pela Deusa *Caṇḍālī*, que agora se instala no *anāhata*.

O restante do texto no 18^o Éter é uma publicação em Classe D, ou seja, o ritual chamado de 418, que trata do método ritualístico de se obter a natureza de cada um dos 30 Éteres Enoquianos.

O Practicus, fortalecido por suas práticas nos quadrantes das Tábuas Enoquianas, pode, agora, aventurar-se pelos Éteres, e cumprir muito do que lhe é exigido em seu Grau.

Obviamente ele não obterá a completa consecução em todos os 30 Éteres, mas este ritual lhe é concedido pois que o Practicus 3^o=8^o é um reflexo do Grau de Magister Templi 8^o=3^o – o qual obterá plena maestria neste ritual.

Este mesmo ritual deve ser realizado pelo Adepto nos Graus Superiores ao de Practicus 3^o=8^o que ele porventura avançar, pois na descoberta da natureza dos Éteres e na permanência “na Câmara do Rei no interior de sua Pirâmide de Rubi” está oculto muito de sua Verdadeira Vontade – este é o cadinho de seu coração onde estão gravadas a Visão e a Voz de seu Deus.

93, 93/93.

Capítulo 5

04/10/2006 - 11:45

Philosophus $4^{\circ}=7^{\circ}$

93.

Para o Philosophus, o número sagrado é 175. Este é a soma dos números do quadrado de Vênus, atribuído a Netzach, a Sephirah do Philosophus.

Além disso, 175 é o somatório de $1-(7 \times 7):7$.

O Philosophus deve estudar profundamente o número 7, pois este é a fórmula do Amor em todas as suas manifestações e níveis.

Sobretudo porque são 7 os caminhos que formam o Colégio Externo (32, 31, 29, 30, 28, 27, 25) se excluirmos os Caminhos 26 e 24 como caminhos a serem trabalhados por membros do Colégio Interno.

Isto significando que a obra no Colégio Externo é fruto, e só pode ser executado graças ao extremado amor de Adeptos no interior do Colégio Interno.

E o fato do número 175 ser formulado por combinações do 7 revela sua profunda ligação com a Estrela Sétupla de Babalon que forma o próprio símbolo da Ordem chamada de A.'.A.'..

Na importância deste número para o Colégio Externo, em Vênus e em tudo o que ela representa há uma Grande Chave para se adentrar o Colégio Interno. Pois que o Colégio Externo é um aprendizado para o Amor, enquanto o Colégio Interno é o encontro no Amante e o exercício pleno deste Amor.

Para o Philosophus, devoção e amor são fundamentais. Sem a fricção destes dois gravetos não surgirá o fogo necessário que consumirá até certo ponto o Adepto que adentra o Colégio Interno.

Este amor é erguido no Philosophus pouco a pouco, mas atingirá com o tempo uma intensidade tão grande que o Philosophus se arremessará desenfreadamente sobre as portas que guardam o Colégio Interno.

Seus arroubos poéticos e sua incandescente devoção poderão levá-lo até às lágrimas, gritando pela presença de seu S.A.G.

Mas o Philosophus deve manter este estado até que se cumpra sua Tarefa, pois se ele assim continuasse poderia erguer-se involuntariamente pelo Caminho do Atu X, “A Roda da Fortuna”, e atingir Chesed, a Sephirah na qual esta comunhão total através do Amor é exigida do Adeptus Exemptus $7^{\circ}=4^{\circ}$ para se cruzar o Abismo.

Mas toda ascensão unicamente pelos pilares laterais é desaconselhável.

93, 93/93.

*Philosophus 4º=7º***93.**

Por causa deste desenfreado estado de ser que o amor e a devoção postos em prática pelo Philosophus o levam, é exigido que ele, antes de adentrar o Colégio Interno, passe ao Grau de Dominus Liminis.

Este período no Caminho do Atu XIV, “A Arte”, irá auxiliá-lo a equilibrar-se novamente, pois não é aconselhável que ele avance sem novamente adquirir seus poderes de raciocínio adquiridos na Sephirah Hod quando no Grau de Practicus. Por isso, a Tarefa principal do Dominus Liminis é a obtenção de *dhāraṇā*.

A Temperança, ou Arte, de reequilibrar-se, unificando seus poderes obtidos nas esferas de sua mente subconsciente (Yesod), consciente (Hod) e inconsciente (Netzach), é a natureza mesma deste Atu XIV, e do Grau de Dominus Liminis.

O Philosophus não deve menosprezar o poder deste estado de amor que o toma e leva aos píncaros da mente inconsciente. Se ele não estiver armado com as práticas de *Liber Jugorum* para o controle da ação que também lhe são exigidas neste Grau, o Philosophus verá seu Corpo de Luz ser inevitavelmente consumido por este amor, o que não é aconselhável nesta etapa do caminho espiritual, pois ele não está fortalecido o suficiente com o Conhecimento de sua Verdadeira Vontade por meio de seu S.A.G.

Se o Philosophus não possuir este controle de suas ações, ele dançará nas ruas como um membro *hare kṛṣṇa*, chorará copiosamente ao menor sinal de demonstração de afeto externo, se chocará profundamente com a “miséria” daqueles que não compartilham deste amor, etc. E sobretudo é muito provável que ele reaja violentamente ao que ele considere um desagravo ao deus que ele de forma particular escolheu para devotar-se.

Portanto que o Philosophus tenha sempre em mente *Liber Legis* III:46: “Eu vos trarei à vitória & alegria:Eu estarei nas vossas armas na batalha & vós vos deleitareis em imolar”.

Netzach é a vitória do Philosophus e sua alegria, a devoção. Mas ao fim, é preciso achar deleite na imolação de seu amor para reequilibrar-se novamente quando no Grau de Dominus Liminis.

93, 93/93.

*Philosophus 4º=7º***93.**

Se o Zelator é **טהור** (*tahur*), puro, e o Practicus é **שלם** (*shalem*), “completo”, o Philosophus é **מסתר** (*nistar*), “secreto”, “oculto”.

מסתר (*nistar*), oculto, é o atributo do Philosophus e da Sephirah Netzach, porque ali, embora tenham havido alguns vislumbres antes, o Adepto torna realidade a presença do “oculto” em si próprio de forma consciente através de *Liber 175* e *Liber 132*.

O mais importante para o Philosophus é aprofundar o estudo da Fórmula de **שת** que foi iniciado no Grau de Zelator.

Agora ele deve passar de **שתן**, a equação da transformação alquímica representada por Nun, a “Morte”, para **שתי**, a fórmula da encarnação divina representada por Yod, “O Eremita”.

שתי possui a mesma numeração de **מסתר**, “oculto”, que é 710.

Pois está escrito em *O Coração do Mestre*:

*Vaga sozinho, levando a Luz e teu Bastão!
E sê a Luz tão clara que nenhum homem possa ver-te!
Não te movas por nada de dentro ou de fora:
Mantém Silêncio em todos os caminhos.*

93, 93/93.

Philosophus 4º=7º

93.

“...o poder de fazer e ‘carregar’ talismãs é testado como se ele fossem instrumentos científicos de precisão, pois que eles o são”.

“...em evocação, o espírito chamado deve ser pelo menos tão visível e tangível quanto os mais pesados vapores”.

Evocação e preparação de talismãs são as duas Tarefas estritamente mágicas para o Philosophus, conforme descritos em *Liber 185*, *Liber 13* e *Uma Estrela à Vista*.

Estas duas etapas são atribuídas ao Philosophus porque pertencem a parte final do Grande Drama que é o ritual mágico chamado de Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião.

Até este momento, o Adepto, em cada Grau abaixo, aprendeu o que compõem suas Armas Elementais, seu Templo e Utensílios e Símbolos deste, depois estudou a teoria mágica do universo, e dos princípios de um ritual, de como purificar e banir, de como gerar um elo mágico, sobre o juramento ao propósito do ritual, da invocação, do carregamento de talismãs simbolizando o propósito do ritual, da evocação, e da permissão para partir.

Todas estas etapas possuem um único objetivo, que é preparar o magista para que ele realize o único ritual que realmente importa a membros do Colégio Externo – o ritual mágico do Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião.

Liber ABA, ou “Livro Quatro”, que é uma tese de Crowley como 7º=4º, tem por único e exclusivo objetivo preparar o Magista para este grande momento. Todos os tópicos e subseções em *Liber ABA* são estritamente elaborados para esta Única Finalidade.

Enquanto ao Philosophus cabe “carregar talismãs e evocar espíritos”, ao Dominus Liminis cabe “conceder permissão para partir”, pois que o Adepto está já no limiar para que se inicie o Maior de Todos os Rituais de sua vida até aqui, conforme o próprio Mestre Therion afirma em *Liber ABA*, Cap. XXI: “o Supremo Ritual Único é a obtenção do Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião. Isto significa o soerguimento do homem completo por uma linha vertical reta”.

93, 93/93.

Philosophus 4°=7°

93.

“Mas eu clamei por Ti, e eu viajei em busca Tua, e de nada valeu. Eu esperei pacientemente, e Tu estavas comigo desde o princípio”.

Estes versos de *Liber LXV* II:59-60, são a chave para a consecução do “estado de amor” necessário para que o *Philosophus 4°=7°* atinja a consecução de seu Grau, que é uma parte apenas daquela que lhe é exigida quando atinge *Chesed* e torna-se um *Adeptus Exemptus 7°=4°*.

Existe uma chave de equilíbrio nestes versos, porque o *Philosophus* deve passar da atividade (que é a característica ígnea de *Netzach*), em sua operação pessoal de buscar seu deus particular, à passividade chamada em *Liber 175* de “sublime modéstia”.

Este friccionar de dois opostos, passivo e ativo, farão erguer-se no *Philosophus* uma chama em seu coração que aumentará de intensidade, e que deve ser controlada pelo *Adepto* por meio de sua consecução em *Liber Jugorum*.

Além disso, o maior dos perigos é o que o *Philosophus* tome sua consecução de “tornar viva a estátua de seu deus particular” como uma consecução em *Tiphareth*, e portanto, crer-se um *Adeptus Minor* ao tomar a imagem por Deus.

Ainda assim, apesar dos perigos, pois existe perigo em todo amor que não é equilibrado por seu oposto, a consecução do *Philosophus* só estará concluída quando ele for capaz de “tornar viva a estátua de seu deus particular”, o que exige sobretudo que a imagem de pedra seja purificada pelo óleo de sua devoção e imantada pela chama do amor em seu coração, quando ela então abre os olhos e a boca e conversa em particular com seu adorante, o *Philosophus*.

Mas que ele não tome isto como um sinal da verdade universal, pois muitas religiões foram criadas por falhas de adeptos no grau de *Philosophus*, desequilibrados por seu amor excessivo expandindo-se além do perímetro de seu círculo mágico.

Também, existe uma chave para o *Dominus Liminis* nos versos de *Liber LXV* III:29: “No entanto, o tempo todo Tu estavas oculto ali, como o Senhor do Silêncio está oculto nos botões do lótus”.

93, 93/93.

Philosophus 4º=7º

93.

“...ele [o Philosophus] deve construir a baqueta mágica, de acordo com as intruções em *Liber A.*”

“...através de seu entendimento e engenho ele deve formular uma ação que represente o Universo”.

A Baqueta ígnea do Philosophus deve representar sua Vontade formulada como uma “ação que represente o Universo”.

A Baqueta de um Philosophus deve possuir como modelo a “dupla baqueta de poder” conforme *Liber AL vel Legis*, na qual a “ação” que representa o Universo é formulada como ABRAHADABRA.

ABRAHADABRA é a “dupla baqueta de poder” de Ra-Hoor-Khuit em *Liber AL III:72*.

E a “dupla baqueta de poder” é a fórmula ABRA-HAD-ABRA, pois que esta possui o poder em ambas as pontas (“ABRA”).

Em ABRAHADABRA também está a chave de *Liber AL II:3*: “Na esfera Eu sou em toda a parte o centro”, pois ABRA, a esfera, circunda HAD, o centro, por todos os lados.

Disto o Philosophus pode intuir a natureza de ABRA, e o que é este poder da dupla baqueta.

A palavra tripartite ABRAHADABRA (ABRA-HAD-ABRA) aparece três vezes no Livro da Lei, todas estas no Capítulo III, de forma equilibrada, sendo a primeira abrindo o capítulo, a segunda, no meio do capítulo e a última vez fechando a fala de Ra-Hoor-Khuit como a última palavra deste. O Philosophus deve considerar esta relação equilibrada entre o 3 e sua baqueta.

Em ABRAHADABRA, quando isolado o núcleo ‘HAD’ - o ponto central em toda a circunferência – temos dois “ABRA”, que representam a Dupla Baqueta de Poder.

Pois que o “ABRA” inicial é AB, “pai”, e também BR, “filho”, mas, sobretudo, é BRA, a criação divina em sua formulação ativa.

O “ABRA” final é, quando inverso, ARB, “a emboscada”, “a tocaia”, “a cilada”, “o esconderijo”, “o covil”, “o espreitar” (“e eis a Cobra enroscada da mente em volta ao cór do qual não se vê nada” – *Liber LXV I:1*), a criação em sua formulação passiva.

ABRAHADABRA representa a Grande Obra – a criação (ABRA), a essência no criado (HAD), o SAG, e o “covil” desta essência.

93, 93/93.

Philosophus 4º=7º

93.

“Mas eu queimei dentro de ti como uma pura chama sem óleo. À meia-noite Eu fui mais brilhante do que a lua; durante o dia Eu excedi completamente o sol; nos atalhos do teu ser Eu flamejei, e dispersei a ilusão”. – Liber LXVV:9.

Estas palavras são para o Philosophus 4º=7º, que deve estudar e meditar sobre este verso profundamente.

A “pura chama sem óleo” simboliza a atração irresistível entre o S.A.G. e o Adepto, mesmo quando não há por parte do Adepto nenhuma disposição, pensamento, intenção ou ação para “atrair” seu S.A.G. – atração esta simbolizada pela rotação da ROTA ao assinar o juramento de Neófito.

O Philosophus é aconselhado em *Liber Astarté*, verso 30, sobre a necessidade de “inflamar o coração” durante sua prática de devoção, pois que: “no fim surgirá repentinamente uma grande chama devoradora que te incinerará por completo”.

Na verdade o Philosophus obterá, assim, o entendimento de que desde sempre seu S.A.G. queimou dentro dele, veladamente.

E à medida que, ao manter sua prática, esta chama queimar mais e mais, o Philosophus atingirá êxtases mais e mais profundos, ainda que não seja permitido ao Philosophus, neste seu Grau, entregar-se e perder-se neste amor-êxtase definitivamente.

A chave mística para manter a chama queimando mais e mais, sempre e sempre, vai depender da habilidade do Philosophus manter sua consciência no “*dhyāna* da residência no fogo” no interior do *anāhata cakra* de sua divindade escolhida, prática esta iniciada quando no grau de Practicus 3º=8º.

A consecução na prática de *Liber Astarté*, e, portanto, na prática do “*dhyāna* da residência no fogo”, é alcançada quando a chama não vacilar, mas queimar firmemente durante sua prática mágica (“à meia-noite”), durante sua prática de meditação (“durante o dia”), e em sua vida diária (“nos atalhos do teu ser”).

93, 93/93.

Philosophus 4º=7º

93.

“Durante todo o tempo a Rosa emitia chamas azuis, coruscando como cobras através de todo o Éter. E as cobras assumiam formas de sentenças”. – Liber 418, 24º Éter.

Em alguns comentários aos graus de Philosophus e Dominus Liminis estivemos tratando de duas técnicas de meditação com o Corpo de Luz identificadas como “*dhyāna* da residência no som” e “*dhyāna* da residência no fogo”.

Estas técnicas foram denominadas desta forma de acordo com a tradição tântrica tibetana apenas por conveniência pessoal, o que não significa que estas práticas não sejam realmente utilizadas por membros destes Graus.

Conforme veremos adiante estas mesmas técnicas são descritas em *Liber 418*, no 24º Éter, que é uma descrição detalhada de experiências na esfera de Vênus (Netzach), e portanto, do Philosophus 4º=7º.

Uma comparação detalhada de ambas as técnicas desmonstrará a relação direta entre as mesmas.

A prática pode ser resumida em visualizar no *anāhata cakra* (lótus azul) do Philosophus a imagem do seu deus de adoração escolhido, também com uma pequenina chama azul no *anāhata cakra* deste, no qual os sons do *mantra* do deus reverberam. O Philosophus deve focar sua concentração no som do *mantra* gravado sobre as pétalas do lótus e na chama azul sobre o *anāhata cakra* de seu deus durante a *kumbhaka*.

Em *Liber 418*, está escrito que “as plumas azuis se reúnem, transformando-se numa rosa azul, e debaixo das pétalas da rosa surgem beija-flores de cores brilhantes, e orvalho pinga da rosa – orvalho da cor do mel. E eu permaneço sob a chuva deste”. E mais adiante nos são dados *mantras* a serem utilizados, entre os quais está “*sub umbra alarum tuarum Adonai quies et felicitas*”, cujo significado é “sob a sombra de tuas asas, ó Adonai, existe paz e felicidade”.

O Philosophus deve estudar estas indicações em *Liber 418*, pois que ele, no Grau de Dominus Liminis, deverá obter sucesso (“e orvalho pinga”) nesta prática que facilitará imensamente sua Tarefa e Consecução.

93, 93/93.

Philosophus 4º=7º

93.

“Ah, leva-me contigo, sim, correndo, conduze-me à tua alcova, rei meu: para celebrar contigo nossa festa e embriagar-nos teus amores mais que o vinho”. – *Cântico dos Cânticos 1:4*.

O Philosophus 4º=7º deve tornar-se hábil na prática da oração. Ele deve se aprofundar na Alquimia, mas não a “Alquimia dos Metais” própria do Zelator 2º=9º, e sim a “Alquimia Mística” da Consumação.

Ele deve aprender a orar fervorosamente no interior de seu Templo, e de preferência aprender as técnicas de oração com retenção do alento.

O Philosophus deve estudar e recitar todas as obras de poesia mística – João da Cruz, Tereza D’Ávila, Meerabai, Rumi, Ibn Arabi, Bahaulá, Cânticos, Ramalinga, Tayumanavar, Yunus Emré, Catarina de Sena, Dhul-Nun, Nicolau de Cusa, e tantos outros quanto ele achar apropriado – todas as noites antes de deitar-se por pelo menos uma hora.

O Philosophus deve durante suas orações atingir o estado de inflamação (*hitlahavuth*) e, depois, de êxtase (*hitpaaluth*), aos quais ele se entregará até obter a união (*devequth*) com seu deus escolhido.

Mas o Philosophus deve se entregar todas as sextas-feiras a uma prática especial, de preferência numa hora de Vênus.

Ele deve banhar-se e vestir seu Robe de Philosophus, sentando-se diante de seu Altar em seu Templo.

Ele deve iniciar suas orações, erguendo-se passo a passo em inflamação e êxtase até que atinja um estado tal de “anseio” para unir-se com seu deus que ele será ejetado para fora de seu veículo físico (*hitpashuth ha-gashmiyuth*), e quando isso acontecer ele deve exclamar “único e único!” (*achad ve-achad*) enquanto seu Corpo de Luz atinge seu Templo Astral no qual ele continuará suas orações cada vez mais fervorosas até que naturalmente sua oração se esgote.

O Philosophus permanecerá em silêncio em seu Templo, em seu coração (*kavanah ha-lev*); sua mudez, fruto do esgotamento de suas sensações e pensamentos.

Ele deve permanecer ali, em comunhão silenciosa com seu deus, o máximo que puder.

93, 93/93.

Philosophus 4º=7º

93.

“É-lhe entregue uma prática de meditação sobre os sentidos e os revestimentos do Ser, e a prática chamada *mahasatipatthana*”.

Mahasatipatthana é a prática de meditação ióguica entregue ao Philosophus.

Esta técnica literalmente significa prática (*patthana*) da máxima (*mahā*) atenção (*sati*). O que significa a constante e máxima conscienciosidade das camadas (*skandas*) que compõem um fenômeno – o que os gregos chamariam de “revelar o nômene por detrás do fenômeno”.

Os budistas theravadins falam de cinco *skandhas*: forma-nome (*nāma rūpa*), sensação (*vedanā*), percepção (*saññā*), tendência (*samkhāra*), e consciência (*vijñāna*).

As fontes de estudo, além de *Ciência & Budismo* de Mestre Therion, são o *Satipatthanasamyutta* e o *Mahasatipatthana Sutta* na literatura budista theravada.

“Ele deve contemplar a forma na formas, a sensação nas sensações, a percepção nas percepções, a tendência nas tendências, e a consciência na consciência, [...] ao partir e voltar, ao olhar adiante e atrás, ao estirar e dobrar seus membros, ao vestir-se, ao comer, ao beber, ao mastigar, ao defecar, ao urinar, ao andar, ao sentar, ao dormir, ao levantar, ao falar, e ao silenciar”. – *Satipatthanasamyutta*.

A consecução final, a qual “conferiria um grau muito mais elevado” ao Philosophus, ocorre quando, por exemplo, ao vestir-se o Adepto é capaz de manter-se atento de que “existe a consciência (*vijñāna*) de uma tendência (*samkhāra*) a perceber (*saññā*) a sensação (*vedanā*) de vestir um robe (*nāma rūpa*)”.

Todas estas são camadas, ou planos (*skandhas*), aos quais o Adepto é ejetado à medida que é capaz de manter-se ciente de cada uma das etapas desta desvelação, ou descamação, dos fenômenos que o circundam.

Assim também a consciência do adepto sobe plano a plano a medida que ele reconhece que, ao vestir-se, existe uma “sensação de vestir-se” anterior à ação.

93, 93/93.

*Philosophus 4º=7º***93.**

Nas notas a *Liber V vel Reguli* Mestre Therion nos revela uma prática a ser realizada por um Adepto no Grau de Philosophus 4º=7º, sendo este Liber o método para se atravessar o 28º Caminho de Tzaddi, levando de Yesod a Netzach.

A prática revela o poder do Amor (Daleth, 4) através da união dos opostos (“Os Amantes”, 7) pela destruição de conceitos daquilo que desgosta, repugna e repulsa o Adepto.

A prática revela uma técnica distinta para “destruir”, e portanto, sobrepujar, o “mal”, o “feio”, o “medo”, a “vergonha”, etc., de forma a que o Adepto, ao se tornar indiferente as mesmas, seja capaz de contemplá-las e apreciá-las como aspectos de sua Verdade tanto quanto o “bom”, o “belo”, a “coragem”, etc., abandonando a ambas. Este também é o início da técnica do Atu XV, “O Diabo”.

A técnica se resume a exarcebar as sensações que mais desagradam no Adepto, tais como cheirar odores fétidos, amar seres defeituosos, realizar atos “anti-éticos”, frequentar necrotérios, etc.

Mas tudo deve ser contemplado à exaustão, até que o Adepto encontre nas sensações que lhe são mais repugnantes a atração por estas, o que significará a consecução do amor como virtude, força e pureza aplicados até mesmo naquilo que ele mais deteste.

Esta prática do Philosophus não deve ser negligenciada, pois ela será fundamental para auxiliá-lo quando o Adepto, agora no Grau de Dominus Luminis, tiver de encarar a Persona do Umbral, sua Sombra.

Mestre Therion revela também qual a consecução quando esta prática é perseguida até o fim: “assim, também, aquele que invoca sempre irá contemplar o Fogo Informe, com tremor e perplexidade. Mas se ele prolongar sua meditação, ele irá equacioná-lo em símbolos coerentes e inteligíveis, e ele ouvirá o som articulado deste Fogo, interpretará o trovão desta como uma tranquila e pequenina voz em seu coração. E o Fogo irá revelar-se a sua própria imagem em sua própria glória verdadeira a seus olhos; e ele falará em seus ouvidos o Mistério que é seu próprio e correto Nome”.

93, 93/93.

Philosophus 4º=7º

93.

“E uma voz vem: ‘Quem é aquele que tem a chave para o portão da estrela matutina?’ E agora um Anjo vem e procura abrir a porta experimentando várias chaves. E nenhuma delas é de qualquer serventia. E a mesma voz o diz: ‘O cinco e o seis estão equilibrados na palavra Abrahadabra’, e nela está o mistério desvelado. Mas a chave para este portão é o equilíbrio do sete e do quatro; e desta tu não tens sequer a primeira letra. Agora há uma palavra de quatro letras que contém em si todo o mistério do Tetragrammaton, e há uma palavra de sete letras que ela oculta, e esta novamente oculta a palavra sagrada que é a chave do abismo. E esta tu encontrarás, revolvendo-a em tua mente”. – *Liber 418, 7º Éter.*

O Philosophus deve estudar profundamente o 7º Éter em *Liber 418*.

“O cinco e o seis estão equilibrados na palavra Abrahadabra”, ou seja, as cinco primeiras letras são iguais às seis últimas. Daí que $A + B + R + A + H = 1 + 2 + 200 + 1 + 5 = 209$, assim como $A + D + A + B + R + A = 209$. Ou ainda $5º=6º$, ou $11 (2 + 0 + 9) = 11 (2 + 0 + 9)$.

“Mas a chave para este portão é o equilíbrio do sete e do quatro”, ou seja, as sete primeiras letras $A + B + R + A + H + A + D = 1 + 2 + 200 + 1 + 5 + 1 + 4 = 214$, assim como $A + B + R + A = 204$.

Se $7º=4º$, então $214 = 204$, ou ainda $214/204 = 1,04901 (7 \times 7 \text{ ou Babalon})$. E ainda a chave da permutação de Babalon, pois 49 é precedido por 10 e sucedida pela permutação deste, 01.

Por isso, o texto prossegue com “e desta tu não tens sequer a primeira letra”, pois a primeira letra de Abrahadabra é א (Aleph), e Babalon se escreve com a segunda letra ב (Beth).

Daí que “a chave para este portão” também se refere a isto, a que não existem portais em א (Aleph), somente em ב (Beth), conforme demonstrado nos 231 portões no *Calix Babalonis*.

“Agora há uma palavra de quatro letras que contém em si todo o mistério do Tetragrammaton”. Diz-se ser esta palavra TARO (no qual está Babalon como os dois lados da Árvore $78 \times 2 = 156$), mas é também אהל (AL ChY, 49, Deus na Árvore Frontal) e אהל (ChY LA, 49, Deus na Árvore Reversa).

93, 93/93.

Capítulo 6

03/10/2006 - 11:49

Dominus Liminis

93.

Para o Dominus Liminus o número 700 é sagrado, pois dele advêm פּרֹכֶת (paroketh), כַּפֹּרֶת (kaporeth), מִסְטָר (mistaur) e שַׁיִטָּן (shaitan).

Os objetos guardados no interior da Arca Sagrada eram cobertos por uma trama de ouro a qual se dava o nome de Kaporeth, enquanto a própria Arca era coberta por um Véu, Paroketh.

O Dominus Liminis precisa aprender a ultrapassar ambos os Véus, Paroketh e Kaporeth, de forma a que possa atingir a Arca a que tanto anseia.

Mas existe um método exposto claramente para tal em *Liber 13*, quando este diz que “a ele [ao Dominus Liminis] são dadas práticas de meditação sobre o controle do pensamento, e a instrução em *rāja yoga*”.

Sem a consecução inicial de *rāja yoga* não existe progresso no Grau de Dominus Liminis. Ele deve ter experiência suficiente em *dhāraṇā* para ultrapassar ambos os Véus de Paroketh e Kaporeth, sendo que é necessário maior experiência para ultrapassar o último, se comparado ao primeiro. Na verdade o desvelar de Kaporeth vai lhe permitir olhar dentro da Arca, o que o torna um Adeptus Minor externo.

Tal consecução em *dhāraṇā* está oculta na palavra קֶשֶׁת (qesheth), o “arco”, de numeração 800, que simboliza Sagitário e o Atu XIV, “A Arte”, quando é dito que “o Senhor colocou um arco [qesheth] nos céus como sinal de Sua aliança”.

É óbvio lembrar que Qoph, Shin e Tau são os três caminhos que ascendem de Malkuth, formando o Arco. Mas na verdade, com estas mesmas três letras Qoph, Shin e Tau também se escreve שֶׁתֶּק (shetheq), cuja soma também é 800, que significa “silêncio” – não como ausência do som, mas como tranquilidade, calma, ou seja, *dhāraṇā*, concentração.

Por isso *Liber Samekh*, que é o Liber para a consecução do Adeptus Minor, possui a numeração de *Liber 800*.

מִסְטָר (mistaur) designa um “lugar secreto contendo um tesouro oculto”, conforme *Isaias* 45:3.

Isaias versículos 42-44 devem ser estudados por Philosophus, enquanto o capítulo 45 deve ser cuidadosamente escrutinado por Adeptos pertencentes ao Grau de Dominus Liminis.

93, 93/93.

Dominus Liminis

93.

שֵׁת, Seth, ou שַׁיטָן, Shaitan, também são para o Dominus Liminis, porque representam a consecução que estes estão muito próximos de obter.

Não importa se o tomamos por שֵׁת (Seth) ou שַׁיטָן (Shaitan), porque sendo שׁ considerado uma letra final, possui valor de 700, o que nos dá uma equação exata, ou seja, שֵׁת=נ, ou $300 + 400 = 700$, ou $700 = 700$.

A Fórmula שֵׁת, ou שַׁיטָן, é indispensável para a consecução ao Grau de Adeptus Minor pelo Dominus Liminis, e ele deverá ter obtido o discernimento para entender isto, caso contrário não avançará.

No mais, pode-se dizer que שֵׁת, Seth, o terceiro filho de Adão, substituiu a הַבֵּל, Abel, o “sopro”, o “alento”, após ter sido morto por קַיִן, Caim, o detentor da Marca da Besta em sua testa.

קַיִן possui a numeração 810, mas sua raiz é קָן, “ninho”, cuja soma é 800. Vide *Liber 800*.

O mistério de Caim está igualmente contido na fórmula כַּפֹּרֶת, Kaporeth, pois suas letras representam Júpiter, Marte, Sol e Saturno, que são os quatro metais alquímicos atribuídos aos quatro *cakras* ascendentes que o Dominus Liminis deverá ter trabalhado e ultrapassado de modo a atingir o quinto *cakra*, קָן, o “ninho”, a marca de Caim. O método?! Matar Abel, o “alento”. A consecução?! שֵׁת, Seth, Shaitan.

Note que para os Alquimistas “Seth” é o nome dado ao estágio em que a Pedra Filosofal torna-se branca, o estágio no qual a Pedra transmuta metais de base em Prata.

שֵׁת (Seth) em hebraico possui a mesma raiz da palavra “pôr”, “repor”, “substituir”, quando é dito em *Gênesis* 4:25 “Deus substituiu [*shath*] outra semente no lugar de Abel”.

O Dominus Liminis quando compreende e obtém a consecução da Marca de Caim, a Marca da Besta, ele obtém a Ordália X, conforme *Liber Legis* III:22.

“Eu sou o objeto visível de adoração; os outros são secretos; para a Besta & sua Noiva são eles: e para os vencedores da Ordália X. O que é isto? Tu saberás”.

Neste estágio o Dominus Liminis é capaz de entender a verdadeira razão deste Grau ser chamado de “O Senhor do Limiar”.

93, 93/93.

*Dominus Liminis***93.**

O Livro de *Isaiás*, no Antigo Testamento, é todo ele uma alegoria para a ascensão do Adepto desde as Esferas Inferiores, para onde a Alma deste foi “deportada” até as Esferas Celestiais donde originou-se – daí o nome dado a ele, *Livro de Emanuel*, ou “Deus está conosco”.

Em *Isaiás* 14:12, cujo nome do capítulo é “a Volta do Exílio”(!!), *Isaiás* pergunta: “Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da aurora! como foste lançado por terra, tu que prostravas as nações!” – esta expressão “estrela da aurora” fora traduzida erroneamente por “*Phosphoros*” (um deus grego) na septuaginta, e como “*Lucifer*” nos primórdios do Cristianismo por Jerônimo, que utilizou a septuaginta e não o original hebraico, gerando muita confusão posteriormente, inclusive a identificação de *Lúcifer* com um Anjo Decaído (o que, por fim, ele realmente é, em certo sentido) e malévol.

“*Quomodo cecidisti de caelo, Lucifer, fili aurorae? Deiectus es in terram, qui deiciebas gentes*”.

Mas em *Isaiás* 42:1 a 42:4, já no estágio mais adiantado do processo de (re)ascensão da Alma, *Isaiás* narra no capítulo “Deus apresenta seu servo”, o processo relativo a Baphomet quando diz: “Vede meu servo, a quem sustento; meu escolhido, a quem prefiro [...]. Promoverá fielmente o direito [Verdadeira Vontade], não vacilará, nem se quebrará, até implantar o direito [Lei, Verdadeira Vontade] na terra [Malkuth], e sua lei que as ilhas [Sephiroth] esperam”.

E logo depois, *Isaiás* apresenta uma fala entre o S.A.G. e o Adepto em “Deus fala a seu servo”, declarando abertamente a consecução necessária do C.C.S.A.G.

Portanto, *Lúcifer* é um símbolo do primeiro estágio de “redenção” até que surjam os primeiros matizes da Luz da Aurora (LVX) na Mente do Adepto (um Adepto no Grau de *Dominus Liminis*), enquanto o C.C.S.A.G. nas Esferas de Tiphareth a Chesed é um símbolo da obra de Baphomet.

93, 93/93.

Dominus Liminis

93.

Os versos em *Liber Legis* I:63 possuem uma indicação direta à consecução na prática de *kuṇḍalinī yoga* que arremessará o Dominus Liminis para o interior do Colégio Interno por meio do êxtase gerado por esta prática, a qual foi iniciada pelo Zelator segundo as Tarefas deste Grau (“ele deve, além disso, demonstrar algum conhecimento e experiência nas meditações dadas em *Liber HHH*”), e aprofundada pelo Practicus também segundo seu currículo (“ele deverá passar [no teste] à prática de meditação S.S.S., em *Liber HHH*”). Ao Philosophus cabe dominar a técnica de *mahasatipatthana*, mais conhecida por seu nome no budismo tibetano – *vipāśyanā*, “contemplação”.

Embora o Dominus Liminis não possua a total perfeição em *kuṇḍalinī yoga*, pois, conforme *Liber 13*, “o resultado completo, se atingido, lhe conferiria um grau muito mais elevado”, os frequentes êxtases obtidos por meio desta prática lhe permitirão levantar o Véu de Kaporeth e vislumbrar o interior da Santa Arca. O qualidade e a profundidade do êxtase atingidos dependerão diretamente de sua proficiência em *dhāraṇā*.

“*Cantai a extasiante canção de amor a me!*”

[A prática de *kuṇḍalinī yoga*.]

“*Queimai perfumes a me!*”

[Os vapores que se erguem da união de *iḍā* e *piṅgalā* na *suṣumnā*.]

“*Usai jóias a me!*”

[Os *cakras* revitalizados pelo calor do fogo-*tummo* se erguendo na *suṣumnā*.]

“*Bebei a me, pois Eu vos amo!*”

[O néctar pingando dos *cakras* sobre o fogo-*tummo* no *māṅḍipūra*.]

“*Eu vos amo!*”

[O êxtase gerado pela queimar do néctar.] – *Liber AL* I:63.

93, 93/93.

Dominus Liminis

93.

O Dominus Liminis deve atentar para o fato de que este Grau é cumprido em dois Caminhos, os quais formam a Cruz (+) invisível que liga as pontas do Y – formado por Yesod, Hod e Netzach – a Tiphareth.

Esta Cruz (+) trará o equilíbrio necessário ao adepto que cumpriu as tarefas dos Graus de Zelator, Practicus e Philosophus. Sobretudo porque é preciso antes de adentrar o Colégio Interno haver equilibrado a tendência aquática e passiva de Hod, contra a influência ígnea e ativa de Netzach.

Estes caminhos são atribuídos ao Atu XVI, “A Torre”, e o Atu XIV, “A Arte”.

A Torre

*Põe abaixo a fortaleza de teu Eu Individual,
de forma que tua Verdade possa germinar livre das ruínas.*

A Arte

*Despeja o teu todo livremente do vaso em tua mão direita,
e não perca uma gota. Não há um vaso em tua mão esquerda?
Transmuta tudo completamente na Imagem de tua Vontade,
levando cada qual à sua verdadeira Perfeição.
Dissolva a pérola na taça de vinho; beba, e torna
manifesta a Virtude desta pérola.*

93, 93/93.

Dominus Liminis

93.

O Dominus Liminis é o único Grau a possuir dois atributos **נְסִיוֹנִי** (*nisyoni*), “provado”; e **מורגש** (*murgash*), “moral”, “excitado”.

O primeiro é o tributo do Atu XIV, “A Arte”; o segundo é o atributo do Atu XVI, “A Torre”, pois ambos completam os Caminhos a serem trilhados pelo Dominus Liminis antes de adentrar o Colégio Interno.

נְסִיוֹנִי (*nisyoni*), “provado”, é o mesmo atributo do Probacionista, e o Dominus Liminis já deve ter agora compreensão mais profunda quanto a relação entre **נְסִיוֹן** (*nisyon*), “tentação”, “provação”, e **צַמְצוּם** (*tzim-tzum*), a contração da luz divina em um raio de luz criador.

מורגש (*murgash*) soma 549 que é a mesma numeração **רוּחַ סַעֲרַת** (*ruach sereth*), “vento de tempestade”, ou “espírito tempestuoso”. O Dominus Liminis deve meditar sobre esta correlação entre **רוּחַ סַעֲרַת** (*ruach sereth*) e o Atu XVI, “A Torre”.

A raiz de **סַעֲרַת** (*sereth*) é **סַעַר** (*seir*), “agitar-se”, “espalhar”, conforme *Isaias*, 54:11, quando este fala da “reconstrução de Jerusalém”: “ó afligida, espalhada, desconsolada! Vê, eu mesmo te coloco pedras de azeviche, te dou safiras por alicerce”.

Mas deve-se também atentar para *Oséias* 13:3, quando este fala da “imolação de cordeiros”: “orvalho que se evapora ao amanhecer, palha espalhada da eira, fumaça pela chaminé”.

O Dominus Liminis deverá atentar para o fato de que ambos seus atributos também ocultam em si etapas de sua prática de *kuṇḍalinī yoga*.

Porque o alento do adepto deve primeiramente surgir como tempestade no interior dos nadis (“orvalho”, “palha”, “fumaça”), para somente então se realizar a temperança do alento de *idā* e *piṅgalā* no interior da *suṣumnānādī*, quando surge o Raio de Luz Uno.

93, 93/93.

Dominus Liminis

93.

סַעַר (*seir*), agitar-se, espalhar, soma 330, que é também a numeração de מִצָּר (*metzar*), dificuldade, aflição, angústia.

Existe uma chave para o Dominus Liminis em מִצָּר (*metzar*), pois sua raiz é צָרָר (*tzerer*), que significa envolver, estreitar no sentido de estar “em trabalho de parto”, escrito em hebraico adicionando-se uma letra Lamed a palavra original ל־צָרָר.

Nada simboliza mais o Grau do Dominus Liminis do que estar “em trabalho de parto”.

93, 93/93.



*Dominus Liminis***93.**

O Grau de Dominus Liminis é inteiramente permeado pelo que normalmente se costuma chamar de “Luz”.

Todos os símbolos e chaves de iniciação neste grau possuem relação direta e estrita com fenômenos visuais e, portanto, luminosos.

Os véus de **פֶּרְכֶּת** (*paroketh*) e **כַּפֶּרֶת** (*kaporeth*) possuem uma relação de “des-velação”, e consequentemente de iluminação, de trazer à luz da consciência do Adepto o que antes lhe era “velado”. Assim também **מִסְתָּר** (*mistaur*), “oculto”, também denota essa mesma relação de trazer à luz algo anteriormente oculto à luz da consciência do Adepto.

Até mesmo a consecução em *kuṇḍalinī yoga* está relacionada com um processo luminoso devido à natureza e característica ígneas desta prática.

Por isso diz-se que o Dominus Liminis deve receber o “batismo de luz” de forma a avançar ao Grau de Adeptus Minor 5^o=6^o externo.

Esse “batismo de luz” é narrado nas escrituras cristãs do Velho Éon através do milagre de cura do cego.

No Novo Testamento cristão (*João 9:6*), Jesus (o S.A.G.) encontra um homem cego (um Adepto do Colégio Externo) e o cura, cuspido no chão, misturando sua saliva com o barro (ou seja, retificando a natureza elementar do Adepto ao misturá-la com LVX, o Espírito Santo) e aplicando este “unguento retificado” aos olhos do cego, mandando-o, então, lavar seus olhos no poço de Shiloam.

Jesus (o S.A.G.) exerce aqui o papel de Lúcifer, o Messias, pois traz a Luz (LVX) ao Adepto.

Shiloam (ou Shiloé) significa o Enviado – e este evento revela o “batismo de luz” do Adepto Dominus Liminis pelo S.A.G., que se torna assim um Adeptus Minor externo.

Pois a Luz da Visão (o Conhecimento) é para o Adeptus Minor externo o que a Voz (a Conversação) é para o Adeptus Minor interno.

Lúcifer é, assim, um símbolo santo para o Dominus Liminis, assim como Baphomet é santo para os membros do Colégio Interno. Pois sem “batismo de luz” que lhe é concedido por Lúcifer nenhum progresso lhe será permitido.

93, 93/93.

Dominus Liminis

93.

A experiência mágica e mística da “Luz” que permeia o Grau de Dominus Liminis também pode se transformar numa experiência de Sombras e Trevas, quando o objetivo de atingir a Harmonia e Beleza do S.A.G. em Tiphareth é deturpado pela falha do Adepto em ultrapassar os Caminhos dos Atus XIII (A Morte), XIV (A Arte), XV (O Diabo), e XVI (A Torre).

Embora os Caminhos da Morte e do Diabo sejam também ordálias para o Adeptus Minor externo, estes quatro Caminhos formam a Cruz na qual o Dominus Liminis precisa fixar sua natureza elemental, antes de obter o Conhecimento e Conversação do S.A.G.

Normalmente a força da gravidade do Sol em Tiphareth irá naturalmente atrair o Adepto em direção à Luz da Harmonia, mas pode ser que haja um desvio na consecução do Adepto que o leve a comungar com o aspecto sombrio de sua natureza, o que Mestre Therion denominava de “Evil Persona”.

Neste caso, o Adepto não obteve o entendimento da putrefação necessária à toda mudança que leva à perfeição (a Morte), não é capaz de destilar a mistura dos elementos contraditórios de seu ser (a Arte), não obteve o entendimento de que todas as coisas se exaltam de forma idêntica (o Diabo), e não obteve o entendimento de que toda manifestação, prazerosa ou dolorosa, é uma mancha em sua consciência e, portanto, deve ser destruída (a Torre).

Todas as Tarefas do Dominus Liminis objetivam torná-lo capaz de superar estas ordálias, mas por algum erro (que pode ser identificado em seu diário por seu instrutor, mesmo em Graus anteriores) ele não foi capaz, ou foi apenas parcialmente, de superá-las.

A única opção é recomeçar. Mas isto também é uma ordália a qual o Dominus Liminis provavelmente não está apto a superar.

O instrutor deve estar atento e ser capaz, desde os Graus mais baixos, de identificar este tipo de limo grosso e negro que permeia o ego de seu instruído, tornando-o um eventual fracasso quando atingir o Limiar do Colégio Interno. E ele deve combater e reestabelecê-lo no caminho de forma constante e zelosa.

93, 93/93.

Dominus Liminis

93.

“No entanto, o tempo todo Tu estavas oculto ali, como o Senhor do Silêncio está oculto nos botões do lótus”.

“Ó Tu que transcendes as forças em seu Concurso e Coesão, em sua Morte e Disrupção”.
Liber LXV III:29-30.

Estes versos são a chave em *Liber LXV* para a consecução do Dominus Liminis nos quatro Caminhos que compõem suas Tarefas.

As forças do Concurso (Atu XV, o Diabo), da Coesão (Atu XIV, a Arte), da Morte (Atu XIII, a Morte) e da Disrupção (Atu XVII, a Torre) são equacionadas quando o Dominus Liminis é capaz de desvelar o Senhor do Silêncio, Hoor-paar-Kraat, o S.A.G., através de sua maestria em *dhāraṇā*, que é o “silêncio” (*shetheq*) manifesto na prática.

O Dominus Liminis deve iniciar a prática nas meditações chamadas de “*dhyāna* no interior do som” e “*dhyāna* no interior do fogo”, as quais são realizadas quando o Adepto é capaz de transferir sua consciência para o interior da chama e do *mantra* vibrando no *anāhata cakra* da divindade adorada por ele quando no Grau de Philosophus.

A consecução em ambas as meditações irão fazer, por fim, com que o Adepto atinja *dhāraṇā* e *pratyāhāra*, assim como, ao persistir nestes, o Senhor do Silêncio despertará no interior do lótus-*cakra*, elevando o Dominus Liminis ao Grau de Adeptus Minor.

93, 93/93.

Dominus Liminis

93.

“Enquanto eu olhava esta [Sagrada] Tábua [Sétupla], surgiu um adepto [...] que cravou uma adaga em meu coração, e provou o sangue, dizendo: *katarós, katarós, katarós, katarós, katarós, katarós*”. *Liber 418, 15º Éter*.

Esta é a passagem mística do Dominus Liminis ao Grau de Adeptus Minor 5º=6º externo, assim também como sua recepção ao Colégio Interno pela qual ele tanto trabalhou.

Para tal é preciso que seu “sangue” seja provado e declarado seis vezes puro (*katarós*), o que demonstra de forma irremediável que ele obteve o silêncio (*shetheq, dhāraṇā*) que purifica sua mente (o sangue do ego) de pensamentos errantes, dando-lhe acesso a Tiphareth (seis vezes declarado puro).

Esta mesma passagem em *Liber 418* trata da passagem e recepção de cada um dos Adeptos aos Graus e Sephiroth que compõem o Colégio Interno (5º=6º, 6º=5º e 7º=4º) e o Colégio Secreto (8º=3º e 9º=2º), embora Mestre Therion faça claramente uma admoestação ao dizer que “todos estes mistérios práticos devem ser desenvolvidos pelo próprio praticante, pois que qualquer fórmula entregue pelas mãos do escriba estaria provavelmente ‘morta’ nas mãos de outro homem”.

Os cristãos no Velho Éon também possuíam esta mesma formulação de passagem do Grau de Dominus Liminis a Adeptus Minor, quando dizem que Jesus crucificado é trespassado por um golpe de Lança de um Soldado para que se verifique que está realmente “morto”, quando jorra então Sangue e Água. Somente após ser constatada a sua “morte”, ele é retirado da Cruz e entregue aos cuidados de Adeptos (José e Nicodemos) preparados para cuidar dele doravante.

Esta é a mais santa das mortes a que deve almejar um Adepto no Grau de Dominus Liminis, a morte do silêncio de sua mente em *dhāraṇā*. Ele não deve entender “morte” num sentido definitivo (ainda), pois que haverá sua “ressureição” de entre os mortos, e o silêncio de sua mente será interrompido novamente. Pois que ainda não lhe é concedida a “morte” completa sem ressurreição do Grau de 8º=3º.

93, 93/93.

Dominus Liminis

93.

“...uma lanterna mágica que queimará sem pavio ou óleo, alimentada pelo Éter. Isto ele [o Dominus Liminis] deve cumprir de forma secreta e em separado, sem pedir conselho ou aprovação de seu Adeptus Minor”.

A Lanterna é o utensílio mais sagrado do Templo. Além da Lanterna, somente a Coroa é mais importante para o Magista.

A Lanterna é para o Dominus Liminis, assim a Coroa é para o Adeptus Minor, embora o uso pleno da Coroa só seja obtido cinco degraus mais adiante.

Acender a Lanterna é a Tarefa mais importante para o Dominus Liminis.

Para tal ele deve usar de todas as práticas e técnicas à sua disposição, tais como *śabda yoga*, “obtenção da marca de Caim”, “*dhyāna* da residência no fogo”, “*dhyāna* da residência no som”, *rāja yoga*, *Liber Turris*, “batismo de luz”, *kuṇḍalinī*, etc.

Mas que ele se lembre que “nestas instruções a relatividade e a limitação de cada prática é claramente ensinada, e todas as interpretações dogmáticas são claramente evitadas. Cada prática é em si mesma um demônio que deve ser destruído. Mas para ser destruído, ele deve ser primeiramente evocado”. – *Liber ABA*, Parte II, Cap. X.

Quando ainda no Grau de Zelator, o Adepto já havia sido instruído, na undécima prática de *Liber RV*, para “lançar completamente sua vontade em direção ao seu Sagrado Anjo Guardião” durante o *kumbhaka* em suas práticas de *prāṇāyāma*.

A prática à exaustão (“o templo e tudo que está nele deve ser destruído de novo e de novo antes que ele se torne digno de receber esta luz”) desta técnica irá incandescer mais e mais seu *ājñā cakra* até que a Lanterna mantenha-se acesa definitivamente.

Quando isso acontecer, o Adepto será capaz de manter seu dharana no *ājñā cakra* e na luminosidade que daí surgirá.

“Esta lanterna não é feita com as mãos, ela existe por si mesma para sempre. Ela não possui partes, nem personalidade. Ela é antes de ‘Eu sou’. Poucos podem vê-la, embora ela esteja sempre lá. Para ela não existe aqui nem lá, nem então, nem agora”.

93, 93/93.

Dominus Liminis

93.

“Ó Serpente de Esmeralda! Tu não tens tempo passado, nem tempo vindouro. Em verdade, Tu és não”. – Liber LXV III:18.

O Dominus Liminis precisa obter pleno entendimento da relação entre o seu ser e o Supremo Ser, de forma que esteja preparado para os enigmas de sua relação com seu S.A.G. quando for chegada a hora.

Embora enquanto no grau de Practicus $3^{\circ}=8^{\square}$ ele tenha se aproximado de alguns conceitos de ontologia, estes foram obtidos por um exercício a nível intelectual e puramente matemático, sem qualquer perturbação de teor dogmático e subjetivo.

Agora ele precisa se aproximar deles de forma mais específica e prática, embora cada vez mais particular e subjetiva.

Além de se aprofundar nos diferentes conceitos de ontologia (a ciência do ser) professados por neo-platonistas, epicuristas, Spinoza, Hegel, Jacob Boehme, Schopenhauer e Kant, o Dominus Liminis deve, principalmente, estudar profundamente aquelas obras de Adeptos que narraram de forma objetiva sua relação com este “ser” externo, e ao mesmo tempo interno, a si próprios.

Exemplos destes são os relatos de Sócrates com seu gênio, de Joseph Karo e seu Maggid de Mezerich, Rumi e Shamz de Tabriz, e muitos outros ainda.

O Dominus Liminis deve atentar para a peculiar relação entre o adepto e este outro “ser”, de forma a que possa mesmo estabelecer regras e formas de invocação, de conduta, de rituais, de predições futuras, etc., que sejam reveladas nestes escritos.

Isso o auxiliará em breve a também estabelecer, por intermédio de seus diários, padrões para si próprio com relação a ele mesmo e seu S.A.G., compreendendo a natureza peculiar e única de cada relação Adepto-S.A.G.

Mas o Dominus Liminis deve atentar, no curso de seus estudos, para a necessidade de manter-se isento, pois esta relação, embora subjetiva, não deve possuir os arroubos poéticos e extáticos que ele vivenciou quando no Grau de Philosophus $4^{\circ}=7^{\square}$.

Agora tudo deve ser “entendido” na mais pura luz da isenção à medida que sua Lanterna mágica é acesa.

93, 93/93.

Dominus Liminis

93.

“Mas eu estava unguido com o dulcíssimo óleo do Magister; eu escapei do abraço como uma pedra da funda de um menino dos bosques”. – Liber LXVIV:36.

O Dominus Liminis deve almejar, mais e mais, pela Crisma concedida por este “óleo doce”, pois isto fará seu caminho mais aplainado em direção ao seu S.A.G.

Este “óleo” é capaz de libertá-lo do abraço de sua *Evil Persona*, que para o Dominus Liminis é uma possibilidade de consecução tão plausível quanto o Conhecimento e Conversação de seu S.A.G.

É apenas a Crisma concedida por este “óleo” que o tornará imune a qualquer investida deste habitante do umbral.

E devemos lembrar que o título Dominus Liminis (o Senhor do Umbral) “não é um termo vão, mas que a sua maestria será frequentemente disputada, ainda que ele não saiba quando”. – Liber 185.

Esta “disputa por sua maestria” será realizada não somente por seu S.A.G., mas por seu Anjo Mau (*Evil Persona*) também. Principalmente enquanto o Adepto permanecer no umbral, sem que lhe seja concedida a autoridade de assumir o Grau de Adeptus Minor 5º=6º.

A natureza deste “óleo” milagroso deve ser estudada em *Liber ABA*, Parte II.

O “oleo” é a Aspiração do Magista, o que não deve ser confundido com ambição no sentido de desejar obter algo, neste caso, o C.C.S.A.G.

Pelo contrário este “óleo” é um dom (*siddhi*) concedido do alto como uma centelha lustral proveniente de além do Abismo.

A natureza deste “óleo” é luz, assim como tudo no Grau do Dominus Liminis pode ser reduzido a luz também.

Por isso, existem práticas específicas a serem dadas ao Dominus Liminis para que ele possa reunir as consecuições das práticas ióguicas realizadas nos Graus de Zelator, Practicus e Philosophus, de forma que agora o Dominus Liminis possa ser capaz de coletar o orvalho que naturalmente começará a pingar do supremo por sobre os Lótus de seu Corpo de Luz, sobretudo o Lótus em seu *māṇipūra cakra*.

O Dominus Liminis deve especialmente esforçar-se por coletar e guardar este “óleo” em seu Templo.

93, 93/93.

Capítulo 7

03/10/2006 - 14:04

Adeptus Minor 5^o=6^o (Externo)

93.

“...a Tarefa própria do Grau de Adeptus Minor: a Consecução de *rāja yoga* e do Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião”.

Embora obviamente a consecução final do *rāja yoga* não seja o dharana, o S.A.G. só pode ser acessado através de um bom nível deste estado fundamental no *rāja yoga* que é o *dhāraṇā*.

O *dhāraṇā* pode ser obtido através de muitas técnicas: concentração, dança rítmica ou frenética, drogas, oração, orgasmo, autoflagelo, jejum, interrupção do sono, etc., sendo que na maior parte delas o estado atingido não seja nem mesmo reconhecido ou denominado como *dhāraṇā*.

A forma de se obter mais e mais este estado de *dhāraṇā* (que muitas das vezes se assemelha a um ritual) é concedida pelo próprio S.A.G., que o entrega ao Adepto. Esta fórmula, forma, ou ritual, depende diretamente da natureza do S.A.G., de sua Verdadeira Vontade, e da relação cármica do Adepto para com Ele por todas as suas encarnações.

O fundamental é que o estado de *dhāraṇā* obtido por qualquer método que seja interrompe o processo mental normal, quando tudo ao redor desvanece e só resta na mente a Idéia primeva que é Ele – o S.A.G.

Quando a mente deixa novamente este estado não de repouso absoluto (*samādhi*), mas de concentração absoluta (*dhāraṇā*), os pensamentos irrompem da mente consciente e subconsciente, o que gera as oscilações, símbolos e arquétipos a que estamos acostumados. Caímos, então, do encontro e comunhão com Ele, e nos encontramos novamente em nosso mundo fenomênico.

O curioso é que mesmo em concentração absoluta somos capazes de encetar diálogos com o S.A.G. e recolher memórias, o que significa que ainda existem porções da mente em funcionamento.

Mas ainda assim o estado de *dhāraṇā* é a porta de entrada da Verdade.

E além disso, como todos os métodos de *dhāraṇā* utilizados levam a mente a um estado de êxtase que interrompe os pensamentos, somente encontros com o S.A.G. motivados por um profundo êxtase devem ser levados em consideração e tomados como verdadeiros.

93, 93/93.

Adeptus Minor 5º=6º (Externo)

93.

Existem 4 formas de praticar *Liber Samekh*. Cada prática é um aprofundamento progressivo que leva a níveis de comunhão com o S.A.G. progressivamente mais elevados.

(1) Prática Externa: pronúncia e sinais físicos nos quadrantes no templo físico.

(2) Prática Interna: pronúncia e sinais realizados mentalmente ainda no corpo físico no templo físico.

(3) Prática Sutil: pronúncia e sinais realizados no corpo de luz no templo astral.

(4) Prática Secreta: pronúncia e sinais realizados de uma forma especial conforme determinado pelo Supremo Santuário da Gnose (graus VIIIº, IXº e XIº). "... armado com sua Baqueta e sua Taça". "...naquele Veículo corporal do Espírito Santo que é sagrado para BAPHOMET, por sua virtude que oculta o Leão e a Serpente..." "...que a Cabeça de sua Vontade, onde sua consciência está fixada, abra sua fissura (o *brahmarandhra cakra*, no junção das suturas craniais) e exsuda uma gota do claro orvalho cristalino, e que esta pérola é sua Alma, uma oferenda virginal para seu Anjo, espremida de seu ser pela intensidade de sua Aspiração".

93, 93/93.



*Adeptus Minor 5º=6º (Externo)***93.**

Baphomet é um glifo, um mapa gráfico, do que compreende toda a Obra a ser executada na Segunda Ordem (R+C) por um Adepto.

Sua mão esquerda toca Netzach e traz o Adepto além do Véu de Paroketh (קשת, “arco”; שקת, “silêncio”, não o silêncio sem som, mas o silêncio da calma, *dhāraṇā*) para Tiphareth (a Baqueta da Verdadeira Vontade que é o Falo da Besta).

Sua mão direita direciona o Adepto a Binah, além do Abismo, mas o próprio glifo aconselha o Adepto quanto à opção do Caminho da Sacerdotisa e o Leite de Babalon (os Seios), mas também quanto a necessidade de entregar tudo antes da Ordália de Choronzon (o rosto animalesco da Besta).

Baphomet senta-se sobre a terra e os quatro elementos que são as Sefiroth abaixo do Véu de Paroketh, e sua maior instrução ao Adepto do círculo interno é “*Solve et Coagula*”, porque estas são as duas ordálias mais importantes para quem chega e para quem parte da Segunda Ordem, os hindus as chamavam de *bhakti yoga* e *karma yoga*.

As consecuições estão marcadas pela Lua Escura (o Adepto cruzando o Véu de Paroketh) e a Lua Clara (o Adepto cruzando o Abismo).

A figura de Baphomet é uma das mais santas que um estudioso de ocultismo pode possuir, pois ela é o mapa da Grande Obra.

Lúcifer, por sua vez, é o portador da LVX refletida do Sol em Tiphareth, é o planeta Vênus (a Estrela Vespertina, a última a se “apagar” antes do surgimento do Sol), é o anunciador do Filho (S.A.G.) sentado no Trono do Sol.

Lúcifer é a Iniciação do Adepto no Colégio Externo. Ele é basicamente uma consecuição de um Adepto no Grau 2º=9º, um Zelator, explorando a Sefirah Yesod, a Lua (com todas as implicações que daí advêm), pois o Zelator reconhece o brilho do Sol através de seu reflexo na Lua.

Por isso Baphomet não é Lúcifer, pois aquele é um Símbolo de Iniciação mais adiantado (oriundo do Colégio Interno), composto pelas Esferas Tiphareth, Geburah e Chesed.

Lúcifer representa a Iniciação anterior ao Colégio Interno, Baphomet é a Consecuição de Adeptos que vêm a Luz do Sol diretamente.

93, 93/93.

*Adeptus Minor 5^o=6^o (Externo)***93.**

O Sono de Shiloam (שלום) é o Equilíbrio (♌, Libra) do Fogo (♁) e da Água (♊) no interior da *suṣumnānāḍī* (♌) realizado no *anāhata cakra* do Adepto através da técnica tântrica conhecida por *tummo yoga* (*kuṇḍalinī yoga*).

Ali ocorre o Transe descrito em *Liber LXV* IV:9: “no jardim de imortais beijos, ó tu Brillhante, resplandesce! Faz de tua boca uma papoula, pois um beijo é a chave para o sono infinito e lúcido, o sono de Shi-loh-am”.

Shiloam em grego soma 1081, que é a mesma numeração de Tiphareth (תרפאת).

O “Sono de Shiloam” é a maestria em Sonho Lúcido que permite ao Adepto a se aventurar pelo universo iesirático do S.A.G., com a conseqüente intimidade cada vez mais crescente entre o Adepto e Anjo, levando a um aprofundamento com o S.A.G. que o “transe” traz.

Talvez isso indique que adeptos muito avançados em Sonho Lúcido (com seu Corpo de Luz muito refinado) possam seguir diretamente de Hod a Geburah, no caminho de Mem, “O Dependurado”. Embora elevações nos pilares laterais, sem o equilíbrio do pilar do meio, sejam desaconselhável.

Mas uma consideração deve ser feita aqui: um Adepto no Grau de Dominus Liminis que não possua a capacidade e a consecução da técnica de Sonho Lúcido, já há muito conhecida por hindus e tibetanos (*svapna yoga*), não avançará para o interior do Colégio Interno.

Para obter tal maestria, meditação e *kuṇḍalinī yoga* são fundamentais.

93, 93/93.

*Adeptus Minor 5^o=6^o (Externo)***93.**

Os Capítulos de *Liber ABA*, ou “Livro Quatro”, ou ainda “Magick”, podem ser divididos e atribuídos a cada um dos Graus do Colégio Externo, desde a Parte I, “Misticismo”, que deve ser estudado pelo Probacionista, até o Capítulo XVII da Parte II, “Magick”, que é atribuída ao Dominus Liminis.

A partir do Capítulo XVIII, as instruções são para o Adeptus Minor 5^o=6^o externo sobre como obter a Visão (a Clarividência e o Corpo de Luz) e a Voz (Advinhação) do S.A.G., assim como do ritual entregue pelo S.A.G. ao Adepto para que Aquele seja invocado sempre (Cap. XIX).

O Capítulo XX (a Eucaristia, a Comunhão Alquímica) relata o avanço do Adeptus Minor externo ao nível de Adeptus Minor interno pelo uso contínuo das práticas conforme estabelecido nos Capítulos XVIII e XIX.

O Capítulo XXI é o trabalho em si do Adeptus Minor 5^o=6^o interno. Ele trata das ciladas e da consecução do C.C.S.A.G.: dos Pactos com o Diabo, da maneira como a Magia deve ser feita por um membro no interior do Colégio Interno, da Necromancia, e finalmente da Consecução íntima ao Grau – que é a obtenção plena dos Poderes da Esfinge.

Somente após obter esta consecução o Adeptus Minor interno, ou pleno, poderá avançar ao Grau de Adeptus Major 6^o=5^o, e posteriormente ao Grau de Adeptus Exemptus 7^o=4^o, ambos os casos significando que agora o Adepto irá estender ao Macrocosmo a consecução que ele obteve no Microcosmo.

Por isso o Adeptus Major 6^o=5^o é chamado de o Senhor da Magia, pois o Adepto que assume este Grau deve ter obtido a consecução plena de todas as etapas da execução de um ritual mágico, sobretudo aquelas etapas do Grande Ritual do Conhecimento e Conversação do S.A.G. E além disso, a partir deste momento o Adepto estará reafirmando magicamente ao Macrocosmo suas consecuições obtidas a nível de Microcosmo.

93, 93/93.

Adeptus Minor 5º=6º (Externo)

93.

“*Riśikeśā* (o Senhor dos Sentidos, *Śrī Kṛṣṇa*) soprou a [concha] *pāñcajanya*; *Dhanañjaya* (*Arjuna*) soprou a [concha] *devadatta* e *Vṛkodara* (*Bhīm*), o Realizador de Maravilhas, soprou a grande concha *pauṇḍra*.

O Rei *Yudhiṣṭhira*, o filho de *Kuñtī*, *Anaṅta Vijaya*, *Nakula* e *Sahadeva Sughośā Mañipuṣpaka*, os grandes guerreiros *Kāśīrāja*, *Śikhandi* e *Dhr̥ṣṭadyumna* e *Virāṭa* e o invencível *Satyaki*, *Drupada* e os filhos de *Draupadī* – todos Governantes de Reinos; o Grande Herói, o filho de *Subhadra* (*Abhimanyu*) sopraram suas respectivas conchas”.

Os versos citados acima indicam as revelações interiores do Adepto à medida que ele atinge estágios cada vez mais profundos no caminho da etapa de *dhāraṇā* no *yoga*.

As revelações dizem respeito à manifestação do som “impronunciável” (*praṇava*) que emana como uma torrente ininterrupta que se sobrepõe gradualmente aos atributos físicos do corpo.

Os sons mencionados como o soprar de conchas pelos cinco *pāṇḍavas* e por *Śrī Kṛṣṇa* se referem à manifestação deste som pelos diferentes *cakras* na *suṣumnānāḍī*.

O refinamento gradual do som indica a obtenção de uma concentração mais profunda. Os sons são tomados como manifestação da ressonância dos *tattvas* (ou princípios elementais que constituem o corpo causal, ou *kāraṇa śarīra*) por meio do *puruṣa* (o S.A.G.).

Śabda yoga é uma excelente prática (*sādhana*) para se atingir a concentração (*dhāraṇā*) através do som interior (*śabda*).

Ela deve ser usada conjuntamente, e sobretudo após a consecução em *pūjāprāṇāyāma sādhana*, uma técnica de respiração (*prāṇāyāma*) similar a *Liber RV* durante a meditação, obtida pelo Zelador 2º=9º.

No *Śūraṅgama Sūtra*, *Avalokiteśvara* revela seu método de consecução: “de acordo com minha experiência, o melhor método de perfeição consiste em empregar o sentido da audição para se obter uma concentração plena (*dhāraṇā*) e auxiliá-la a atingir o estado de *bodhi* (*samādhi*)”.

93, 93/93.

*Adeptus Minor 5º=6º (Externo)***93.**

*Quando se reside na quietude
 O rufar de tambores das dez direções
 Simultaneamente são ouvidos,
 Assim a audição é completa e perfeita.
 [...]
 Os outros cinco órgãos não são perfeitos,
 Mas a audição é realmente pervasiva.
 A presença ou ausência de som e voz
 É registrada pelo ouvido como “é” ou “não é”.
 A ausência de som significa que nada é ouvido,
 O não-ouvir desprovido de natureza.
 A ausência do som não é o fim da audição,
 E o som quando presente não é o seu início.
 A faculdade da audição, além da criação
 E da aniquilação, em verdade é permanente.
 [...]
 Para ouvir teu verdadeiro Ser, porque não retroceder
 Esta faculdade empregada para ouvir as palavras de Buddha?
 [...]
 Quando um dos órgãos dos sentidos tem sua fonte retrocedida
 Todos os seis sentidos são com isto liberados.
 [...]
 Com a audição liberada, seu órgão ilusório desvanece;
 Com os objetos erradicados, perfeitamente pura é Bodhi.
 Em completa pureza, a luz brilhante permeia tudo,
 Com sua ofuscante tranquilidade abarcando o grande vácuo.*

Eis as palavras reveladoras de Avalokiteśvara no *Śūraṅgama Sūtra* as quais devem ser estudadas e, sobretudo, praticadas por Adeptos no Grau de Adeptus Minor externo, de forma a aprofundarem sua consecução em *dhāraṇā*.

Vale lembrar que não importa a técnica, pois toda ferramenta é válida, a ser usada para que o Adepto atinja *dhāraṇā samatā*.

Estas técnicas (*sādhanas*) podem abranger desde as técnicas puramente raja-ióguicas, assim como também as técnicas de *śabda yoga*, e aquelas que utilizam o trabalho com o Corpo de Luz do Adepto conhecidas por “*dhyāna* da residência no fogo” e “*dhyāna* da residência no som”.

93, 93/93.

Adeptus Minor 5^o=6^o (Externo)

93.

“O universo é mudança: toda mudança é o efeito de um ato de amor; todos os atos de amor contêm pura alegria. Morra todos os dias! A Morte é o ápice de uma das curvas da cobra Vida: vê todos os opostos como complementos necessários, e regozija-te!”

O Caminho de Nun é essencial para a consecução ao Grau de Adeptus Minor externo. Em *Liber Viarum Viæ*, a Tarefa neste Caminho é chamada de “a preparação do cadáver para a tumba”, embora Mestre Therion não tenha deixado claramente uma instrução para o mesmo.

No caminho de Nun, o Atu XIII, a “Morte”, estão condensados não somente as principais ordálias do Grau, mas também as principais consecuições do Adepto.

Aqui jaz a putrefação, a transformação que é necessária para que as condições atuais, ao serem destruídas, sejam renovadas e restabelecidas de forma aperfeiçoada. Por isso, a Morte é uma ilusão, pois o que ocorre é a sublimação do antigo pelo novo.

A consciência do Adepto deve ser crucificada e ressuscitada de forma a ser capaz de receber as influências briáticas de seu S.A.G.

Mas existem muitas chaves disponíveis nos símbolos que devem ser identificadas, compreendidas e usadas por Adeptos que estejam trilhando este Caminho.

No mito cristão da Crucificação, o Adepto é conduzido ao Gólgota (literalmente, lugar da Caveira, o Caminho de Nun). Seguiam com o Adepto dois bandidos que seriam crucificados com ele (os dois cães de *Yama*). O Adepto ao morrer lança um grito (o êxtase precursor do *khumbaka* duradouro). O Véu do Templo se rasga em dois de cima a baixo (Paroketh e Kaporeth são erguidos). O Cadáver é posto na Tumba, na qual se posta uma pesada Pedra que a veda completamente (a consecução do *kumbhaka* duradouro). Ao raiar do Sol (o C.C.S.A.G. em Tiphareth), a Pedra foi rolada (*kumbhaka* interrompido) e as Mulheres (a Dualidade) chegam ao Sepulcro, somente então elas podem ver novamente o Adepto, mas agora reformulado na forma de um Jovem de vestes fulgurantes que surge do interior da Tumba.

93, 93/93.

*Adeptus Minor 5°=6° (Externo)***93.****“Pois não existe santidade onde eu não estou”.**

Este verso de *Liber A'ash sub figura 370*, simboliza o método e a prática da Ordália do Diabo que o Adeptus Minor externo deve estudar e começar a praticar, embora a prática plena deva ser mais e mais desenvolvida pelo Adeptus Minor interno.

Esta prática é fundamentada pelo caminho do Atu XV, “O Diabo”.

Mas é importante salientar que a consecução plena que esta prática proporciona ao Adepto, fazendo-o exclamar: “todas as coisas são sagradas a me” (*Liber 370*, v. 28), só será obtida no Grau de Magister Templi, pois que este mesmo Liber, em seu versículo 18, declara: “Eu sou Baphomet, a Palavra Ócupla que será equilibrada com o Três”. Baphomet é um glifo de Sofia, Gnose, quando aplicada a técnica gemátrica de *atbash*. Assim, portanto, o Entendimento, a Palavra Ócupla (8°), será equilibrada (=) pelo Três (3°). Pois que a Gnosis é um atributo do Magister Templi 8°=3° através da consecução final da Ordália do Diabo.

E ainda que este simbolismo seja apresentado já ao Dominus Liminis, cabe ao Adeptus Minor externo compreender intelectualmente, de forma profunda, a relação entre o êxtase simbolizado no Atu XV e a prática de tornar todo ato e paixão em um hino em honra de seu S.A.G., tornando tudo em si mesmo sagrado e sacramento. Ao Adeptus Minor interno cabe praticá-lo. Ao Magister Templi cabe a consecução plena deste.

A técnica é entregue de forma plena ao Adeptus Minor interno, mas ela se torna evidente quando se considera os versos 26 (“eu sou ocultado com todas as formas de ocultação”), 34 (“seja inteiro e não mais dividido diante do símbolo do amado”) e 35 (“e em tudo criarás o infinito Êxtase”).

A chave é a formulação ativa de criar (“em tudo criarás”), em oposição a formulação passiva de obter, pois neste caso o texto diria “em tudo obterás”.

Este caminho do Atu XV, “O Diabo”, simboliza a formulação mágica da mesma consecução a qual o Atu XIII, a “Morte”, é a formulação mística.

93, 93/93.

Adeptus Minor 5º=6º (Externo)

93.

O atributo do Adeptus Minor, assim como a inteligência de Tiphareth, é chamada de **נבדל שפע** (*shepha nivdal*), ou “influência mediadora”.

A princípio este atributo não parece significar algo de importância no trabalho do Adeptus Minor, mas quando dissecadas as palavras revelam sua natureza mais recôndita.

שפע (*shepha*), “mediação”, soma 450 que é a numeração de **פשע** (“transgressão”), assim como de **פרי עץ** (*peri etz*), o fruto da árvore. Mas **שפע** (*shepha*) é também “abundância”, conforme *Deuteronomio* 33:19: “convidarão povos à montanha, para oferecer sacrificios legítimos, pois exploram a riqueza [*shepha*] do mar, os tesouros ocultos das praias”. Além disso, a raiz **שפ** é usada para formar todas as palavras com significado de “juiz” (*shopeth*), “julgamento”, etc.

נבדל (*nivdal*), “influência”, soma 86, e possui por raiz **נב**, que é usada para formar palavras tais como “profeta” (*navi*), “profetizar”, “êxtase profético”, etc. É este tipo de “influência” que é mediada na Sephirah Tiphareth. 86 é a numeração de **אלהים** (Elohim) e também de **אהיה אדני** (Eheieh Adonai), que simboliza a identidade entre Kether (**אהיה**) e Malkuth (**אדני**).

86 é também a numeração de “Aleluia” (a saudação êxtática do Adepto perante seu Deus).

O atributo do Adeptus Minor, portanto, pode ser chamado de “abundância de êxtase”, ou “rico em graça divina”, e de muitas outras formas.

No entanto, todas elas apontam para um único ponto – o S.A.G.

93, 93/93.

Adeptus Minor 5º=6º (Externo)

93.

A Fórmula שֵׁת, ou שֵׁתָּ, e o Tesouro de Abel

“E Caim lançou-se sobre seu irmão Abel e o matou. [...] ‘Quem matar Caim pagará multiplicado por sete’. E o Senhor marcou Caim, para que não fosse morto por quem o encontrasse”.

O Adeptus Minor 5º=6º externo deve aprofundar as práticas da “marca de Caim”, cuja maestria leva à obtenção de Otzar Hebel (o Tesouro de Abel).

Esta prática em si havia sido começada no Grau de Dominus Liminis, mas seus fundamentos foram lançados no Grau de Zelator, em suas práticas de *prāṇāyāma*, no Grau de Practicus, nas práticas do “Sono de Shiloam”, e no Grau de Philosophus, nas práticas de “*dhyāna* da residência no fogo”.

אוֹצַר הֶבֶל (*otzar hebel*) soma 334 que é a mesma numeração de קוֹל דְּמֵמֶה דִּיקֶה (*gol dememeh diqeh*), “brisa” ou “voz suave”, conforme *I Reis* 19:12: “Veio um furacão tão violento que despedaçava os montes e quebrava os rochedos diante do Senhor, mas o Senhor não estava no vento. Depois do vento veio um terremoto, mas o Senhor não estava no terremoto. Depois do terremoto veio um fogo, mas o Senhor não estava no fogo. Depois do fogo ouviu-se uma brisa suave [*gol dememeh diqeh*]; ao senti-la, Elias cobriu o rosto com o manto, saiu e ficou de pé à entrada da caverna. Então, ouviu uma voz que lhe dizia: ‘O que fazes aqui Elias? O zelo por IHVH Tzabaoth me consome’, respondeu Elias”.

Esta parte do caminho de Elias no Antigo Testamento é de interesse particular ao Dominus Liminis e ao Adeptus Minor externo, embora toda a simbologia de Elias e Eliseu seja de suma importância ao Adeptus Minor pleno, ou interno.

As etapas “furacão”, “terremoto”, “fogo” e “brisa” (voz, ou som), são marcos reais, e não fictícios ou simbólicos, obtidos pelo caminho na prática de *kuṇḍalinī yoga*, ou outra similar, para a consecução da iluminação da Lanterna do Adepto, os quais marcam uma utilização progressiva da consciência do Adepto rumo ao C.C.S.A.G.

Seth (שֵׁת, שֵׁתָּ) é Abel redivivo numa nova Semente, é o Óleo que queima sem pavio.

93, 93/93.

Adeptus Minor 5º=6º (Externo)

93.

“Neste Lâmen o magista deve colocar as chaves secretas de seu poder”.

As chaves a serem gravadas sobre o Lâmen de um Adeptus Minor 5º=6º lhe são entregues pelo próprio S.A.G., sem exceção.

O Lâmen é uma espécie de “código-DNA” do Adepto, não haverá dois iguais jamais.

O Adepto deve manipular estas “chaves” em Fórmulas alfa-numéricas de forma a que, mesmo quando da exposição de seu Lâmen, não seja possível a um outro identificar quais são exatamente estas “chaves”.

Por que tais “chaves” revelam a natureza do Adepto, sua Verdadeira Vontade, sua Fórmula Mágica de trabalho para cumprir esta Verdadeira Vontade, assim como revela a essência intrínseca de seu S.A.G. e, por isso, dele próprio, por todas as suas encarnações.

Normalmente o S.A.G. deveria também lhe revelar não somente as chaves, mas também a maneira de criptografá-las sobre Lâmen.

O Lâmen não é alimento para o Universo, como é o seu pantáculo, mas um lembrete constante da “aliança” entre o Adepto e seu S.A.G. Isso traz ao Adepto fé e devoção constantes, capazes de lhe purgar nas mais sutis e vis artimanhas de seu ego.

Sem a revelação das chaves de seu Lâmen o Adeptus Minor não poderá, “cumprir suas duas tarefas: o equilíbrio de si mesmo, especialmente de suas paixões, a fim de que ele não tenha nenhuma preferência por nenhum curso de conduta sobre um outro, e o esgotamento de toda ação por seu complemento, de modo que qualquer coisa que ele faça deixe-o sem tentação de desviar-se do caminho de sua Verdadeira Vontade”. Isso significa que ele não poderá avançar ao Grau de Adeptus Major 6º=5º.

O Adeptus Minor deve atentar para o fato de que o Lâmen do Sumo Sacerdote no Templo de Jerusalém era chamado de **חושן** (*choshen*), cuja numeração é 358, a mesma de **נחש** (“serpente”) e **משיח** (“messias”), pois que isto lhe dará vislumbres das consecuições requeridas para que seu Lâmen lhe seja revelado.

E que também ele medite sobre o “orvalho” com o qual são escritas as chaves sobre seu Lâmen nos trabalhos de Abramelin.

93, 93/93.

*Adeptus Minor 5º=6º (Externo)***93.**

O Adeptus Minor 5º=6º deve executar duas importantes Tarefas, no 22º e 23º Caminhos, a fim de cumprir inteiramente seu Grau, compreendidos nos dois Caminhos que seguem rumo a Geburah, o Grau de 6º=5º.

O primeiro, segundo *Uma Estrela à Vista*, é “o equilíbrio de si mesmo, especialmente de suas paixões, a fim de que ele não tenha nenhuma preferência por nenhum curso de conduta sobre um outro, e a completude de toda ação por seu complemento, de modo que qualquer coisa que ele faça deixe-o sem tentação de desviar-se do caminho de sua Verdadeira Vontade”. Este é o 22º Caminho de Lamed, o Atu VIII, o “Ajustamento”. *Liber Viarum Viæ sub figura 811*, designa-o como “A Passagem pela Sala das Balanças”, a ser executado através de *Liber 30*.

A segunda Tarefa é “ele deve manter silêncio, enquanto ele prende seu corpo à Árvore de sua Vontade Criativa, na forma daquela Vontade, deixando sua cabeça e braços formarem o símbolo de Luz, como se para jurar que cada pensamento, palavra e ato seus deveriam expressar a Luz derivada do Deus com o qual ele identificou sua Vida, seu Amor e sua Liberdade – simbolizados por seu coração, seu falo, e suas pernas”. Este é o 23º Caminho de Mem, o Atu XII, “O Dependurado”. *Liber Viarum Viæ sub figura 811*, designa-o como “O Sono de Shiloam”, a ser efetuado através de *Liber 460*.

No Caminho de Mem, o Adepto, sobretudo através da maestria na prática de Sonho Lúcido, aprofunda seu contato e comunhão com seu S.A.G. até obter um profundo entendimento de sua Verdadeira Vontade e de sua relação em sua atual encarnação com esta, além de iniciar o cumprimento da mesma.

Quanto mais profundo este contato com seu S.A.G., maior o progresso no Caminho de Mem.

Então, no Caminho de Lamed ele aprende a cumprir sua Verdadeira Vontade de forma mais coerente, conforme revelado por seu S.A.G. através da obediência aos comandos de Suas ordens.

Quanto menor a fricção (e, portanto, menor a desobediência aos comandos advindos do S.A.G.), maior o progresso no Caminho de Lamed.

93, 93/93.

Capítulo 8

03/10/2006 - 15:00

Adeptus Minor 5^o=6^o (Interno)

93.

A Adeptus Minor interno deve retornar seguidamente a seu Templo Astral, de modo a que seja erguido ali, e quanto mais cedo melhor, o abrigo da tempestade do Abismo que inevitavelmente acontecerá um dia.

Ele deve rever – agora com o conhecimento obtido de seu S.A.G. – cada item e cada Arma e Instrumento que compõem seu Templo de forma a fortalecê-los através da Obra e da Devoção (Avodah – עבדה 81) ao S.A.G.

Esta é a Fórmula e a chave do sucesso do Senhor da Magia 6^o=5^o.

Para obter sucesso no Caminho de Lamed (Justiça) é fundamental que se tenha revisto anteriormente todas as Armas e Instrumentos Mágicos utilizados no Templo Astral, sob a perspectiva do Conhecimento e Conversação do S.A.G. do Magista.

O S.A.G. instruirá, então, o Adepto sobre o modo correto de fazer Magia no interior do Colégio Interno.

Ao contrário da Magia realizada no Colégio Externo, onde a personalidade se arroga como executor e fonte do ato mágico, no Colégio Interno todo e qualquer ato mágico consciente deve ser feito literalmente através do S.A.G., no interior do Templo revisitado, com a expressa concessão d'Ele.

O Magista é, assim, apenas mais uma ferramenta ritual, e ele deve, portanto, ter se tornado a expressão máxima de seu Templo, Baqueta, Taça, Espada, Pantáculo, etc.

É o S.A.G. que realiza o ato mágico em si, quando da Comunhão entre o Adepto e Ele. Desta forma, o Magista jamais estará praticando qualquer ato de Magia Negra (= contrário a Verdadeira Vontade determinada pelo S.A.G.), pois somente o S.A.G. conhece exatamente o que deve e pode, ou não, ser realizado magicamente para o progresso do Adepto.

Existem muitos Magistas, sobretudo em 6^o=5^o, que permitem que o ego se aproprie destes atos mágicos, como se o ego fosse executor e fonte dos mesmos – eis aí a queda (ou a demora em cumprir o Grau por muitas vidas).

93, 93/93.

Adeptus Minor 5^o=6^o (Interno)

93.

Ordália da Carta XV (“O Diabo”) - I

O Adeptus Minor interno deve praticar com frequencia a Fórmula do Atu XV, “O Diabo”, a fim de superar a terrível ordália subjacente a esta Fórmula.

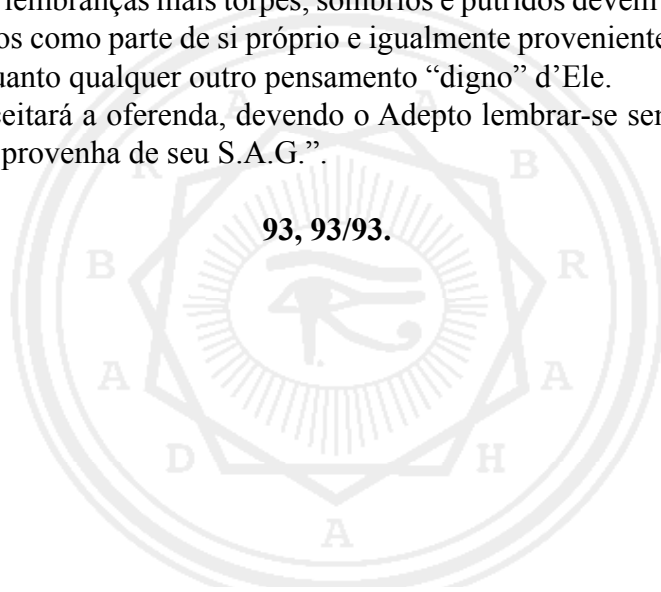
O Adepto deve descer astralmente, durante suas meditações, ao lado sombrio de suas lembranças ocultas, infames e represadas, e trazê-las para a Comunhão Santa com o Anjo.

Isso deve ser feito durante a realização do ritual que o Adepto recebeu de seu S.A.G. para a Comunhão com Ele.

Seus pensamentos e lembranças mais torpes, sombrios e pútridos devem ser trazidos pelo Adepto à Comunhão, aceitando-os como parte de si próprio e igualmente provenientes de seu S.A.G., tomando-as como tão santas quanto qualquer outro pensamento “digno” d’Ele.

O S.A.G., assim, aceitará a oferenda, devendo o Adepto lembrar-se sempre de que “não existe nada no Adepto que não provenha de seu S.A.G.”.

93, 93/93.



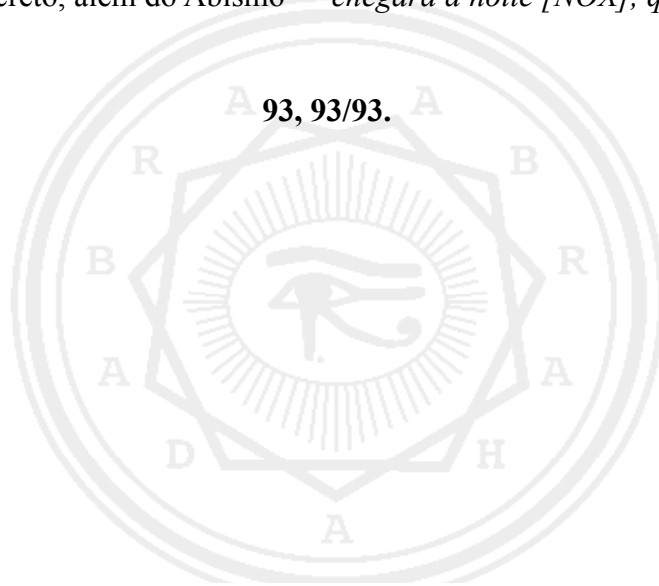
Adeptus Minor 5^o=6^o (Interno)

93.

“...enquanto é dia, tens de trabalhar nas obras daquele que te enviou; chegará a noite, quando ninguém pode trabalhar”.

O Adeptus Minor interno, à medida que avança em suas práticas, torna-se capaz de compreender o trabalho no interior do Colégio Interno, assim como também começa a ter vislumbres do trabalho além do Abismo.

Conforme o texto do Novo Testamento (*João 9:4*) citado acima, o Adepto é capaz de distinguir mais claramente o trabalho no Colégio Interno – “*enquanto é dia [LVX], tens de trabalhar [cumprir] nas obras [Verdadeira Vontade] daquele que te enviou [S.A.G.]* – assim como a obra executada pelos membros do Colégio Secreto, além do Abismo – “*chegará a noite [NOX], quando ninguém [Nemo] pode trabalhar*”.



Adeptus Minor 5^o=6^o (Interno)

93.

A relação entre o Adepto e o S.A.G. é um grande enigma, mesmo para o próprio Adepto.

Sua consciência ainda não consegue abarcar o nível macrocósmico do S.A.G., assim como também ele não consegue captar as relações de causa e efeito (cármicas) para com o S.A.G.

É exatamente o estreitamento desta relação, através da Comunhão continuada com o S.A.G., que compõe o trabalho no Círculo Interno.

Muitas das vezes o Adepto desconhece a natureza real do S.A.G. no início do processo de C.C.S.A.G., desconhece o porquê de Suas ações e comandos (e infelizmente por isso não O obedece, cumprindo aquilo que lhe é determinado pelo Anjo).

O C.C.S.A.G. não é uma operação a ser efetuada em determinado dia e hora, com início, meio e fim pré-estabelecidos. É todo um conjunto de práticas, aprendizados, rituais, acertos e erros, ascensões e quedas que podem durar toda uma (ou várias) vidas.

“Conhecer e conversar com o Anjo” significa entender-Lhe a natureza, origem, Sua interação cármica com o humano que há no Adepto, necessidades, passado, presente, futuro, eternidade, até que não reste nada além de jogar-se no Abismo e fundir-se a Deus no final.

Todo este trabalho é realizado nas três Esferas que compõem o Círculo Interno – Tiphareth, Geburah e Chesed (a Beleza da criação, a Intempestuosidade da criação e a Compaixão pela criação).

O Adepto deve retirar sua consciência, por meio de Ruach ha-Qadosh, dos níveis mais grosseiros de atuação da personalidade, e se recolher mais e mais no centro – a Sephirah Tiphareth.

Isto é um retorno à origem. Ali o Adepto comunga com o SAG de forma a se tornar ele próprio – através da União com o S.A.G. – o Deus encarnado na “natureza” e na “criatura”.

93, 93/93.

*Adeptus Minor 5^o=6^o (Interno)***93.**

Outro grande enigma que o Adepto luta, desde o primeiro contato com o S.A.G., para compreender é que o S.A.G. se utiliza do ego do adepto também, já que o ego é o elo de ligação entre ambos a nível mental.

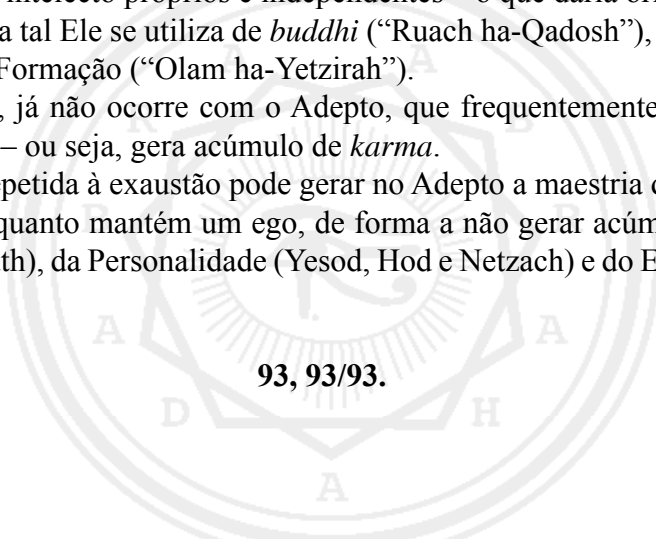
O veículo do ego é Ruach, e é por isso que o Adepto tem de tornar seu ego o mais puro possível, atingindo assim o estado de Ruach ha-Qadosh, no qual o Anjo poderá exprimir-Se e comunicar-Se livremente com o Adepto.

Quando isso ocorre, o Adepto se transforma num profeta (*navi*) na Esfera de Chesed, isento de qualquer impureza em seu ego e no veículo (Alma) deste, o Ruach.

Entretanto, o S.A.G. possui a maestria para utilizar o ego e seu veículo Ruach de forma a não imprimir neles vontade e intelecto próprios e independentes – o que daria origem, se assim o fizesse, a acúmulo de *karma*. Para tal Ele se utiliza de *buddhi* (“Ruach ha-Qadosh”), a Compreensão, a Alma purificada no Mundo da Formação (“Olam ha-Yetzirah”).

Isso, por outro lado, já não ocorre com o Adepto, que frequentemente mistura Personalidade, Ego, Vontade e Intelecto – ou seja, gera acúmulo de *karma*.

Somente a prática repetida à exaustão pode gerar no Adepto a maestria de utilizar *buddhi* e atingir Ruach ha-Qadosh enquanto mantém um ego, de forma a não gerar acúmulo de *karma* pela ação nos Planos Físico (Malkuth), da Personalidade (Yesod, Hod e Netzach) e do Ego (Tiphareth, Geburah, Chesed).



93, 93/93.

Adeptus Minor 5^o=6^o (Interno)

93.

A passividade exigida do Adepto para que este possa captar inicialmente o que é expresso pelo S.A.G. é claramente confirmada pela ação de “ouvir” (a Palavra, a Voz) e “ver” (o Espírito, a Visão), os dois sentidos (audição e visão) de impressão, ou de internalização exclusivamente passiva – em oposição à fala e ao toque que são sentidos de expressão, ou externalização.

Por isso mesmo, normalmente, a Fala é prerrogativa e privilégio de Adeptos além do Colégio Interno, sendo que para os membros do Colégio Interno a prerrogativa é “amar calando”.

Daí advém a máxima que postula que o mais adequado é que ordens iniciáticas sejam formuladas apenas por adeptos além do Colégio Interno, já que somente estes são Mestres na Arte do *logos* (da Fala), e são, portanto, capazes de expressar a iniciação de forma completa e coerente. A isto se chama “amar falando”.

Quando o Adepto aprende a manter passivos Intelecto e Vontade (ou ainda, o constante anseio do ego em externar-lizar-se) por meio de *dhāraṇā*, ele passa a captar de forma passiva a Visão e a Voz do S.A.G.

À medida que este processo é repetido – por meio de práticas diárias! – ele descobre que o próximo passo é inundar o mundo físico com a presença e influência constantes do Anjo.

Ele passa, então, a senti-Lo, ouvi-Lo, cheirá-Lo, vê-Lo a todo o momento e lugar – não de uma forma esquizofrênica e descontrolada, mas de forma sutil e desapercibida aos olhos dos outros, quase de forma poética. Muitas das vezes a presença do S.A.G. é sentida como uma fragrância, um perfume, que inexplicavelmente preenche o ambiente ao redor do Adepto. Ou ainda como um impulso incontrolável de realizar determinado ato.

Isso é assim por que em circunstâncias normais (sem que o Adepto esteja com seu Corpo de Luz no plano ierárquico do S.A.G. no qual ambos podem se comunicar de forma mais clara) a mente consciente atuando no plano físico traduz as “influências” emanadas pelo S.A.G. como estados de consciência ordinários (sob certo ponto de vista).

93, 93/93.

Adeptus Minor 5^o=6^o (Interno)

93.

Perinde ac Cadaver - I

A máxima mística de persistir mesmo sob possibilidade de perecimento por parte do Adepto se aplica plenamente ao Adeptus Minor interno.

Tendo obtido o Conhecimento (Visão) de seu S.A.G. e lutando, a partir de então, para aumentar a intimidade deste Conhecimento através da Conversação (Voz) com o Anjo, o Adeptus Minor freqüentemente vacila sob a necessidade de obedecer às ordens e comandos de seu S.A.G. de forma instantânea.

Mas não é tão óbvio e natural assim que esta obediência ocorra de forma imediata e espontânea por parte do Adepto. Ele deveria já ter obtido um razoável nível de controle de ação e pensamento através de suas práticas em *Liber Jugorum*, assim como na realização de Juramentos durante as Cerimônias Mágicas, pois como Mestre Therion afirma em *Liber ABA*, Parte III, Cap. XVI: “o juramento é a fundação de toda obra em Magia^k, pois este é uma afirmação da Vontade [do magista]”.

Mas Adeptus Minor muitas vezes não obedece de imediato às ordens advindas de seu S.A.G., não por desamor ou por ignorância quanto a Beleza subjacente à sua consecução, mas simplesmente porque sua consciência (seu Corpo de Luz) não está ainda suficientemente atunada à sua Verdadeira Vontade proveniente do S.A.G., assim como também não está suficientemente refinado a ponto de compreender de imediato o comando por detrás da Voz, voz esta que em muitos casos não se faz presente de forma direta, mas sim de forma sutil.

O trabalho do Adeptus Minor interno é exatamente tornar mais frequente esta intimidade com o seu S.A.G., possibilitando que sua consciência se torne cada vez mais sutil e refinado de forma a se tornar capaz de “obedecer” aos comandos instantaneamente.

Um bom exemplo desta inocente “desobediência” pode ser dado no caso de um Adeptus Minor que durante sua meditação “receba” no campo de sua consciência a idéia, proveniente de algum lugar fora do controle que ele tenha obtido com *rāja yoga*, de escrever determinado livro. Esse é um comando do S.A.G. ao qual ele desobedece.

93, 93/93.

10/10/2006 - 06:07

Adeptus Minor 5º=6º (Interno)

93.

Perinde ac Cadaver - II

Neste caso específico de desobediência ao comando do S.A.G., o Adeptus Minor irá receber esta “idéia” em seu campo de consciência de forma mais e mais freqüente, o que pode mesmo perturbar suas meditações e o nível de *dhāraṇā* obtido, o que inclusive pode mergulhá-lo na “Noite Escura”, em determinados casos, dependendo da importância da realização do comando do S.A.G. pelo Adeptus, pois que o Anjo conhece de antemão o impacto que tal ação irá gerar tanto no Microcosmo quanto no Macrocosmo do Adepto.

Enquanto não houver obediência ao comando, ou seja, enquanto o Adepto não aquiescer e colocar em prática a “idéia” de produzir tal livro, sua mente não estará equilibrada novamente.

Por isso, é preciso que o Adeptus Minor aprenda a obedecer os comandos provenientes do S.A.G. de forma cada vez mais instantânea de forma a evitar o desequilíbrio de sua consciência.

Somente quando ele estiver apto a inundar o microcosmo com o equilíbrio proveniente da obediência absoluta e instantânea aos comandos de seu S.A.G., os quais possuem por essência e por meta o cumprimento de sua Verdadeira Vontade a nível microcósmico, estará o Adeptus Minor apto a avançar ao Grau de Adeptus Major 6º=5º, cuja Tarefa é inundar, então, o Macrocosmo com o equilíbrio do cumprimento de sua Verdadeira Vontade através da obediência aos comandos de seu S.A.G. a nível macrocósmico.

Para tal, ou seja, para passar do microcosmo ao macrocosmo, é preciso, antes que o mesmo seja feito, que o Adeptus Minor obtenha a consecução de *dhyāna*.

Por isso o Adeptus Minor deve aprender a obedecer seu S.A.G. “*perinde ac cavader*”.

93, 93/93.

Adeptus Minor 5^o=6^o (Interno)

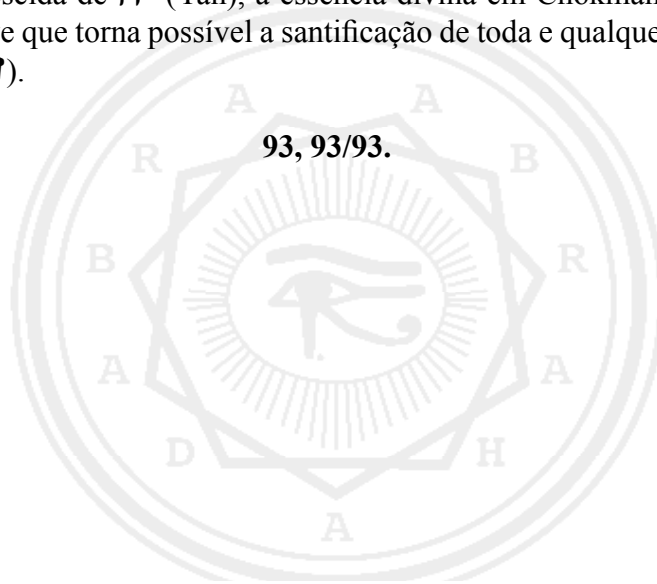
93.

Ordália da Carta XV (“O Diabo”) - II

Liber A’ash sub figura 370, foi assim chamado por causa de sua relação com a Ordália do Diabo.

עש (Ayin + Shin) é “podridão”, “putrefação”, que é o plano ao qual o Adeptus Minor interno deve dirigir-se para daí resgatar e trazer suas mais recônditas idéias e símbolos à santificação através da Comunhão com seu S.A.G.

Que o Adeptus Minor 5^o=6^o interno medite profundamente na razão de Assiah (עשה), o Mundo Material, ser fruto da descida de יה (Yah), a essência divina em Chokmah, na podridão (עש) – e que aqui se oculta a chave que torna possível a santificação de toda e qualquer coisa pelo Divino (יה) mesmo no Material (עש).



Adeptus Minor 5^o=6^o (Interno)

93.

“...o Anjo é um indivíduo real com seu próprio universo, exatamente como um homem”.

“Ele é uma pessoa, um indivíduo macrocósmico”. – *Magia^k Sem Lágrimas.*

O ponto fundamental para C.C.S.A.G. é não esquecer-se nunca que o S.A.G. é um ser.

Ainda que de proporções macrocósmicas, ele é uma Persona no sentido pleno da palavra.

Esta é uma falha frequente em eventuais candidatos a 5^o=6^o que confundem algum conceito ou sentimento, por mais elevado que pareça quando disposto no complexo aparato sentimental humano, com o próprio S.A.G.

Mas existe uma diferença, e um ponto de checagem, fundamental quanto a isto.

O S.A.G. é um ser, possui uma formatação antropomorfa (até certo ponto, e sob determinado ponto-de-vista), possui identidade macrocósmica, embora ainda assim seja fruto de uma relação sujeito-objeto.

Normalmente um Adepto 5^o=6^o não é capaz de se certificar qual a estória deste “ser macrocósmico”, se possui um corpo físico, mesmo se obteve algum corpo um dia, ou de que “plano” exatamente se origina sua manifestação, etc

É muito complicado afirmar que o S.A.G. seja um humano que foi além do humano (*jīvamukti*), ou um ser que jamais se tornou humano (*devatā*), ou um Adepto de ordem muitíssimo avançada que não necessita mais se manifestar fisicamente (*sambhogakāya*), ou ainda um ser que, embora encarnado fisicamente, tenha atingido o nível de tornar-se um S.A.G. (*mahāsiddha*).

A opinião de cada Adepto 5^o=6^o vai depender da sua relação com seu próprio S.A.G. à medida que “comunga” com o mesmo, e com a intimidade que tal proximidade traz.

Mas não se deve confundir, como muitos fazem, sentimentos intangíveis e arroubo poéticos com a consecução do C.C.S.A.G.

O próprio Mestre Therion alertou muitas vezes quanto a isso, mas também por motivos que ele explicou claramente não é possível dar a resposta final.

Mestre Therion chegou mesmo a considerar que o S.A.G. possa ainda assim ser uma manifestação da Yechidah, a Luz de Kether, mas isso não responde de todo a questão.

93, 93/93.

Adeptus Minor 5^o=6^o (Interno)

93.

AROTA - I

“E todos os raios da roda saem em tropel até mim, e sou explodido e cegado pela luz. Sou lançado dentro da roda. Sou um com a roda. Sou maior que a roda”. – Liber 418, 20^o Éter.

O Adeptus Minor 5^o=6^o interno descobre durante sua jornada o real significado do Atu X, “A Roda”.

Ele percebe que sempre cumpriu eternamente sua Verdadeira Vontade, que não existe passo que possa dar que não esteja no Perímetro de seu Círculo Mágico, de sua Verdadeira Vontade.

Na verdade, ele compreende, então, que ele é que não tinha consciência disto, e se esforçava por cumprir o que era cumprido naturalmente.

A mente do Adepto durante toda sua ascensão espiritual pela Árvore da Vida é alargada somente para torna-lo capaz de “enxergar” seus passos, mas ele sempre perambulou no Perímetro de seu Círculo Mágico. É por isso que se diz que o S.A.G. se deleita tanto nos erros quanto nos acertos de seu Adepto, porque da perspectiva d’Ele não existe desvio nunca, apenas desconhecimento por parte do Adepto de que ele cumpre exatamente sua Verdadeira Vontade.

Isto não significa que o Adepto esteja “amarrado” porque ele tem o Livre Arbítrio de circular por todo o Perímetro de seu Círculo Mágico, que é enorme, quase infinito, pois abarca o todo da Criação.

O Círculo Mágico é um dos símbolos mais importantes, em relação à sua “transcendência”, para o Adepto porque ele engloba toda a manifestação em todos os planos físicos e não-físicos – que é o “playground” do S.A.G. para suas encarnações.

O Cubo Mágico, por outro lado, é mais fixo e estável, pois é relativo a uma determinada “encarnação” do S.A.G. para um propósito específico dentro do todo do Círculo. Ou seja, o Cubo é uma etapa do cumprimento da Verdadeira Vontade – um dos muitos Raios da Roda.

93, 93/93.

Adeptus Minor 5º=6º (Interno)

93.

A ROTA - II

“Pois a impressão é a de um jovem dançando e tocando música. Mas debes entender que ele não está fazendo isso, pois ele está parado. Mesmo a mão que gira a roda não é a sua, mas apenas uma mão energizada por ele”. – Liber 418, 20º Éter.

A Criação, a Roda, origina-se de um Ponto Concentrado, um Eixo, manifestando-se em um Perímetro aparentemente muito maior do que o próprio Ponto – embora essencialmente Eixo e Perímetro, Had e Nuit, sejam idênticos.

E deste Eixo saem Raios (Encarnações) que podem no máximo tocar a extremidade do Perímetro, com o objetivo de, ao estabilizar um dia todo este Perímetro (cumprindo integralmente a Verdadeira Vontade), retornar ao Ponto Axial, desfazendo-se, assim, o Perímetro.

O retorno ao Eixo é inevitável. Isso acontece com tudo no Universo. O Adepto só faz apressar este processo que, caso contrário, levaria uma “eternidade” (aos olhos do Adepto); por que para o Eixo, o tempo entre manifestar-se como Perímetro, Raios, etc., e depois desconstruir a “roda”, é ínfimo, menor do que um mero piscar de olhos.

Esse retorno inevitável é o Mistério do 2 de Discos no Tarô – a mudança em Chokmah e o Grau do Magus 9º=2º com o seu Mistério da Estabilidade, cujos vislumbres foram obtidos pelo Adepto quando no Grau de Zelator 9º=2º.

Mestre Therion afirma que “a mudança [Chokmah] é o sustentáculo da estabilidade [Yesod]”.

Eventuais desobediências por parte do Adepto aos comandos advindos de seu S.A.G. são perturbações que só afetam ao próprio Adepto, porque retardam seu avanço rumo ao centro do Eixo. Mas em relação ao S.A.G. estas desobediências nada representam, pois ainda assim o Adepto permanece no interior do Perímetro de seu Círculo Mágico, de sua Verdadeira Vontade.

O que ocorre quando não há uma obediência imediata à Voz do S.A.G. é que o Adepto não é capaz de compreender o todo da natureza e propósito macrocósmicos de seu S.A.G.

Mas como está em *O Coração do Mestre*: “o eixo não se move: obtenha o mesmo”.

93, 93/93.

Adeptus Minor 5^o=6^o (Interno)

93.

“Seu Anjo o levará sem demora ao cume da Ordem da R+C, e torná-lo-á pronto a encarar o inexprimível terror do Abismo que jaz entre a Humanidade e a Divindade; [o Anjo] o ensinará a Conhecer aquela agonia, a Ousar seu destino, a Querer aquela catástrofe, e a manter Silêncio para sempre no momento em que ele cumpre o ato de aniquilação”.

O Adeptus Minor interno deve estar consciente de que os comandos de seu Anjo visam tão somente harmonizá-lo de forma a prepará-lo para a próxima grande crise de sua carreira espiritual – o Abismo.

Ele deve meditar sobre a experiência de outros Adeptos por esta mesma etapa crítica rumo à Cidade das Pirâmides e se preparar em todos os planos, pois mais do nunca e além de todos os casos, “a ordália de elevação não é fácil”.

Ele deve estudar particularmente *2 Reis* 2:1-16. No relato de ascensão de Elias ao céu e de sua sucessão por Eliseu existe muito do processo de travessia do Abismo.

Assim também ele deve estudar Deuteronômio,32, quando Moisés, pouco antes de morrer, dita sua doutrina como um Magister Templi ao Colégio Interno, sobretudo a Josué, em seu *Cântico de Moisés*: “Escutai, céus, eu vou falar; escuta, terra, as palavras da minha boca; desça como chuva a minha doutrina, destile como orvalho a minha palavra”.

O Adeptus Minor deve atentar minuciosamente para os símbolos em ambas as narrativas, pois Moisés e Josué encontram-se diante do rio Jordão: Josué passará adiante para viver, Moisés permanecerá para morrer no monte Nebo. Elias também morre no monte Nebo. Elias e Eliseu atravessam o Jordão, mas apenas Eliseu retorna, pois Elias é erguido aos céus numa carruagem de fogo. Josué é investido por Moisés antes de morrer ao receber o cajado dos milagres. Eliseu é investido, quando da morte de Elias, recebendo seu manto dos milagres. Ambos, manto e cajado, possuem os poderes para abrir as águas do rio Jordão.

Deles é dito: “recebeu-os como sacrificio de holocausto” e “Deus o levou, o arrebatou”.

93, 93/93.

Adeptus Minor 5^o=6^o (Interno)

93.

“A consagração de si mesmo como um veículo puro para a influência da Ordem a qual ele aspira”. – *Uma Estrela à Vista*, § 8.

O Adepto no interior do Círculo Interno tem de se preparar profundamente para a próxima grande crise de sua busca espiritual.

O obtenção desta “pureza” de seu Corpo de Luz só poderá ser atingida quando ele obtiver também a consecução em sua Passagem pelo Deserto.

O Adepto, até que chegue este dia, deve estudar os relatos de Adeptos que passaram por esta mesma ordália.

Sobretudo ele deve estudar as provas relatadas sobre o Iniciado no Deserto conforme é descrito nas escrituras cristãs, em *Deuteronômio* sobre Moisés, e em *I Reis* para Elias, os quais todos relatam exatamente a mesma crise.

Os três iniciados (Jesus, Moisés e Elias) foram submetidos a três provas no Deserto – a prova mágica da fome (a nível astral), a prova mística do caráter (a nível mental), e a prova dogmática da dúvida de sua consecução (a nível espiritual).

Para todas, e aos três Iniciados, lhe são exigidas que abram mão de seu poder (seu S.A.G.) – a um exige-se abrir mão de sua divindade no pai; ao outro, de seu poder de profecia; e a outro ainda, de seu poder temporal.

O Adepto deve, sobretudo, estudar qual o caminho que levou estes Adeptos até as provas, assim como também que eles precisaram colocar outro em seu lugar antes de passar adiante.

Elias passou falsos profetas a fio e teve de enfrentar a ira de Jezabel no Deserto por quarenta dias, quando, então, antes de erguer-se aos céus, teve de estabelecer Eliseu em seu lugar.

Moisés confrontou o Faraó e passou 40 anos no deserto, só lhe sendo permitido descansar, ao reafirmar a aliança e erguer Josué em seu lugar.

Jesus enfrentou o Diabo no deserto por quarenta dias, e só lhe foi permitido subir aos céus após erguer Pedro em seu lugar.

Todos estes relatos são importantes, mas existem muitos outros que podem ser de grande valia também. Sobretudo, deve-se buscar os relatos “espirituais” de Adeptos nestas condições.

93, 93/93.

Adeptus Minor 5^o=6^o (Interno)

93.

“O filho do próprio Deus - os homens pensaram – falou, então: Ergue-te, bravo soldado! Tu venceste a justa jamais concedida a homens mortais. Ergue-te, Sir Palamedes, adepto! Cristão, agora, e não mais sarraceno!”

Do Adeptus Minor 5^o=6^o interno é dito, em *Uma Estrela à Vista*, que “ele deveria ser um mestre em *dhyāna*”.

Existem vislumbres importantes do que isso significa e porquê esta é a consecução exigida de um Adeptus Minor interno em *Liber ABA*, Parte I, Cap. VI, ao ser dito que “*dhāraṇā* prende à mente um objeto específico. *Dhyāna* é um fluxo ininterrupto de conhecimento deste objeto”.

A consecução em *dhyāna* é uma evolução natural do *dhāraṇā*, a concentração que permitiu ao Adepto acessar seu S.A.G. Quanto maior a intimidade desta Comunhão com seu S.A.G, mais desenvolvido torna-se sua concentração, até que em determinado momento ocorre um fenômeno na mente do Adepto que o faz, como um relâmpago, obter muito mais informações da natureza de seu S.A.G. e de sua Verdadeira Vontade – este jorrar ininterrupto de informação, revelando muitas das facetas de sua relação com seu S.A.G., nesta e em outras encarnações, é chamado de *dhyāna*.

O Adepto, ao aprender a manter este “fluxo ininterrupto” durante sua Comunhão com seu S.A.G. (mediante o ritual que lhe foi entregue pelo mesmo para acessá-lo quando da consecução do C.C.S.A.G.), deve também praticar este mesmo processo durante sua meditação, expandindo sua proficiência a outros processos mentais além daquele realizado durante sua Comunhão com o S.A.G.

Mestre Therion deixa isso claro ao afirmar que, ao meditarmos, percebemos um objeto variável e um sujeito invariável. E que o sucesso em *dhāraṇā* torna o objeto tão invariável quanto o sujeito, e que somente a partir daí se pode obter um real conhecimento do objeto – *dhyāna*.

Sobretudo, não devemos esquecer que a consecução em *dhyāna* é fundamental para o progresso do magista adiante, pois “o fator mais importante em *dhyāna* é, não obstante, a aniquilação do ego”.

93, 93/93.

Adeptus Minor 5^o=6^o (Interno)

93.

“Que a cada ano, no advento do dia C., eles se reúnam na casa Sancti Spiritus, ou que justifiquem a razão de sua ausência”. – Fama Fraternitatis.

Todo Adeptus Minor 5^o=6^o interno tem o dever de estar preparado para reunir-se com seus iguais no que é conhecido como dia “C”, um dia santo para todo Adepto.

Dia “C” não é o dia de Corpus Christi como se supõe a princípio.

Este dia “C” é o centésimo dia astrológico, contado a partir do primeiro dia do ano astrológico que se inicia com o Equinócio de Verão, quando o Sol adentra a casa de Áries, em torno de 21 de março a cada ano.

Cem dias após o início do ano astrológico corresponde mais ou menos a 27-28 ou 28-29 de junho, dependendo de quando ocorreu o Equinócio de Verão.

Neste período o Sol estará na Constelação de Câncer, que é o Atu VII, “O Carro”, ao qual é atribuído a letra Cheth – esta é a casa do Espírito Santo.

O *Sepher Yetzirah* chama o caminho do Atu VII de Sekhel Beth ha-Shepha (o “Caminho da Casa da Influência”). Mas שֵׁפָה (*shepha*) é sobretudo “abundância”, como em *Deuterônimo* 33:19: “pois exploram a abundância do mar”, ou seja, o Espírito Santo em Binah, que é Cheth, o 18^o Caminho, o caminho de Geburah a Binah.

Além disso, o primeiro decanato de Câncer está sob a influência do 2 de Copas, que é o Senhor do Amor. Na verdade, Mestre Therion em seu *Livro de Thoth* retifica o nome deste arcano menor ao afirmar que ele deveria ser renomeado para “Senhor do Amor sob Vontade” – e este é o símbolo real de Verdadeiros Adeptos, pois que aqui Júpiter está exaltado.

Neste centésimo dia a Casa do Espírito Santo estará aberta, e adeptos devem participar do Dispensário de Babalon, que é a Taça (Cheth) na qual eles devem, por fim, derramar até a última gota de seu Sangue.

Que o Adepto se permita à comemoração deste “Dia do Espírito Santo” toda vez que o Sol completar seu ciclo de peregrinação anual, pois existe “abundância de graça” nesta comemoração do “amor sob vontade”.

93, 93/93.

*Adeptus Minor 5º=6º (Interno)***93.**

O Adeptus Minor 5º=6º, embora não precise se aventurar pelos três caminhos que tocam Tiphareth rumo às Sephiroth além do Abismo, deve estudá-las e compreendê-las o máximo que sua consecução permita.

Que ele perceba que estes três influxos de além do Abismo formam um todo equilibrado, como tese (Caminho 17, “Os Amantes”), antítese (Caminho 15, “A Estrela”) e síntese (Caminho 13, “A Sacerdotisa”).

Zain e He

Existem três níveis de consumação alquímica simbolizadas no Tarô: os Atus VII (“Os Amantes”, caminho 17), XIV (“A Arte”, Caminho 25) e XVII (“A Estrela”, Caminho 15) – todos transmutam algo no interior de seus “vasos”.

A reformulação por Mestre Therion do Atu XVII, “A Estrela”, para o 15º Caminho de He equilibrou o 17º Caminho do Atu VII, “Os Amantes”, exatamente por isso – pois cada um destes dois Caminhos forma as laterais de um triângulo invertido cujo vértice deste triângulo alquímico invertido toca o 25º caminho, o Atu XIV, “A Arte”.

E quem seria o “condutor” de todo este processo alquímico, o coração da Grande Obra? O S.A.G. em Tiphareth (que está no centro deste triângulo invertido), que para todo thelemita é simbolizado em Ra-Hoor-Khuit.

Mas a base do triângulo é o Caminho 14, “A Imperatriz”, que juntamente com o Caminho 13, “A Sacerdotisa”, que o cruza ao meio formando uma cruz, estabelece as coordenadas de Daath, a Sephirah oculta.

Gimel

Normalmente toma-se a Sacerdotisa como “o deserto”, mas na verdade, ela é apenas o veículo no qual se atravessa o deserto, o qual é formado pela interseção com a Imperatriz, a reunião de Daleth e Gimel.

A tradição judaica possui um ditado que “Gimel representa um homem rico que persegue um homem pobre [Daleth] para lhe dar esmolas”.

Porque Gimel é rico? E de quê? O caminho de Gimel é a abundância de poder divino, correndo livre e sem bloqueios (a não ser no cruzamento com o caminho de Daleth), transbordando com a graça divina jorrando de Kether, é o Espírito Santo.

גמל (Gimel) é também “dar”, “recompensar”.

93, 93/93.

Adeptus Minor 5^o=6^o (Interno)

93.

Daleth

Daleth é a Porta, a Morte e o Nascimento. Surpreendentemente, a primeira ocorrência de Daleth como Nascimento e Porta está em *Gênesis* 4 (Daleth). Eva e Adão se unem e Eva dá á luz Caim. Em hebraico a palavra “deu à luz” (תִּלְדָּ) é apenas uma permutação de דַּלֶּת (Daleth). A raiz desta palavra é significante, pois יָלַד (*yalad*) soma 44, que é também a gematria de אָב + אִמָּ (Pai + Mae), e 44 é também דָּם (“sangue”). Daleth é “o pobre” que Gimel persegue sem tréguas para distribuir-lhe um pouco de sua riqueza.

Neste Capítulo 4 do *Gênesis* também está o derramamento de sangue de Abel ao ser imolado por Caim. Assim como também, o desterro na punição de Caim, que é quando ocorre a primeira maldição de desterro por terras inférteis (deserto). Caim se torna um fugitivo, que em hebraico se diz נוֹעַ (*nuva*).

A partir daí, נוֹעַ (“vagar sem rumo”) será utilizado para designar peregrinação no Deserto, como em *Números* 32:13: “E Deus os fez vagar pelo deserto por quarenta anos”. E depois, Elias, o Cristo, todos precisaram vagar pelo Deserto de Daleth por quarenta períodos, 40 sendo a manifestação máxima (x 10) de Daleth.

Em *Gênesis* 4, Deus põe uma marca sobre Caim. Marca em hebraico é אוֹתָהּ (*auth*), 407, que é também אָרוּר (“maldição”), 407. Mas אוֹתָהּ também significa “de Aleph a Tau” (אֵת-וְטָו), o todo da criação. A palavra אוֹת como sinal também é usada em *Genesis* 1:14 no quarto (Daleth) dia da criação quando Deus afirma que as luzes (consecuções) no firmamento (nos *cakras*) serão sinais das estações (etapas de desenvolvimento).

Tudo isso é Daleth e “o deserto”. Mas o Adeptus Minor 5^o=6^o interno deve meditar em todas estas correlações, para que muitas outras apareçam e o elevem.

Pois a Cruz formada por Gimel (“A Sacerdotisa”) e Daleth (“A Imperatriz”), no qual o ego se fixará a fim de adentrar o Colégio Secreto, é infinitamente mais dolorosa do que a Cruz formada por Samekh (“A Arte”) e Peh (“A Torre”), na qual a personalidade do adepto foi fixada para que ele adentrasse o Colégio Interno.

93, 93/93.

*Adeptus Minor 5°=6° (Interno)***93.**

E ainda assim, o Adeptus Minor 5°=6° interno deve também estudar os três Caminhos horizontais na Árvore da Vida, pois que eles são reflexos cada vez mais condensados, à medida que descem rumo a Malkuth, de uma mesma ordália, a suprema ordália do retorno através da destruição, pois todos os três são portais, pontes, que podem tanto equilibrar quanto destruir.

Estes são os Caminhos de Daleth (“A Imperatriz”), de Teth (“A Raptura”) e de Peh (“A Torre”), pois Marte no 27° Caminho de Peh precisa obter a raptura do 19° Caminho de Teth para se unir novamente a Vênus no 14° Caminho de Daleth.

E que, sobretudo, sua consecução e suas meditações lhe demonstrem que Daleth (4) + Teth (9) + Peh (80) = 93, um número santo entre todos os números. Amor sob vontade.

Theth

Que ele atente que com a letra Teth se escreve “Tov” (טוב), quando Elohim declarou durante os dias da criação: “E Elohim viu que era bom”. E que טוב soma 17, mas também ט ו ך (Teth e Beth) somam 11! O Atu XI, “A Raptura”. E também pode significar ט ו ך (Teth sobre Beth), Babalon sobre a Besta em Chokmah, que juntos originam o Homem (אדם = 45, pois 9/2 = 4.5).

E que também Teth é 9, e nove são os meses que a Mãe (Daleth) precisa para dar à luz (תלד), quando o Messias é vindo pela “porta” (Peh).

Peh

Peh representa Parousia, o advento divino, a profecia da vinda do Messias. Pois a letra Peh representa um portal, uma passagem no sentido de Pey (“boca”, “sopro”), Petah (“abrir”, “porta”), Petsah (“irromper”, “espalhar”), e Pa’ar (“escancarar”).

Com a letra Peh também se escreve Pani (“Face”), a face de Deus da qual Caim grita “Eu estarei oculto da face de Deus!” (אסתיר, Aster, ou Esther). Que o Adeptus Minor 5°=6° interno medite neste versículo e não se perca na esterilidade da ausência divina, e obtenha a consecução de “ver seu Deus” ainda que ausente de Sua Face.

Todos os três Caminhos horizontais são Portais de Iniciação, assim como os verticais são Portais de Elevação.

93, 93/93.